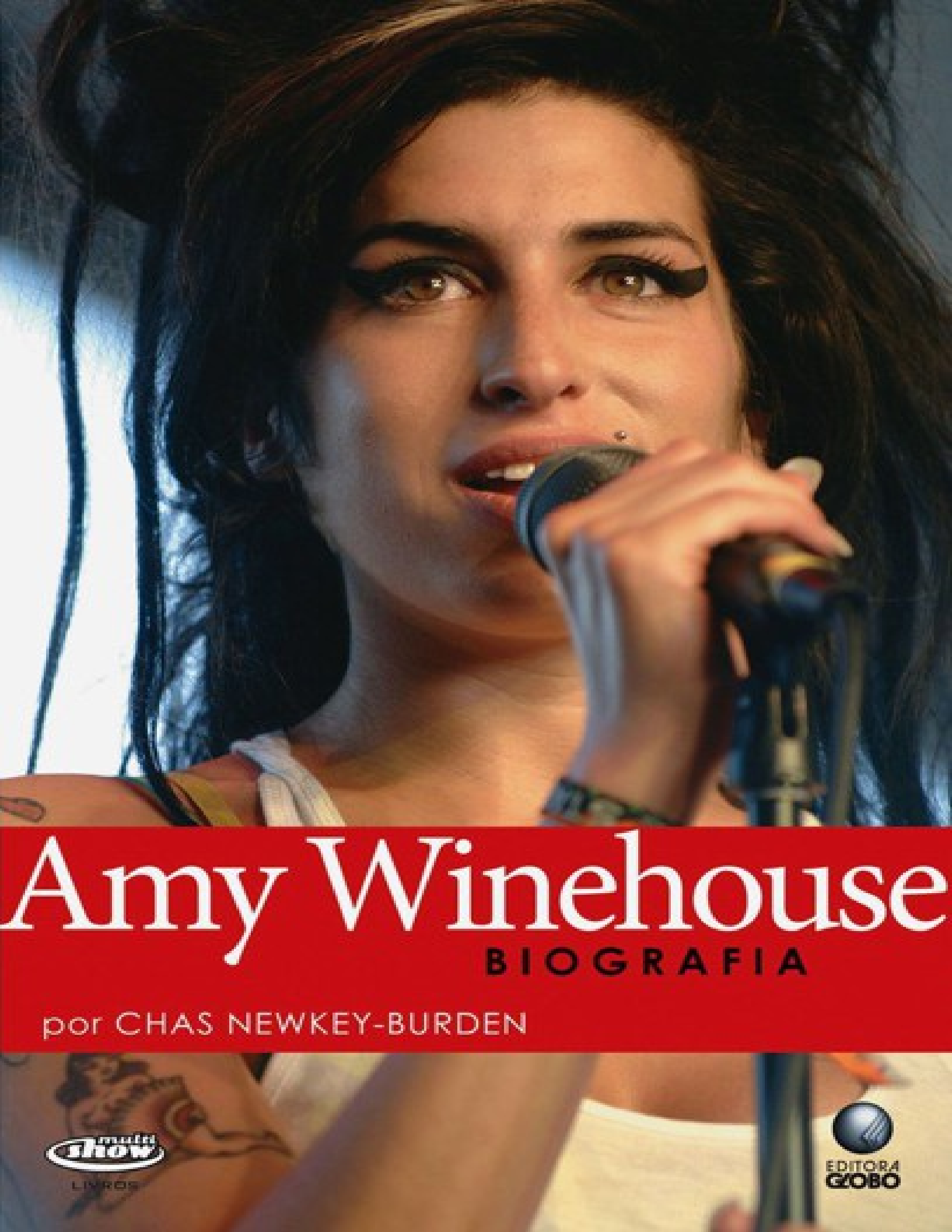


A close-up portrait of Amy Winehouse singing into a vintage-style microphone. She has her signature beehive hairstyle and is looking slightly upwards and to the side. The background is dark and out of focus.

Amy Winehouse

BIOGRAFIA

por CHAS NEWKEY-BURDEN


small show
LIVROS


EDITORA
GLOBO



Amy Winehouse

Chas Newkey-Burden

Amy Winehouse

Biografia

tradução:

Helena Londres



EDITORA
GLOBO



Copyright © 2008 by Chas Newkey-Burden
Copyright © da tradução 2008 by Editora Globo S.A.

Título original: Amy Winehouse — The Biography

Preparação e revisão: Maria Sylvia Corrêa e Marcia Silva Cherri

Editoração eletrônica: Lara Bush

Capa: Claudia Xavier

Foto da capa: Tim Mosenfelder/Corbis/LatinStock

Diagramação para ebook: Xeriph

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — por qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

ISBN 978-85-250-5079-3

Editora Globo S.A.

Av. Jaguaré, 1485

São Paulo, SP, Brasil

CEP 05346-902

www.globolivros.com.br

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Agradecimentos

Prefácio

Introdução

1 Nascida para ser indômita?

2 A rainha do teatro

3 Tudo que seu mestre mandar

4 Para ser franco

5 De volta nos trilhos

6 Cai fora!

7 Uma parceria civil?

8 O sonho americano

9 Sem dormir até Brighton

Epílogo

*Gostaria de agradecer a todos aqueles que me concederam
seu tempo em entrevistas, entre eles Julie Burchill, Garry Mulholland, Paolo Hewitt, Mark
Simpson e Zeddy Lawrence,
que ajudaram a acrescentar cor, insight e clareza à história.
Agradeço a Stuart Robertson e a John Blake pela proposta.
A Andy Armitage pela editoração. À minha família e aos meus amigos pelo apoio. Em
particular, a David J. Brown por
seu encorajamento e “Ahhhs”, e a Katie Glass, pelas constantes notícias breves “você viu
isso?” sobre Amy.
Finalmente, gostaria de agradecer a Chris por tudo.*

Prefácio

Quando ficou sabendo que, durante uma reunião das Nações Unidas, fora considerada responsável pela pobreza africana, foi que Amy Winehouse entendeu que já tinha ouvido de tudo. Durante muito tempo, essa talentosa cantora fora uma obsessão para a imprensa sensacionalista e aprendera a conviver com a fúria implacável dessas publicações. Entretanto, quando Antonio Maria Costa, o presidente do Departamento de Drogas e Crime das Nações Unidas, mencionou-a, dizendo que ela glamorizava o uso das drogas e provocava desse modo “mais um desastre na África”, ela deve ter achado que o mundo enlouquecera.

A reportagem apareceu em uma hora movimentada da vida de Amy — um período de atividade estranho, bem como maravilhoso e lastimável. A mídia, claro, estava ali para documentar cada momento desse período. Ela chamou sua platéia de “b*****a de macaco” durante um espetáculo caótico em Birmingham, e, naquela mesma noite, um espectador travestido foi expulso do recinto, embora afirmasse com insistência que poderia cuidar de Amy enquanto o marido dela estava na prisão. A maior parte dos repórteres e fãs tinha pouca coisa de bom a dizer sobre a apresentação; sobrou — de um modo um tanto bizarro — para Andrew Lloyd Weber e David Foster a defesa de Amy, insistindo, como insistiram, que a apresentação tivera muitos méritos. Para aumentar ainda mais a atmosfera surreal, Lloyd Webber escreveu uma carta aberta a Amy nas páginas da revista *Hello!*.

Não que o apoio do maestro significasse que a mídia iria dar um fresco a Amy. Um jornal alegou que uma tampa de garrafa queimada fora lançada do ônibus da cantora, e outro perguntou: “É falta de educação perguntar se você andou empoando o nariz, Amy?”, depois que ela foi fotografada com um círculo branco sob a narina. Na época em que o vídeo de um show então recente apareceu na internet, no qual ela tirava alguma coisa da bolsa e levava ao nariz, ninguém parecia interessado em admitir que, estudadas mais de perto, as imagens pareciam mostrar nada mais sinistro que ela limpando o nariz com um lenço de papel.

Logo, Amy causaria outras caras de desaprovação. “Nossa famosa amiguinha está fumando no toalete”, miou uma aeromoça azeda durante o voo de Amy à Escócia. Naturalmente, vozes alteradas se ouviram quando a cantora abriu caminho pelo aeroporto. Notícias de que seu empresário no tour se demitira pouco contribuíram para acalmar as coisas, e em pouco tempo a família dela demonstrava crescente preocupação. Seu irmão, Alex, apareceu na televisão, contando aos telespectadores da gmtv que Amy estava bem; e então, depois que ela voltou à capital, seus pais chamaram uma ambulância logo depois que ela desapareceu. Um rumor doentio de que a cantora de 24 anos morreria de overdose percorreu a internet.

Entretanto, Amy estava viva e recebia a ajuda e os aplausos de todo tipo de gente. Cheryl

Cole, da Girls Aloud, falou do talento de Amy; Simon Le Bon, do Duran Duran, disse que ele queria lhe dar uma boa alimentação e admitiu que estava preocupado com os peitos dela. (Rapaz impetuoso!) Aí, os roqueiros do Queens of the Stone Age, lhe fizeram homenagens ao vivo no palco. Sua notoriedade se tornava verdadeiramente global. Não é de espantar que tivesse sido eleita a “Mais rápida estrela em ascensão” por uma grande revista norte-americana de entretenimento.

De volta ao palco, Amy dedicava canções ao marido preso, Blake. “Só posso telefonar para ele antes ou depois da novela EastEnders”, disse ela à platéia com um humor pensativo. Fora dos shows, ela se matriculou em aulas de ioga e deu risadinhas quando soube que a controversa estrela do Big Brother, Jade Goody, e seu companheiro tinham posado para fotos vestidos como Amy e Blake. Isso não era nem a metade do ridículo que se poderia imaginar. Finalmente, a mídia relatou com algum choque as tumultuosas notícias de que Amy pegara um táxi para casa depois de um concerto em Brighton. “Era realmente estranho”, disse uma abalada testemunha ocular. Firme na primeira página!

Entre ser acusada pela pobreza na África ao atordoamento pelo choque que era viajar de táxi pelo litoral sul, passando pela tampa de plástico queimada, Simon Le Bon e muito mais, aquela tinha sido uma semaninha tumultuada na vida de Amy.

Introdução

Ela nos disse que era uma encrenca, mas sabemos que é muito boa. Amy Winehouse é uma das artistas mais talentosas, honestas e interessantes que já apareceram no cenário musical do Reino Unido. Vendeu milhões de discos, conquistou numerosos prêmios e ganhou o respeito da crítica de todas as idades, gostos e fãs-clubes. A habilidade em escrever letras e a voz rica, comovente, fazem com que fique muito acima de seus concorrentes. Entretanto, nos últimos anos, Amy é menos conhecida pela linda voz e as canções maravilhosas que por seu estilo de vida hedonista, controverso.

Em uma de suas canções, Amy fala de morrer um monte de vezes. Sem dúvida, já teve um bom quinhão de vidas. Com apenas 24 anos, a dinâmica diva ganhou mais prêmios de música, brilhou em mais manchetes de tablóides e escreveu mais canções memoráveis do que a maior parte dos artistas consegue em uma vida inteira. Sim, sua biografia e o sucesso tiveram de pagar algum preço, mas, embora isso às vezes tenha sido difícil para ela, para quem deseja ler um livro sobre a história de sua vida, trata-se de uma boa perspectiva pois promete muitas tragédias e acontecimentos.

A imagem musical de Amy desafia estereótipos e classificações. Sua música, no início mergulhada firmemente na tradição do jazz, se tornou cada vez mais multifacetada, absorvendo funk, soul, R&B e hip-hop, entre outros gêneros. Assim como a música desafia classificações, sua imagem mais ampla, também. Toda semana, Amy pode ser estampada na primeira página de um jornal pela fofoca de sua última indiscrição, fotografada em uma revista de celebridades saindo de um bar, ter sua música discutida em hebdomadários musicais, ser paparicada como ícone musical nas páginas de jornais mais sérios, durante bate-papos intelectuais em estações de rádio elegantes. Ela é, sob todos os aspectos, uma gloriosa massa de contradições. Como diz o famoso músico Garry Mulholland, Amy “soa afro-americana: é judia britânica. Parece sexy: não encarna o papel. É jovem: soa velha. Canta sofisticado: é grossa ao falar. Musicalmente suave: com letras detestáveis”.

Seu produtor, Mark Ronson, estende-se sobre a natureza multifacetada de Amy. “Tive o privilégio de trabalhar com uma pessoa como Amy Winehouse, que é uma personagem muito icônica e tem tom moderno”, diz ele. “Qualquer outra pessoa teria um tom do tipo pastiche retrô.” Sua avaliação não é de surpreender, é exata. Seu som pode estar firmemente enraizado no jazz tradicional e no soul das profundezas do século xx, mas o assunto de suas canções traz temas marcadamente do século xxi: mulheres de jogadores de futebol, desintoxicação, camisetas de Beastie Boys. Quanto à Amy, ela se descreve como tudo, desde “muito maternal” até “uma horrenda bêbada idiota”.

Há ainda seus controvertidos shows. Em primeiro lugar, a suprema confiança: veja a expressão altiva, quase desdenhosa, que ela apresenta durante a primeira frase da abertura *a capella* de “Me and Mr Jones”. Mesmo assim também pode parecer encantadora de tão vulnerável e desconfortável no palco, sempre ajustando o vestido e — é claro — muitas vezes chegando à cena depois de tomar inúmeros drinques, certamente um sinal de nervosismo ou de qualquer outro problema.

O *LA Weekly*, ao descrever um concerto que ela deu no Sunset Strip, escreveu:

Especialmente interessante no show foi o jeito como Winehouse lidou com seu nervosismo — além dos goles frequentes de um copo na beirada do palco. Ela olhava muito para baixo, no palco, depois olhava para cima com um desdém ou um beijo que evocava mulheres fazendo bolas de chiclete, os olhos das Ronettes às putas de bar, namoradas de gângster e motoqueiras. Mas havia também alguns instantes passageiros, quando ela avaliava seu desempenho: seus olhos se apagavam, e ela se escondia por trás deles. Mesmo assim, aquela voz — o som de dentes misteriosamente desaparecidos, pórticos do Harlem hispânico no verão e declarações de amor eterno — nunca vacilou e nunca foi menos do que fantástica.

Seus verdadeiros fãs absorviam todas as suas contradições, boas e más. É raro um fã-clubê mais fiel que o de Amy. Ela pode até cantar uma canção falando só de amizade, mas sua relação com os fãs de verdade é de amor, apesar das reportagens sobre fãs insatisfeitos durante o tour do inverno de 2007 na Grã-Bretanha.

Além disso, ela tem reinventado sua imagem com sucesso. Na primeira vez em que pisou sob um refletor, Amy era uma jovem princesa judia de rosto fresco. Protegida de Simon Fuller, o guru do programa de televisão britânico *Pop Idol*, tinha uma voz muito madura para sua idade e tinha um agradável jeito curvilíneo e bem comportado. Bom, um tanto bem comportada. Depois que saiu seu primeiro disco, Amy desapareceu. Mais tarde voltou como uma estrela mais esbelta, fria e decididamente mais sombria. Coberta de tatuagens como uma enorme teia de aranha e uma natureza imprevisível, ela estava a um milhão de quilômetros de distância de seu eu anterior. Quando um apresentador de televisão disse-lhe quanto ele gostara e se entendera bem com a “primeira” Amy durante a entrevista que fizera com ela no programa *Popworld* do Canal 4, ela riu e disse: “Essa Amy morreu”.

Mas será que a velha Amy está realmente morta? “Sou uma garota legal”, protesta ela. “Todo mundo diz que não presto, mas, o que aparece nos jornais é apenas a parte ruim. Se eu preparasse um jantar para doze dos meus melhores amigos e tivéssemos uma noite adorável sem fazer nada além de conversar e rir, isso não ia sair nos jornais, não é?”

“Esse é o tipo de pessoa que realmente sou. Na verdade, não passo de uma dona-de-casa judia. Só que estou trabalhando tanto que fica difícil tomar conta do bebê”, disse, referindo-se ao seu namorado da época. “Outro dia, tive um dia de folga depois de muito tempo, e tudo o

que fiz foi ficar em casa e cozinhar o dia inteiro para meu namorado, minha família, meu pai, meu agente, limpar a casa. É isso que gosto de fazer.”

Se uma única canção resumisse a nova Amy, esta, claro, seria “Rehab”. Eis ali o seu melhor humor desafiante, controverso e sincero. Seu primeiro disco até se chamou *Frank* — em referência tanto ao herói dela, o sr. Sinatra, quanto à franqueza das letras de suas músicas —, mas, com “Rehab” (tirada de seu segundo disco), ela estava no auge da franqueza. Além disso foi um daqueles momentos pelos quais um artista faria qualquer coisa: um instante que capta tudo o que se quer em uma canção. Sua entonação em “no no no” se tornou onipresente pelo país inteiro.

Amy é uma adepta convicta da escola filosófica que diz que, se alguém analisar e discutir o próprio talento mágico, corre o risco de perdê-lo. Entretanto, ela se alonga quando explica como escreveu “Rehab”, e faz com que o processo pareça simples. “Eu apenas cantei o refrão bem alto, de brincadeira. Era bem bobo, na verdade”, ela dá de ombros. “Cantei a frase inteira exatamente como saiu no disco! Mark [Ronson] riu e me perguntou quem tinha escrito isso, porque ele gostara. Eu lhe disse que acabava de inventar, mas que era sincera, e ele me encorajou a transformá-la numa canção, o que me tomou cinco minutos. Não foi difícil. Falava do que minha antiga agência queria que eu fizesse.”

Será que é mesmo tão simples escrever uma canção que combina um refrão maravilhosamente contagiante, que faz graça da obsessão do século xxi, o relacionamento entre celebridades, vício e desintoxicação? Se fosse fácil, nós todos a teríamos escrito. Talvez seja realmente muito simples, mas só para aqueles que de vez em quando são abençoados com um momento de genialidade.

Mereça ou não o título de gênio, Amy tem sido assunto de alguns debates. Há quem ache que ela não atingiu um ponto tão honroso para merecer essa qualificação usada em excesso na era moderna, e argumentam que só a um inovador se pode conceder com justiça o status de gênio; e ainda que, dado o estilo orgulhosamente derivativo da música de Amy, gênio ela não é. Entretanto, talvez o debate inteiro não tenha percebido o sentido exato disso. Entre em qualquer bar ou boate e veja o efeito que canções do tipo “Rehab” têm sobre as massas. Observe como todo mundo na boate canta junto “no, no, no”. A música de Amy pertence não apenas aos intelectuais da imprensa especializada em música, cujo conhecimento sobre a história do pop lhes permite compará-la a representações passadas ao mesmo tempo que coçam seus cavanhaques; nem pertence apenas àqueles cujas bocas espumam de alegria com a última declaração de Amy num tablóide. Pertence a todos nós. Parodiando uma expressão conhecida, ela é a princesa judia do povo.

Muitas vezes os artistas são meros guias de uma série de experiências e emoções humanas que talvez nem eles mesmos tenham experimentado. Basta ver o ídolo pop Gareth Gates

cantando “The Long and Winding Road” com apenas dezessete anos. Entretanto, no confessional século xxi, em que as emoções pessoais são tão importantes, o público está cada vez mais receptivo a artistas que desnudam a alma no palco, cantando sobre a própria vida e experiências.

Robbie Williams cantou os próprios demônios em inúmeras canções, inclusive “Strong” e “Feel”, e Pete Doherty e Carl Barat, figuras principais dos Libertines, retrataram sua intensa amizade em “Can’t Stand Me Now”. As salas de espetáculos estão se tornando centros de terapia, onde o palco representa o divã, e a platéia, o analista. Amy se ajusta perfeitamente a esse ambiente. Suas canções expõem suas experiências. Seu primeiro disco, *Frank*, era quase todo sobre seu relacionamento com um homem, e mesmo quando uma canção se desviava do tema, a origem ainda era pessoal, como a infidelidade de seu pai.

Seu segundo disco, *Back to Black*, era em grande parte sobre sua tumultuosa relação com o marido, Blake Fielder-Civil. Mais uma vez, havia também canções a respeito de outros aspectos de sua vida pessoal, inclusive a já mencionada “Rehab” e também “Addicted”, sua advertência a uma companheira de apartamento para que impeça o namorado de fumar a maconha de Amy. Embora as letras de Amy, destemidamente sinceras, acabem sendo ruins para as pessoas de sua vida, cuja roupa suja é exposta em transmissões de rádio e tv, para o público é uma alegria contemplar uma artista que na verdade — em outra expressão constrangedora de tanto que é empregada — trata apenas da realidade. Ao lhe perguntarem como gostaria de ser lembrada, ela respondeu: “Como autêntica”. É difícil que esse seu desejo não seja satisfeito, embora haja a esperança de que não vá ser preciso apenas se lembrar dela durante bastante tempo.

“Sou muito mais severa comigo mesma no disco do que com qualquer homem”, diz ela de *Frank*. “Sei que ele não conseguia deixar de ser de uma determinada maneira, mas, mesmo assim, isso me frustrava, de modo que ataco com minhas letras. Mas nunca vi um homem chegar para mim e dizer: ‘Você detesta homens, não é?’, adoro rapazes. Esse é meu problema. É por isso que estou tão encrencada. Meu homem ideal não faria joguinhos. Já conheci alguns dos homens mais lindos do mundo, mas como não sei onde está a cabeça deles, fico assim: ‘Você é uma dor de cabeça — tchau!’. Simplesmente não consigo me interessar.”

A natureza honesta e confessional de suas letras não é um acidente criativo, mas, ao contrário, um método e uma tática deliberados da parte de Amy. Além disso, é algo que ela aprendeu com seus heróis. “Percebi”, disse ela uma vez, “que as Shangri-las têm uma canção para cada estágio de um relacionamento. Quando a gente vê um rapaz e sequer sabe o nome dele; quando a gente começa a conversar com ele; quando começa a sair com ele; e quando a gente se apaixona por ele; quando ele rompe com a gente — e aí a gente quer se matar”.

Podem-se mapear essas fases diferentes de um relacionamento na discografia de Amy.

“Um monte de músicas agora tenta ser legal, do tipo, ‘É, eu não gosto mesmo de você’ — uma atitude verdadeiramente *blasé*.” Diz ela: “Acho muito mais legal estar apaixonada, se jogar nisso e querer se entregar inteiramente a essa pessoa. É como a diferença entre dançar uma música no meio de uma festa e ficar pelas beiradas com uma garrafa de cerveja, tentando parecer distante”.

Não esperemos que Amy pare de refletir sua vida pessoal na sua música tão cedo. “Se não tiver uma experiência, simplesmente não consigo colocá-la numa canção. Tem de ser autobiográfica.” Escrever canções, para ela, é como ter um diário; é quase um blog de transmissões sonoras. “É um exorcismo. Consigo tudo nisso. Se não tivesse esse meio para transmitir minhas experiências, eu estaria perdida.”

Voltando àquelas contradições, onde fica Amy na tradição musical? Ela foi comparada não apenas a muitos astros do passado, mas a muitas das estrelas atuais também. Inclusive algumas estrelas masculinas. Dada sua conhecida paixão por drogas, o nome de Pete Doherty é muitas vezes mencionado junto com o de Amy. As semelhanças são evidentes, e Doherty tem sido um amigo que dá muito apoio a Amy e ao marido dela, Blake.

Entretanto, talvez uma comparação mais adequada seja com Noel Gallagher, do Oasis. Ele e Amy compartilham uma queda notável para escrever letras e o humor incansável, e os dois são tão empolgantes nas entrevistas como são como artistas. Que lufada de ar fresco comparado às apresentações treinadas por relações públicas que dominam o cenário da música moderna! Além disso, Gallagher levou as drogas para a Inglaterra, mas desde então as largou, sem precisar de desintoxicação. Apesar da notoriedade que ganhou com seu modo implacável e hedonista, não será surpresa se uma durona Amy conseguir fazer a mesma transição quando chegar a hora.

É na arena das entrevistas que os dois são mais parecidos. Na verdade, se Amy é aberta nas letras, é muito sincera e franca também nas entrevistas. As pessoas falam de “manifestações primitivas”, e Amy é muito direta: ela chegou uma vez a cortar a barriga com um caco de espelho quebrado durante uma entrevista. Ao ser indagada sobre os cortes em si mesma, perguntaram-lhe qual era a sensação. A resposta foi, “a sensação é ‘Ai, isso dói pra caralho’”. Foi provavelmente a pior coisa que já fiz”. Bom, eis uma resposta sucinta.

Ela descrevera a música de Dido como “música de fundo — o fundo para a morte”, e falou sobre a princesa do pop, Kylie Minogue: “Ela não é uma artista ... Ela é um pônei”. Em outra entrevista saiu-se uma vez com a seguinte confissão sexual: “Eu treparia com o Sting. Mas não sei se por dez horas!”. Enquanto isso, pode ser tão imprevisível no palco como durante as entrevistas. Além do famoso incidente do “seus b***a de macaco”, na Birmingham National Indoor Arena (nia), em 2007, ela gritou “fodam-se, fodam-se, fodam-se!” ao microfone, em um concerto na Cornualha, um show que também a apresentou batendo com o microfone na

cabeça aparentemente pela frustração de ter esquecido uma letra.

Como contou um fã: “A música ficou horrível. Algumas pessoas da equipe dela começaram a subir no palco, preocupadas, mas ela só gritava ‘fodam-se’. Todo mundo ficou com pena dela”. Ela também deu um tapa na cara de um fã e cuspiu em outro durante um show.

Entretanto, mesmo que Amy se assuma como um moleque — ela diz que só progredia na escola em turmas onde tivesse alguns meninos com quem andar —, a comparação mais adequada deve ser feita com outras estrelas femininas. A vice-editora da revista *nme*, Krisse Murison, tentou colocá-la no meio do pacote. “Atuações como as de Amy Winehouse e Lily Allen recebem opiniões vindas de todo lado. Elas não se comportam como devem, não representam como deveriam. Era disso que o mundo precisava.”

Sophie Ellis Bextor levou a discussão ao palco quando declarou, “Quando fiz meu primeiro disco, pop era palavrão. Agora há pessoas como Amy Winehouse e Lily Allen que ajudaram a torná-lo popular”.

Natasha Bedingfield faz eco: “Quando comecei, se você fosse loura, bastava fazer uma pequena dança do poste e alguma mímica. E meu tipo era ‘quero cantar ao vivo e escrever sobre coisas que significam algo para mim’. Agora, parece que há muito mais gente fazendo isso, eu fico feliz. Lily e Amy são, as duas, muito talentosas. Acabo de ouvir o disco de Amy Winehouse, e é ótimo”.

Um compositor foi mais conciso com relação ao lugar de Amy entre as atrações femininas de hoje: “Ela é como Joss Stone com um pouco de lama no vestido”. Sua intenção era fazer um elogio. Outra fã célebre que gosta da posição que Amy adota é a estrela da série de tv *Ally McBeal*, Jane Krakowski. “Ela consegue fazer hip-hop, jazz e soul. Conta histórias interessantes a partir da perspectiva de uma mulher.” Não que Amy se considere uma feminista. “Não diria que sou feminista, mas não gosto de moças fingindo que são burras porque é mais fácil.”

Como artista mulher, Amy teve de lutar contra a tendência de ser julgada de modo desproporcional pela aparência. Com seu peso flutuante e outros efeitos colaterais de seu modo de vida festivo, ela ocasionalmente deu às garras da imprensa sensacionalista bastante material para ataque. Seu estilo de vida também parece ser julgado com uma severidade desproporcional porque ela é mulher. Quando faltou a shows ou chegou atrasada ao palco e em más condições, recebeu muito mais censura do que receberiam, digamos, Pete Doherty dos *Babyshambles* ou Shane MacGowan dos *Pogues*. Na verdade, o jeito maluco desses artistas parece até ter aumentado a credibilidade deles diante do público. Entretanto, quando Amy faz o mesmo, ela é uma “vergonha”, e “ameaça ao nosso modo de vida”. A deplorável colunista do

Daily Mail, Amanda Platell, é uma crítica regular de Amy, dizendo: “Antes cabia a Liam e Noel Gallagher, do Oasis, se comportarem mal. Agora as mulheres são as desordeiras. Que triste”.

Essa crítica implacável legou grandes sofrimentos a Amy em determinadas ocasiões. “Sou uma pessoa insegura”, diz ela. “Sou muito insegura a respeito da minha aparência. Quero dizer, sou cantora, não modelo. Quanto mais insegura me sinto, mais eu bebo.” Entretanto, quem têm senso estético tem boa opinião sobre ela. Karl Lagerfeld, por exemplo, é um dos estilistas de moda mais influentes do planeta. O amigo esbelto, de cabelos de neve, de Kate Moss e Kylie Minogue, disse: “Amy é um ícone de estilo. É uma artista linda, dotada. E eu gosto muito do penteado dela. Encarei-o como uma inspiração, porque, de fato, é também o penteado de Brigitte Bardot no final dos anos 1950 e nos anos 1960. E agora Amy fez dele seu próprio estilo. Então, quando a vi, soube que era o momento certo. Amy é a nova Brigitte”.

Victoria Beckham também elogiou o estilo de Amy e revelou que é fã de sua música. “Amy tem um estilo verdadeiro que eu adoro. Ela é um ícone da moda, e eu adoro o que ela usa. Ela é muito única e original.” E acrescentou: “Nunca estive com ela pessoalmente, mas adoro a música dela — ela é uma cantora fantástica”.

As percepções sobre Amy são tão disparatadas que, na semana em que Karl Lagerfeld e Victoria Beckham elogiaram abertamente o estilo da cantora, uma pesquisa de opinião norte-americana a elegeu a “mulher mais sórdida entre as celebridades”. Ela recebeu 47% dos votos. Depois, em um levantamento de 323 homens entre dezesseis e 44 anos, feito pela revista masculina *Nuts*, ela chegou em primeiro lugar com 48% dos votos como a celebridade feminina que os leitores gostariam de, pelo menos, dar um beijinho. Em segundo lugar vinha sua nova admiradora Victoria Beckham, com 24% dos votos. Depois, estranhamente, Amy chegou em terceiro lugar em uma pesquisa de opinião entre jogadores de pôquer britânicos, que perguntava com quem eles não gostariam de deparar durante um jogo de pôquer.

Entretanto, na pesquisa de opinião realmente significativa daquela semana, Amy triunfou. A loja de música online da Apple, a iTunes, revelou que *Back to Black* fora o download que mais vendera em 2007. O disco *Version*, de Mark Ronson — incluindo sua interpretação de “Valerie” — chegou em terceiro lugar. Logo depois disso, *Back to Black* chegou no ponto mais elevado da pesquisa de opinião de final de ano sobre discos, entre os leitores da revista *Maxim*, batendo *In Rainbows*, do Radiohead, e *Graduation*, de Kanye West.

Mesmo aqueles que atiraram insultos a Amy, no entanto, estão perdendo o latim, porque ela é mais severa consigo mesma do que qualquer outra pessoa. “Eu também já tive ofertas para ser modelo e tudo. Mas digo: ‘Será que estão malucos?’. Não sou exatamente uma pintura, sou?”, disse ela uma vez. De novo há contradições, porque Amy também declarou a respeito de sua aparência: “Algumas vezes desejei que meus seios fossem maiores, mas gosto

do jeito como sou. Ao mesmo tempo sou burra demais e horrenda de se ver”. E mais uma vez confessou que era sinônimo de encrenca ao dizer: “Sou uma filha da puta, não sou uma boa garota e não represento um investimento”.

O que nos traz ao bem documentado hedonismo de Amy. Ela admitiu usar e ser viciada em heroína e cocaína. Uma vez foi internada num hospital depois de uma overdose de um espetacular coquetel de drogas. Com frequência o maravilhoso talento musical de Amy tem sido cruelmente desconsiderado por aqueles que preferem se concentrar nos modos malucos da estrela, mas seu estilo de vida, às vezes destrutivo, não pode ser desprezado, nem o de seu marido Blake. O par está se tornando rapidamente parecido com os famosos casais de rock do passado, como Michael Hutchence e Paula Yates, Pete Doherty e Kate Moss e Sid Vicious e Nancy Spungen.

Os pais ficam doentes de preocupação quando lêem as últimas manchetes sobre os problemas com drogas e bebida de Amy. Depois de uma história especialmente chocante nos jornais, a mãe enviou para Amy uma mensagem dizendo: “Em que planeta você está? Ligue para mim”. O pai, Mitchell, se preocupa também e é incansável em seus esforços para proteger a filha. A cantora Terra Naomi é companheira de copo de Amy, e ela própria usuária de drogas que foi levada à desintoxicação pelo pai. Lembra-se de assistir a um show ao vivo de Amy, sentada ao lado da família desta: “A família inteira de Amy estava lá. Ela fez um bom show, mas parecia que tinha problemas, e ver o pai dela assistir a isso. (...) Era triste, muitíssimo triste”.

Amy, no entanto, permanece sincera quanto ao seu estilo de vida. Ela descarta a idéia de que trabalhar na indústria da música significa apenas “oportunidades para sair todas as noites e se drogar”. Uma vez pediram-lhe que descrevesse a intenção por trás das letras das músicas, e ela disse que escrevia “músicas que pudessem ser cantadas com uma garrafa de uísque”.

Cada crítica moralista de tablóide provocada pelos modos de Amy também atrai novos fãs. A famosa colunista Julie Burchill diz: “Gosto de Amy Winehouse — ela é a minha nova favorita. É uma raposa velha e durona, não um bebê chorão. E é absolutamente linda. Amy Winehouse é como uma Vênus de bolso”. Como veremos, os caminhos de Winehouse e de Julie Burchill se cruzaram uma vez de maneira um tanto surreal.

A admiração de Julie Burchill por Amy Winehouse prova que nem todo mundo foi apanhado por esse estranho desejo de que os artistas se tornem puritanos, bebedores de leite, corredores, maníacos por saúde. Em algum momento, em época recente, as pessoas mudaram. Em vez de querer que nossos ídolos pop e de rock fossem as crianças extravagantes que tinham o estilo de vida com que todos sonhávamos, passamos a desejar que eles se tornassem “um bom exemplo” (copyright *Daily Mail*). Assim como Burchill percebe essa bobagem, o produtor Mark Ronson também: “Amy está trazendo de volta para a música popular um

espírito de rebelião do rock’n’roll”, diz ele. “Aqueles garotas dos anos 1960, como as Shangri-Las tinham esse tipo de atitude: meninas do Queens com jaquetas de motociclista”.

Parece ridículo, mas vale a pena reiterar: Amy Winehouse é uma cantora imensamente dotada e talentosa. Ponha de lado a controvérsia e simplesmente dê uma escutada nos cds. Você irá se deleitar com o calor da emoção pura de sua voz, as letras inteligentes, abertas e sinceras. O mesmo vale para seus shows ao vivo. Ultimamente tem havido tantas manchetes a respeito de ela não comparecer ou aparecer bêbada que, se um alienígena lesse as notícias, mal poderia acreditar que tantos milhares chegaram a níveis de alegria quase religiosa. É uma alegria partilhada por Amy, que diz: “Vivo para fazer música... É a minha vida”.

Dada a rica maturidade da voz dela, e o sucesso que já obteve, é fácil esquecer como Amy ainda é jovem. Ela ainda não alcançou, na época da elaboração deste livro, aquela perigosa idade do rock-and-roll, os 27 anos. Foi com essa idade que Janis Joplin, Jim Morrison (cantor do The Doors), Jimi Hendrix e Kurt Cobain morreram, no auge de sua má reputação. Não se discute que ela tenha problemas com drogas a vencer, porém, quanto mais prosseguir sua história sincera, mais claro se torna que Amy não vai se esgotar emocionalmente nem desaparecer, mas, ao contrário, continuará a subir a alturas (naturais) ainda mais elevadas.

Este livro poderá surpreender aqueles que gostam de ver Amy como “fora de controle” ou “em espiral na direção da morte”, para usar duas das expressões favoritas da imprensa sensacionalista ao discutir sua vida. A verdade por trás da badalação pinta, ao contrário, o retrato de uma mulher intensamente sagaz, espirituosa e fundamentada. Ela sabe como representar a alma torturada para a imprensa, porque sabe que essa é a Amy que eles querem retratar. Sempre disposta a jogar o próprio jogo da imprensa, quando uma vez soube que havia uma multidão de repórteres esperando por ela do lado de fora de um clube, pintou uma lágrima falsa no rosto e esfregou um inocente talco branco em torno das narinas. Alguns dos jornais perceberam o gracejo no dia seguinte, mas outros deram manchetes pintando-a não como um gracejo de Amy, mas como uma lágrima real e cocaína de verdade.

Então vamos descer pela montanha-russa que é a vida de Amy Winehouse, dos sucessos das gravações e prêmios de prestígio às overdoses e brigas com o marido Blake. Enquanto subimos e descemos, vamos revelar a verdadeira Amy Winehouse — uma apresentação que realmente tem um futuro luminoso, mas também um passado fascinante.

Nascida para ser indômita?

Uma vez disseram a respeito de Amy Winehouse: “Às vezes, ela parece uma personalidade que nasceu um pouco fora de sua época”. Amy nasceu em 14 de setembro de 1983, em Southgate, ao norte de Londres. A menos de dezesseis quilômetros do centro de Londres e no município de Enfield, Southgate fica ao lado da North Circular Road. Outras pessoas famosas — e não famosas — nasceram lá: o lendário Norman Tebbit, do Partido Conservador inglês, e a cantora Rachel Stevens, do S Club 7, por exemplo.

Muitas das famílias que moram nas casas de tijolos vermelhos de Southgate são judias. Há judeus na região de Enfield desde 1750, mas foi entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial que boa parte das famílias judias se mudou do leste para o norte de Londres. Na época dos “Swinging Sixties” — a alegre Londres dos anos 1960 —, cerca de 280 mil judeus moravam ao norte da cidade. Atualmente, há cinco sinagogas e três cemitérios judaicos nas proximidades.

Embora existam fotografias de Amy vestida para a festa judaica de Purim, sua família não era especialmente religiosa. “Não tivemos educação religiosa. Sou apenas uma menina de família. Venho de uma família grande. Acho que é importante estar rodeada e próxima da família. Tenho muita sorte por ter minha mãe e meu pai.”

Zaddy Lawrence, editor do *Jewish News*, diz:

Ela fica feliz ao falar de sua identidade judaica. Não tem vergonha de dizer que é judia ou de falar a esse respeito, mas há poucas entrevistas que mencionam esse assunto.

No que diz respeito à comunidade judaica, acho que ficou muito animada quando Amy entrou em cena. Imaginamos que fosse a estrela pop judia. Elas eram poucas, fora Rachel Stevens, que não tinha muita credibilidade porque estava no S Club 7. Rachel só era bonita, com um belo par de peitos, desculpem-me dizer isso. Ela tinha talento, eu acho, mas era mais uma princesa pop.

No entanto, em termos de artista judia, há muito tempo não aparecia ninguém como ela. Não me lembro da última artista verdadeiramente judia que tenha surgido na Inglaterra. Ao aparecer, Amy era uma artista convincente, por isso, a comunidade ficou muito animada. Mas, desde então, ela perdeu muito da aprovação por causa de seu comportamento.

Amy diz que não gostava de ir às aulas na *cheder* — a tradicional escola elementar que ensina as bases do judaísmo e a língua hebraica. “Todas as semanas eu falava: ‘Não quero ir, papai, por favor, não me obrigue a ir’”, conta ela. “Ele era tão sentimental que muitas vezes concordava. De qualquer forma, nunca aprendi nada na escola a respeito de ser judia.” Mesmo

assim, ela frequenta a sinagoga no Yom Kippur e participa das festas da Páscoa.

Ser judia, para mim, significa estarmos juntos como uma verdadeira família. Não tem a ver com acender velas e dizer uma *brocha*. Não sou nem um pouco religiosa. Acho que a fé é uma coisa que dá força. Acredito no destino e acredito que as coisas acontecem por algum motivo, mas não acho que exista necessariamente uma força mais elevada. Acredito muito no carma, no entanto. Há tantas pessoas grosseiras por aí, e há as que não têm nem um amigo de verdade. E os relacionamentos íntimos — com a mãe, a avó, o cachorro — são as coisas que dão a maior felicidade na vida. Fora os sapatos e as bolsas.

A menina de família Amy foi criada em uma bem cuidada casa, pelos pais Mitchell e Janis. Mitchell Winehouse, conhecido como Mitch, era motorista de táxi e cantor amador. E grande fã de artistas como Tony Bennett e Frank Sinatra, assim, as músicas desses cantores enchiam a casa enquanto Amy crescia. “Meu pai é ótimo”, diz Amy. “Ele gosta de karaokê do Sinatra. Tem um cd no táxi com todas as trilhas de *backing*. Poderia ser *crooner*, de tão bom que ele é.”

A mãe de Mitch também tem ligações com a música. Uma vez namorou um músico e dono de clube de jazz lendário, Ronnie Scott. Entretanto, o relacionamento enfrentou um impasse. Ela não faria sexo com ele antes de se casarem, e ele queria se casar com ela, mas não se casaria a não ser que transassem antes, porque não sabia se iria gostar. Então ele se mandou.

Certa vez, ao defender a filha, Mitchell disse: “Minha filha não está enlouquecida pelas drogas. Até eu, quando era jovem, experimentei — que jovem não experimentou?” E acrescenta: “O que Amy escreve é a verdade da vida e, algumas vezes, isso é doloroso. ‘What is it About Men?’ é uma letra verdadeira. Ela não mentiu a esse respeito quando escreveu: ‘Toda a merda que minha mãe agüentou’. Foi verdade. Eu fiz a mãe dela passar por maus bocados. Mas só fui infiel uma vez.”

Entretanto, Amy sempre afirma que recebeu muito amor e afeto do pai. “Quando eu era pequena, se entrasse num cômodo em que meu pai estava, ele me beijava e me fazia carinho. Também era assim com a mamãe quando eles ainda estavam juntos. Como ele era desse jeito, ela era menos.” Também disse que se parece “muito com o meu pai. Somos, os dois, o tipo de gente que acha importante fazer as coisas e ser sincero com as pessoas”.

Mitchell se lembra de cantar com Amy quando ela era criança. Ele começava uma canção — “I Only Have Eyes For You”, de Sinatra, por exemplo — e pulava frases de vez em quando, para que Amy preenchesse as lacunas. “Mitchell e Amy eram muito agarrados”, lembra a mãe, Janis. “O pai cantava Sinatra para ela porque ele sempre cantava, e ela estava sempre cantando, até na escola. As professoras tinham de mandá-la parar durante as aulas.” Janis, que se formou em ciências pela Universidade Aberta antes de estudar na London School of Pharmacy, também tem uma herança musical familiar: seus irmãos eram músicos profissionais de jazz.

O casal se mudara de um diminuto apartamento de dois quartos, numa casa geminada dos anos 1930, para uma bela casa vitoriana de três quartos numa quadra com uma série de casas iguais em Southgate. Ali, tiveram o primeiro filho, Alex, e, quatro anos mais tarde, Amy. “Amy era uma criança linda — sempre ocupada, sempre curiosa”, lembra Janis. Histórias assustadoras sobre o estilo de vida caótico de Amy agora enchem regularmente os jornais, e, quando criança, teve dois esbarrões com o desastre: com cerca de um ano, se engasgou com papel celofane, sentada em seu carrinho, e uma vez sumiu no parque local. Uma das lembranças mais antigas de Amy é a de sua paixonite por Philip Schofield, apresentador de um programa infantil na tv. Ela insistia com a mãe para que largasse o pai e se casasse com Schofield.

Amy também gostava de ficar com a avó, que apresentou Amy e o irmão à importância da aparência. “Que Deus a tenha, ela praticamente nos ensinou a cuidar de nós. Alex fazia as unhas do pé da vovó, e eu fazia as unhas da mão e cuidava do cabelo dela”, disse Amy. Ao ouvir isso, Blake, seu marido, brincou: “Pode ser bastante castrador para um menininho de oito anos bancar pedicuro da avó”.

É evidente a grande influência que a avó teve sobre Amy. Quando indagada a respeito de suas fobias, ela disse: “Não acho que tenha medo de nada. Não tenho medo de cobra, de aranha ou de qualquer outra coisa. Mas tenho medo da minha avó. Ela é pequena, mas é uma pessoa assustadora”. Não que a televisão depois da escola e o treinamento de beleza por parte da avó fossem as únicas alegrias de Amy. “Eu realmente gostava da escola, gostava de aprender”, lembra ela, acrescentando: “Mas acho que se uma pessoa não se sente estranha, ela nunca faz nada de diferente, não é? De modo que eu devo ter me sentido um pouco de fora. Mas não é uma história triste”.

Quando perguntaram se poderia citar qualquer influência sobre Amy na infância, Mitchell aponta Janis. “A influência vem da família da minha ex-mulher, [...] que tem músicos excelentes. Mas é mais o que escutávamos em casa: Sinatra, Ella Fitzgerald, Dinah Washington.” Quanto a Janis, ela devolve o crédito a Mitchell. “Assim como acontece com qualquer pai que tem filhos talentosos, fico muitíssimo orgulhoso das façanhas dela, mas não posso dizer honestamente que a empurrei ou a orientei para o *show business*. Só quero que sejam felizes. Não tenho reverência pelo status e não tenho créditos especiais no modo como o talento deles emergiu.”

Janis confirma: “Ela sempre sonhou ser cantora. Era tudo o que queria. Vivia cantando pela casa”. Ela cantava “I Will Survive”, de Gloria Gaynor enquanto ficava deitada na banheira. Os vizinhos também lembram as primeiras apresentações de Amy Winehouse — e sua ousadia inexperiente! Paul Nesbitt morava perto da família dela. Ele disse: “Quando me mudei para lá, Amy enfiou a cabeça pela janela do banheiro e começou a cantar com um microfone. Ela tinha

talento. Mas era um tanto travessa. Havia um guarda calvo que morava em frente e Amy o chamava de careca. Ela dava festas quando os pais saíam”.

O irmão dela, Alex, também gostava muito de música e também foi uma grande influência sobre o desenvolvimento musical de Amy. Ela explica: “Eu era uma criança, tímida demais para cantar. Então, meu irmão ficava de pé em cima de uma cadeira, com o uniforme da escola, imitando Frank Sinatra”. Sua habilidade com a guitarra inspirou Amy a aprender a tocar. “Ele aprendeu sozinho, assim, recebi dele a inspiração para aprender sozinha e ele me mostrou algumas coisas”, disse. “Alex começou a curtir jazz quando tinha dezoito anos, e eu, quatorze, e ouvia Thelonious Monk, Dinah Washington, Sarah Vaughn e Ella Fitzgerald; e aprendi a cantar ouvindo”, diz ela.

Sua primeira guitarra foi uma Fender Stratocaster. “É minha guitarra favorita”, disse ela muitos anos depois. “É clássica, tem boa aparência e um som lindo. Realmente se presta a qualquer coisa.” Entretanto, ela também concedeu o rótulo de “guitarra favorita” a outro modelo. “A Gretch White Falcon é minha guitarra favorita em todos os tempos. É linda. Tem a imagem grande de um falcão.”

A jovem Amy acabaria por sair da sombra musical de Alex. “Quando eu tinha uns nove anos, consegui”, lembra ela. “‘Cante’, gritava minha avó. ‘E sorria!’. Mas eu ainda precisava segurar um leque na frente do rosto para “Eternal Flame”: ‘Close your eyes, give me your hand...’”.

A melhor amiga de Amy é Juliette Ashby. Quando crianças, as duas tinham uma brincadeira. “Ela era Pepsi e eu era Shirley, as garotas que faziam o *backing* para Wham! Acho que entramos em sintonia porque éramos um pouco desafinadas.” Isso fez com que as duas formassem uma dupla chamada Sweet’n’Sour. “Eu e minha amiga adorávamos as Salt-N-Pepa”, explica ela. “Por isso, formamos uma banda chamada Sweet’n’Sour. Tínhamos uma canção chamada ‘Spinderella’, ótima, [...] mas isso foi há muitos anos.”

Para a jovem Amy, as meninas do Salt-N-Pepa eram muito mais do que meras estrelas pop. “Meus primeiros modelos foram as Salt-N-Pepa”, diz ela. “Eram mulheres de verdade, não tinham medo de falar de homens, conseguiram o que queriam e falavam de garotas de quem não gostavam. Isso foi muito legal.”

Garotas pop mais tradicionais ofereciam pouca atração para Amy. “Eu gostava de hip-hop progressivo, como Mos Def, e coisas conscientes como Nas”, disse ela. “Mas sempre tem um artista que faz a gente entender o que significa ser artista. Eu estava ligada em Kylie Minogue e Madonna, aí descobri Salt-N-Pepa e percebi que eram mulheres de verdade fazendo música.” Além de “Spinderella”, Sweet’n’Sour tinha outros títulos de canções como “Who Are the Glam Chicks (Us)?” e “Boys (Who Needs Them?)”, sendo que o último foi um sinal precoce de

temas futuros.

Amy lembra: “Havia jazz, mas o hip-hop também circulava dentro de mim. Quando tinha nove ou dez anos, eu e minhas amigas adorávamos *En Vogue*”. Entretanto, foi com treze anos que ocorreram os momentos musicais-chave de Amy. Um dia, ela escutou “*Leader of the Pack*”, com as Shangri-Las, e se apaixonou pelo som da banda das moças. Esse momento a empurrou na direção de uma carreira musical. Um dos principais grupos formado por mulheres nos anos 1960, as Shangri-Las cantavam músicas com temas como o amor que não deu certo e outros dramas adolescentes. Além de “*Leader of the Pack*”, suas outras canções bem conhecidas incluem “*Remember (Walking in the Sand)*” (mais tarde redescoberta pelos roqueiros Aerosmith), “*Out in the Streets*” (redescoberta por Blondie) e o clássico romance de guerra “*Long Live Our Love*”.

Além dos sons de jazz que enchiam a casa, havia sempre visitas entrando e saindo, e aquela era, a princípio, uma vida doméstica feliz para Amy. Seus dias de escola eram divertidos, e, aos quatro anos, Amy encontrou-se pela primeira vez com a amiga Juliette Ashby na Osidge Primary School. O site da escola atualmente tem uma pequena apresentação em sua homepage. Entre suas políticas está “Reconhecemos que as crianças são indivíduos e têm necessidades diferentes”. Bem, Amy e Juliette eram definitivamente indivíduos desde o início. “Éramos meio maluquinhas”, lembra Juliette, “sempre nos metíamos em enrascada.” Por isso, muitas vezes, elas se viam diante da mesa de recepção da escola, para onde eram mandados os alunos que se comportavam mal. Um dia, enquanto estavam ali, disseram a um menino chamado Ian Beerman que se ele não baixasse as calças elas não seriam mais amigas dele. Beerman obedeceu, e Juliette Ashby lembra do incidente como aquele que verdadeiramente as uniu. A amizade permanece forte até hoje, mas houve momentos difíceis durante o período escolar. Juliette conta que uma vez fez um broche de amizade para Amy, mas a amiga ingrata o jogou numa caixa de areia.

“Ela é uma boba, eu nunca fiz isso”, replica Amy. “Ela sempre teve a supremacia. Juliette sempre tinha montes de balas de morango dentro da bolsa, e você sabia que era a favorita do dia quando ela lhe dava uma bala.” Juliette admite que a amizade delas foi algumas vezes testada. “Como quando ela se comporta como uma idiota e eu tenho de buscá-la, o que é mais ou menos o tempo todo.”

Mesmo assim, Juliette realmente confia na amiga. “Nós duas sabemos que resgataríamos a outra de um prédio em chamas se tivéssemos de fazê-lo. Chegamos a esse grau de entendimento. Às vezes, até a família pode lavar as mãos, mas você tem certeza de que contará com seus amigos.”

Uma das peças preferidas das duas envolvia uma delas sair correndo da sala de aula, inundada em lágrimas, e então a outra dizia que tinha de sair para consolá-la. “E aí

simplesmente nos sentávamos em uma sala qualquer, rindo durante o resto da aula”, diz Juliette. Não surpreende que as professoras tentassem separar o par. De fato, assim que passaram para a escola secundária, até as mães das meninas pediram à escola que não as deixasse se sentar juntas. Por isso, elas pouco se viram entre os 13 e os 15 anos. “Eu era uma merdinha”, admite Amy. “Costumava matar aula e levar meu namorado junto. Minha mãe chegava em casa do trabalho, na hora do almoço, e nós estávamos por lá, vestidos em roupões!

“Até os cinco anos eu era boazinha, mas aí fiquei uma peste. Eu era uma peste de verdade. Muito, muito, muito peste. Quando todos saíam para o primeiro recreio, nós mexíamos em todas as lancheiras e comíamos todas as batatas fritas. Quando eles voltavam do recreio, metade dos lanches tinha sumido. Parei de fazer isso por volta dos nove anos.”

Quando Janis escreveu uma carta aberta à filha pelas páginas do *News of the World*, em 2007, ela falou da infância de Amy:

Mesmo quando você era uma menina de cinco anos, de faces rosadas, cantando com uma escova de cabelo na frente do espelho, você era tão teimosa como uma mula. Lembra? Jamais conseguíamos que visse as coisas de um ângulo diferente do seu. Você podia jurar que o dia era noite e os céus ajudavam quem tentasse discordar.

Você nunca foi uma filha rebelde, mas sempre teve uma vontade forte e idéias próprias — qualidades das quais seu pai e eu nos orgulhávamos. Você foi bem educada, tinha o senso de certo e errado e entendia os valores que sempre imprimimos em você como uma família. Mas nunca admitiu ser pressionada ou influenciada para fazer qualquer coisa que não a interessasse.

Lembra aqueles dezembros, anos atrás, quando eu costumava envolver você em um grosso casaco de inverno? Eu a agasalhava e dava um beijo no seu nariz antes de você sair para brincar no frio. “Não se preocupe comigo, mamãe, vou ficar bem!”, você costumava rir. Mas, como qualquer mãe, é claro que eu me preocupava.

A falta de disciplina de Amy era consequência do tédio na escola. Ela se sentia sufocada e frustrada pelo regime educacional. “Eu não gostava que me dissessem o que devia fazer”, ela dá de ombros, e a carranca volta ao rosto. “Eu recebia notificação o tempo todo. Irrita, depois de algum tempo, ter de assinar um pedaço de papel depois de todas as aulas. Então, eu saí.”

A essa altura, Amy já passara pela dolorosa experiência de ver seus pais se separarem. “Nunca discutimos”, Janis se lembra das circunstâncias que levaram à separação. “Tivemos um casamento muito cordato, mas ele nunca estava lá. Ele ficava... fora um bocado, mas durante um longo período houve também outra mulher, Jane, que se tornou sua segunda mulher. Acho que Mitchell gostaria de ter ficado com as duas, mas eu não estava feliz com essa perspectiva.”

Para qualquer criança de nove anos, a separação dos pais seria muito difícil. Para Amy, a experiência foi extremamente dolorosa, e sua mãe acredita que isso influenciou a música da

filha. “As pessoas sempre notam a raiva nas canções de Amy”, diz Janis. “Acho que grande parte dela era porque o pai não estava presente. Agora ele tenta compensar isso e passa mais tempo com ela, mas o que está fazendo agora é o que deveria ter feito naquela época.”

Curiosamente, num show ao vivo em Shepherds Bush Empire, Amy passou bastante tempo olhando para Blake, que estava à direita do palco. Enquanto ela cantava frases que falavam das infidelidades dele, fixou o foco no marido. Entretanto, também girou e cantou algumas das frases para o pai, Mitch, que estava à esquerda do palco. Hoje, Amy choraminga: “Meu pai era instável. Ele se mudava a cada dois anos — eu não tinha idéia do que ele estava fugindo”.

Um velho “amigo” de Amy falou a respeito desse período da vida dela para uma revista de celebridades. “Depois que o pai de Amy, Mitch, se mudou, quando ela tinha nove anos, ela achou que poderia fazer o que quisesse”, revela o amigo. “Ela começou a usar saia curta e maquiagem. A mãe, Janis, lutava para controlá-la. Amy perdeu a virgindade com quinze anos, [...] e contou à mãe, que a fez tomar pílula. Ela foi maltratada pelo garoto e não acho que sua cabeça tenha ficado legal. Ela ficou traumatizada e fala disso até hoje.”

Há pouco tempo, Amy voltou à sua primeira escola e a visita foi caótica. “Minha antiga professora estava lá — aquela maldita estátua de gelo. Ela tem o mesmo corte de cabelo desde 1840”, ri Amy. “Eu estava lá com o meu amigo e depois das fotos nós dizíamos: ‘Miss, oi, miss, podemos dar uma olhada na escola?’ E ela, de má vontade: ‘Está bem’, e fomos até a sala de arte e meu amigo saiu. Em seguida, ele gritou, ‘Corra! Apertei o alarme de incêndio!’, e a escola inteira foi evacuada. Foi um grande momento! Eu disse: ‘Espero que seja apenas um treinamento, miss’ — e a cara dela era uma máscara.”

Quando criança, não era apenas na música que Amy buscava consolo: era também uma grande fã de luta livre. Um amigo anônimo lembra que ela era viciada em programas como *SmackDown* e *Raw*. Chegou a conhecer um de seus heróis, Chris Jericho, um dos grandes nomes do esporte. “Amy estava tão excitada para conhecê-lo que não parava de falar nisso. Parecia muito mais entusiasmada para conhecer um lutador do que um músico.” Era também fã de Rob Van Dam e ficava, ao que consta, maluca sempre que ele aparecia na tv.

Aos doze anos, Amy deu seus primeiros passos sozinha para a fama.

A rainha do teatro

Originalmente, a Sylvia Young Theatre School se estabeleceu em 1981, na Drury Lane. Mas, em 1983, mudou-se para Marylebone. O sucesso da escola foi tanto que a própria Sylvia recebeu uma condecoração da Ordem do Império Britânico em 2005. Entretanto, foi também assunto de controvérsia. A atriz Billie Piper alega em sua biografia que os alunos eram encorajados a se tornarem “mais leves, menores e mais magros”, e que os professores muitas vezes não davam atenção para os distúrbios de alimentação dos estudantes.

Ex-aluna da Sylvia Young, Denise Van Outen se sentiu ultrajada com os comentários de Billie Piper. Ela contra-atacou: “Eu era uma grande fã de Billie Piper, mas, em seus livros, ela foi muito negativa com relação a Sylvia e à escola, e eu acho que isso está errado e é injusto. Se não fosse por Sylvia, ela não estaria onde está. Realmente, não estaria onde está, porque todas as chances que teve foram durante os anos de escola”. A própria Sylvia foi mais direta, descrevendo os comentários de Billie como “venenosos”.

Sylvia Young se lembra muito bem de Amy. “Ela me impressionou pela excepcionalidade, como compositora e artista, desde o momento em que atravessou as portas pela primeira vez, aos treze anos, usando o mesmo inconfundível penteado que usa agora”, diz ela. Acrescenta acreditar que Amy poderia muito bem se tornar uma Judy Garland ou uma Ella Fitzgerald. “Mas a ênfase está na palavra ‘poderia’. É triste, mas há o perigo de que Amy seja mais conhecida por sua vida pessoal do que pelos seus divinos dons musicais.”

Sylvia lembra de seu primeiro encontro com Amy. “Ela fazia parte de uma multidão de novos alunos entusiasmados que se movimentavam pelos corredores da nossa escola. Eu mesma fiz os testes com ela. Representou um pouco e mostrou grande potencial. Dançou e provou que se movimentava bem. Quando cantou, no entanto, quase desmaíamos. Não tinha ainda uma voz tão profunda como a que tem agora, claro. Mas a apresentação de ‘On the Sunny Side of the Street’ já era forte e maravilhosa.” Foi oferecida uma bolsa a Amy, e Sylvia diz que percebeu rapidamente que tinha não apenas um enorme talento, mas também uma “verdadeira personalidade”, que estava em seu próprio mundo e insistia em fazer as coisas do seu jeito. Como todos os candidatos, pediram a Amy que escrevesse um curto ensaio, explicando por que queria entrar para a escola.

Eis o que ela escreveu:

A vida inteira fui barulhenta, ao ponto de me dizerem para calar a boca. A única razão que eu tinha para isso era porque precisava gritar para ser ouvida na minha família.

Minha família? É, vocês leram certo. O lado da minha mãe é bem legal, a família do meu pai é a extravagância cantante, dançante musical, tudo musicalmente pirado.

Disseram-me que eu era dotada de uma bela voz, e acho que a culpa disso é do meu pai.

Ao contrário do meu pai, de sua criação e seus ascendentes, quero fazer alguma coisa com o talento com o qual fui “abençoada”.

Meu pai se contenta em cantar em voz alta em seu escritório e em vender janelas. Minha mãe, no entanto, é química. Ela é quieta, reservada.

Eu diria que minha vida escolar e os boletins escolares estão cheios de “poderia fazer melhor” e “não aproveita seu potencial máximo”.

Quero ir para algum lugar em que possa ir até o meu limite e talvez mesmo além.

Cantar em aulas sem que me digam para calar a boca (desde que sejam aulas de canto).

Mas, principalmente, tenho o sonho de ser muito famosa. Trabalhar no palco. É uma ambição da vida inteira.

Quero que as pessoas ouçam minha voz e simplesmente... esqueçam seus problemas durante cinco minutos.

Quero ser lembrada por ser uma atriz, uma cantora, por concertos repletos e shows lotados no West End e na Broadway.

Por ser simplesmente... eu.

Nos primeiros dias da primeira semana de Amy na escola, ela teve aulas normais, mas, nos últimos dias, ela começou a ter aulas de dança. “Estava inteiramente concentrada em sua música, mostrando dedicação e alto padrão”, Sylvia Young lembra. “Mas nada mais a interessava, e, quando ela não estava cantando, era uma peste. Suas transgressões nunca eram sérias, mas persistentes.”

As transgressões incluíam não usar o uniforme da escola do modo correto, mascar chiclete durante a aula e usar uma argola de prata no nariz. Sylvia pediu a Amy para retirá-la, o que ela fez — apenas para recolocá-la uma hora mais tarde. “Encontramos um modo de coexistir”, lembra a professora de Amy. “Ela quebrava as regras; eu a repreendia; ela admitia. Podia tumultuar a classe, também, mas isso era em grande parte porque não se concentrava.”

Amy, além disso, não era muito amiga de seus colegas. “Eu não era gregária”, diz ela dando de ombros. Havia um monte de moleques insuportáveis que entravam na aula e anunciavam: ‘Minha mãe vem me buscar para uma audição às três horas.’ Eu era um tanto esquisita, acho, naquele jeito infantil, aleatório, mas não era solitária. Os amigos diziam: ‘Venha ser esquisita com a gente!’”

No entanto, nas palavras da própria Sylvia, Amy era “maravilhosamente inteligente”. Ela gostava em particular das aulas de inglês. Por isso, foi promovida para uma turma acima de sua faixa etária. “Na aula, ela escrevia observações extraordinárias a respeito de seus amigos. Não eram meras anotações. Amy era produtiva. Cada milímetro da página era repleta de texto, que

parecia fluir do papel com a energia dela.” Esses textos freqüentemente continham palavrões e algumas letras de música também.

Amy agora diz: “Freqüentei a escola de teatro durante um ano e meio, mas tudo o que fiz foi cantar com outras pessoas. Não dá para ensinar uma pessoa a cantar. Depois que saí da escola eu queria ganhar a vida. Tive sorte quando um amigo de um amigo veio me ver em uma seção de jazz e me ajudou a ter uma chance”.

Um de seus colegas foi Matt Willis, que ficou famoso com a banda pop Busted e depois como rei da selva em *I’m a Celebrity, Get Me Out of Here!*. “Todos adorávamos o Matt na escola, e, sim, eu estava a fim dele. Ainda estou, ele é um garoto adorável.” A McFly, companheira de selo e amiga da Busted, é dirigida pelo cantor e compositor Tom Fletcher, que também se lembra de Amy na época de Sylvia Young. “Acho que lhe pediram que saísse da escola, que é a maneira educada de dizer que foi expulsa”, conta ele. “Ela estava sempre metida em encrencas, pelo que me lembro. Eu não a conhecia de verdade, mas a via na escola todos os dias. Ela gostava de dizer o que pensava. Eu não me lembro de tê-la ouvido cantar.”

Como veremos, o rumor de expulsão foi um mal-entendido.

Gen Allen, outro colega, diz que havia poucos sinais do futuro estilo louco de Amy na Sylvia Young Theatre School.

Eu não podia prever que ela fosse ficar tão pirada assim. Algumas imagens dela agora são de cortar o coração. Eu fico pensando: “Ela é minha velha amiga de colégio, espero que esteja bem”. Espero que Amy resolva suas dificuldades, mas é chocante ver coisas como quando ela saiu dos prêmios da mtv. Não pude acreditar, porque esse sempre foi o sonho dela.

Amy era uma personagem na escola. Era uma menina impetuosa, mas diferente das encrencas em que está metida agora. Chamava a si mesma de bruxa. Costumava brincar que podia lançar feitiços sobre as pessoas. Uma vez, ela se deitou no chão na aula de história e começou a engatinhar na direção de Billie, dizendo, “Wilhelmina” — o apelido que dera a Billie —, “vou te pegar”, com uma voz de bruxa.

Por mais peste que Amy conseguisse ser às vezes, as reportagens de que fora expulsa da escola são negadas como “mito” por Sylvia. Ela afirma que, sem o seu conhecimento, outro professor ligou para a mãe de Amy e disse que sua filha não passaria nos exames para obter o diploma, a não ser que fosse tirada da escola. Sylvia Young ficou lívida. “Fiquei muito triste ao descobrir isso, e o professor que deu o telefonema saiu logo depois”, relatou. “Eu disse à mãe de Amy que ela não era o tipo de criança que naturalmente gosta do ambiente escolar, mas que estaria mais feliz conosco e com o lado vocacional de seus estudos do que em uma escola mais rígida e só de meninas.”

Janis lembra:

O diretor ligou e me pediu para ir vê-lo. Ele disse: ‘Acho que você deveria tirá-la daqui’. Ele não queria crianças que não fossem tirar boas notas, e Amy era uma delas. Apesar de ser muito inteligente, estava sempre fazendo bagunça. No mesmo dia, eu tive de levar o gato da família, Kate, ao veterinário. Deixei o gato, fui à escola e depois voltei ao veterinário. Tínhamos que sacrificar o gato. Brinco que eu deveria ter feito com que Amy fosse sacrificada e deixado o gato em paz.

Desse modo, Amy saiu da escola. Ela conta que “chorou todas as noites” por ter saído. “O que acontece com a escola de teatro é que ela prepara a gente como pessoa”, disse depois. “É excelente para a formação do caráter.” Sylvia Young ficou tão impressionada com sua ex-aluna que se manteve em contato com ela.

Quando saí da Sylvia Young, eu detestava tanto a escola que não queria ir de jeito nenhum. Era horrível, eu estava extremamente desapontada ao sair, porque havia algumas pessoas realmente dedicadas ali, e a própria Sylvia é brilhante. Furei meu nariz quando tinha treze anos. Eles não gostaram disso. Levava minha guitarra para a escola todos os dias porque eu era guitarrista, e eles me diziam que não podia. Eu falava: “Olhe, sou uma cantora, uma artista, não sou acadêmica...” Mas foi isso que fez de mim uma pessoa melhor, mostrou-me que realmente ninguém pode lhe ensinar nada: você tem de descobrir sozinha.

Ela então frequentou a Mount School, em Mill Hill. Fundada em maio de 1925, a Mount tem como lema “Ser, em vez de parecer ser”. Na última vez em que foi inspecionada, o relatório a qualificou como amistosa, com ambiente familiar e um *ethos* de cuidado e apoio. Amy, no entanto, morria de tédio.

“Não há nada a fazer naquela escola além de perseguir os professores”, diz ela, referindo-se à ausência do sexo oposto para intimidar ou com quem implicar. “Tirei D em música porque o professor não queria aceitar meu trabalho de curso porque eu era muito rebelde.”

A essa altura, a maconha era um grande consolo para ela, do mesmo modo que a música, claro. Seus músicos favoritos, nessa época, incluíam Charlie Mingus, Thelonious Monk, Dinah Washington, Clifford Brown e Sarah Vaughn. “Escutar música sutil como essa, com um trio, podia me dar mais do que uma grande banda, foi quando aprendi que menos pode ser mais”, disse ela. “Comecei adorando jazz e ganhando muito com ele. Não havia nada mais para mim [musicalmente]. Tudo do que eu gostava, e até hoje, que fosse novo eram palavras faladas, os *rappers*. Para mim é esse o novo jazz. Estou falando do *rap* progressivo, não coisa do tipo P Diddy, Mos Def, Nas, Busta Rhymes — esses são os Miles [Davis] para mim agora.”

Naquela época, os parentes de Amy faziam o que podiam para angariar apoio para a carreira musical dela. Atualmente, a escritora icônica Julie Burchill é, como já vimos, uma

admiradora entusiástica de Amy. Entretanto, em uma entrevista com o autor deste livro, Julie Burchill revela que soube de Amy anos antes de ela se tornar famosa. Quando Julie fazia um programa de televisão a respeito da morte de seu pai por asbestose, o caminho dela se cruzou com o da tia de Amy, Debra Milne, que era consultora em histopatologia em Sunderland. Debra Milne examinou a autópsia do pai de Julie para o programa, e aparece na imagem conversando com ela.

Quando as câmeras pararam de rodar, ela me perguntou: “Você ainda escreve sobre música?”. Eu respondi que não, e Debra acrescentou: “Será que você não gostaria de ver minha sobrinha na semana que vem? Ela é ótima, embora só tenha dezesseis anos. O nome dela é Amy Winehouse”. Anos mais tarde, de repente, Amy estava em toda parte para onde eu olhasse. Nomes é uma coisa de que sempre me lembro, e também por ser um nome judaico e bonito nunca mais o esqueci.

Naquela época, Amy teve seu primeiro e passageiro esbarrão com a fama ao aparecer em um esquete cômico no programa *The Fast Show*, na bbc. Criado pelos amigos de universidade Charlie Higson e Paul Whitehouse, *The Fast Show* foi um sucesso ao longo dos anos 1990, com personagens como Ted e Ralph, e o duo Suits You. Outra personagem memorável era Competitive Dad, e foi num desses esquetes que Amy apareceu. Vestida como uma fada em uma produção escolar de *Sonhos de uma noite de verão*, Amy representa com outras crianças no palco até que um exasperado Competitive Dad interrompe e sobe, ele mesmo, ao palco. Em 2007, Paul Whitehouse revelou que a menina no palco era Amy. “Na época, não sabíamos que ela ia ser famosa”, disse ele. “Só descobrimos isso quando mencionou o fato em uma entrevista.” O *Daily Mail*, devidamente, tornou a ligação pública, intitulando uma manchete com a matéria, Amy Winehouse na tv ANTES de ser [in]fame.

Entretanto, talvez o resultado mais significativo da escola Sylvia Young para Amy tenha vindo sob a forma da amizade que ela fez lá com um rapaz de Canning Town, sul de Londres, chamado Tyler James. James cresceu numa família dominada por mulheres depois que seu pai saiu de casa, e sua infância foi sempre cheia de música, com os discos de sua mãe de artistas da gravadora Motown, como Stevie Wonder, The Supremes, Marvin Gaye e Bob Marley. Sua irmã mais velha acrescentou tlc, swv e Erykah Badu. Quanto a James, ele era fã dos Babyface, Boyz II Men e programas de jazz de sucesso na época. Tornou-se um cantor de soul com certa reputação e ganhou o prêmio T4 One To Watch na *Smash Hits* Poll Winners Party, em 2005. Ele disse: “Daqui a dez anos, quero poder olhar para mim mesmo e dizer: ‘É, comecei com poucas oportunidades na vida e olhe o que sou agora’. Quero esse sentimento de satisfação; quero que a minha mãe se orgulhe; quero que a minha família fique orgulhosa. Acho que posso conseguir isso e fazer um disco do qual eu me orgulhe”.

Seu disco de estréia, *The Unlikely Lad* — que incluía um dueto com Amy na faixa “Best of Me” —, recebeu muitos elogios. O *Sun* o descreveu como a resposta da Grã-Bretanha a Justin Timberlake — elogio de verdade. “Um disco animadoramente moderno, inspirado em soul tradicional, jazz e pop”, entusiasmou-se o *Observer*, acrescentando que era “agradável e humano”.

O *The Times* declarou:

Apesar de usar o pior corte de cabelo depois daquele sujeito em *A Flock of Seagulls*, James demonstra, em seu novo single, “Foolish”, que consegue corresponder ao esperado (o vídeo retrô, de grande banda, é soberbo) e que canta bem. [...] com o apoio do rádio, James será mega, cabelo esquisito ou não.

O *Daily Star* o descreveu como “menos variado” que Amy. “Sua música é uma mistura ardilosa de ritmos funk e vocalizações frias como gelo. Ele foi também elogiado por *NME*, *Time Out* e *Face*.

Amy descreveu a si mesma e a James como “companheiros que transam. [...] Minha avó acha que ele parece o Leonardo Di Caprio, mas ele é muito mais bonito”.

Eles se alternavam para lavar os pratos.

Se eu ficasse em casa o dia inteiro, estava com o jantar pronto quando ele chegasse. Faço tudo por ele, mas temos nossa própria vida. Sou uma pessoa muito sexual, mas sexo é uma questão menor na nossa relação — temos muito mais que isso. E permitimos um ao outro ver outras pessoas. Tyler pode ficar fora alguns dias com uma garota. Não ficamos simplesmente juntos, aninhados, como a média dos casais: damos espaço um ao outro.

Entretanto, James logo iria dar a Amy algo muito mais significativa que espaço.

Seguiu-se para Amy um período no Brit Performing Arts & Technology School, em Croydon. A escola, que foi comparada à New York High School for the Performing Arts — tema do filme *Fame*, de 1980 —, é financiada pelo Department for Innovation, Universities and Skills, mas é independente do controle da autoridade educacional local. Desde 1922, recebe patrocínio do Brit Trust, a entidade por trás dos Brit Awards, onde Amy seria reconhecida mais tarde. Tinha uma classificação acadêmica fantástica: em 2006, por exemplo, 93% de seus alunos ganharam cinco ou mais notas de “A” a “C” no Certificado Geral de Educação Secundária (gcse).

(Por acaso, a primeira academia de artes inteiramente seletiva está agora sendo construída em Birmingham. Baseada na Brit School, a instituição de Birmingham, na seção leste da cidade, oferecerá aos alunos cursos de música, teatro, pintura e outras artes. A escola, que terá

em seu curso de música até 950 alunos com idade de catorze a dezenove anos, é uma das três academias desse tipo planejadas para a cidade.)

Entre os que estudaram na Brit estão os Kooks, Katie Melha, Floetry, Dane Bowers, os Feeling, os Noisettes, Imogen Heap e Leona Lewis. Um professor observou que a escola Brit é para o “não-típico. Ela se ajusta à personalidade dos alunos, em vez de pedir a eles que ajustem sua personalidade à escola”. Outro acrescenta que muitos de seus alunos podem ter tido experiências negativas no passado, pela sua criatividade — “como certas implicações, ou ser o único menino dançarino em uma escola qualquer no sul de Londres —, antes de terem vindo para cá.”

Já se disse que a melhor maneira de chegar à escola é “tomar um trem na London Bridge, desembarcar em Selhurst e seguir os adolescentes que estejam usando jeans apertados amarelo-vivo, uma jaqueta de couro de motociclista e penteados que parecem ninho de passarinho”. Há muita verdade nisso. Na primeira vez que Amy chegou à escola, ela encontrou dois prédios principais: um pavilhão retangular e construções de tijolos vermelhos, construídos em 1907. Em qualquer momento, há sempre 850 alunos estudando na escola, sendo que todos se matriculam dos catorze aos dezesseis anos de idade. Como escola criativa financiada pelo Estado, ela é muito popular, e apenas um em três candidatos tem sucesso, como Amy teve.

Um professor lembra de Amy como uma pessoa “animada, mas enervante. Era uma artista desde os dezesseis anos, e não muito adequada para ser institucionalizada”. Nick Williams, o diretor, concorda:

Era preciso ser louco para não perceber que Amy era uma garota muito talentosa e tinha o que precisava para ser extremamente bem-sucedida. Katie Melya e Amy Winehouse são duas pessoas muito diferentes — a única coisa que têm em comum é que não existe ninguém exatamente igual a elas. Não foram fabricadas em série. O que fazemos é atrair pessoas criativas para a escola — isso significa que coisas vão acontecer.

Reconhecemos que quando os jovens saem daqui e encontram seu próprio caminho, suas experiências podem ser mais duras, mais preocupantes ou difíceis. Não vemos sentido em tratá-los de um modo competitivo. Muitas das bandas não gostam de dizer que vieram da Brit School, e o motivo é óbvio: se alguém faz parte de uma banda, não quer que as pessoas achem que, de algum modo, alguém permitiu isso. Eu fico realmente otimista com as pessoas que saem da escola e dizem: “Eu fiz isso, não tem nada a ver com onde estudei”.

Quanto a Amy, a vantagem da Brit School foi que quase não havia meninos. “Eu dizia: ‘Onde estão os homens? O que está acontecendo?’ Então, costumava me trancar, desde quando tinha quinze anos, e só fazer música, porque detestava a escola. Durante todas as horas de almoço, durante todos os intervalos, eu estava na sala de música, tocando guitarra ou piano.”

Além das horas na sala de música, foi nessa época que Amy se apaixonou pelas tatuagens.

“Eu só queria uma Betty Boop no meu bumbum”, riu ela. “Gosto de tatuagens. Meus pais se deram conta de que eu faria o que quisesse e pronto, de verdade.”

Sobre suas experiências em duas escolas de teatro, Amy é direta, como era de se esperar. “Fico sempre feliz em detonar qualquer juízo falso que as pessoas possam ter a respeito da escola de teatro, porque todo mundo acha que é realmente detestável, mas não é”, comenta ela sobre a fábrica produtora de estrelas. “Eu também fui para a Brit School e foi uma merda. Mas Sylvia Young me levou a ser uma pessoa forte”, pontifica. Então, não é tudo peito e bunda? “Não, é assim, mas...”

Amy pode desdenhar a Brit School, mas muitos dos associados a essa escola são imensamente orgulhosos do envolvimento dela. Natasha Desborough, DJ da bbc 6 Music, disse: “Gente como Kooks e Amy Winehouse puseram Croydon no mapa por causa do sucesso da Brit School. Embora elas não sejam originalmente de Croydon, foram criadas ali, o que deveria deixar qualquer pessoa orgulhosa — eu, com certeza, me sinto.”

Entretanto, Amy estava pronta para fazer sua primeira grande exibição.

Tudo que seu mestre mandar

Nessa fase Amy cantava regularmente com a National Youth Jazz Orchestra. Enquanto tocava, algumas pessoas muito bem relacionadas a notaram. Uma delas era um determinado Simon Fuller.

Fuller já foi descrito de diversas maneiras, algumas históricas de tão elogiosas, outras extremamente depreciativas. Nascido em 17 de março de 1960, Fuller se tornou talvez a personagem mais importante na indústria do entretenimento. Além disso, foi citado pela revista Time como uma das cem pessoas mais influentes do mundo. “Meu negócio é criar fama e celebridade, e sou um dos melhores do mundo. Sei disso até os mínimos detalhes.” Nada de metade! Ele começou trabalhando na Chrysalis, em publicações, depois na A&R (Artistas e Repertório). Em meados dos anos 1980 descobriu o artista Paul Hardcastle e ampliou suas atividades sozinho, com apenas 25 anos. Seu primeiro single com Hardcastle foi “19”, que ocupou o primeiro lugar nas paradas, e, na esteira do sucesso, Fuller estabeleceu a própria companhia de gerenciamento — chamando-a de 19 Management.

Em seguida, ele descobriu a cantora-compositora Cathy Dennis e a ajudou em uma série de sucessos esmagadores pelo mundo inteiro durante os anos 1990. Depois, arrancou Annie Lennox de sua calmaria do pós-Eurythmics e relançou-a como artista solo com um sucesso fenomenal. Entretanto, essas façanhas se viram diminuídas diante do sucesso que ele obteve com as Spice Girls. Assumiu o agenciamento delas em 1996 e em poucos meses a banda era um grande sucesso. O *single* de estréia, “Wannabe”, ficou em primeiro lugar nas paradas em 36 países. Em segundo lugar, veio o lançamento do S Club 7, que esteve onze vezes entre os cinco principais *singles* no Reino Unido. Sempre com os olhos voltados para uma dinastia, quando a banda se separou, Fuller já tinha pronta uma substituição — S Club Juniors.

Então veio sua mudança para a televisão, com *Pop Idol* e depois *American Idol*. Esses programas foram recordes em sucesso de audiência na televisão, e o *American Idol* passou a ser o formato de tv mais valioso do planeta. Os votos dados chegaram a 74 milhões durante a final de *American Idol* de 2007.

Fuller, além disso, entrou para o mundo dos esportes, orientando as carreiras de Steve McManaman e David Beckham. Ele detém os direitos comerciais do nome e imagem de Muhammad Ali e da propriedade Graceland, de Elvis Presley. Mais recentemente, reuniu-se com as Spice Girls para promover a turnê mundial do reencontro do grupo. Com um patrimônio de 450 milhões de libras esterlinas, Fuller foi descrito como “o homem que quer mandar no mundo”. Bem, se isso for verdade, então está bem perto de realizar sua ambição.

Da parte de Amy, ela não era uma fã da franquia *Pop Idol* de Fuller. “A verdade é que nunca quis nada disso”, diz ela em relação a sua fama, acrescentando:

Eu ficaria satisfeita em cantar em uma banda cover a vida inteira. E nunca em tempo algum teria ido em um desses shows, porque acho que musicalidade não é uma coisa pela qual outras pessoas possam julgar a gente. Música é uma coisa que você tem com você mesmo. Mesmo que as pessoas que apareçam nesses shows sejam uma merda, é realmente prejudicial que lhe *digam* que você é uma merda.

Há relatos conflitantes sobre como Amy chamou a atenção de Fuller. Uma versão é que teria sido Sylvia Young quem arranhou para que dois colegas seus viessem e a vissem se apresentar com a National Youth Jazz Orchestra; outra é que James, que já fora contratado para uma subsidiária da 19 Management, ligou para Brilliant 19 e deu uma palavra em favor dela para os administradores.

Seja lá qual tenha sido o caso, uma vez na Brilliant 19, Amy foi agenciada por Nick Godwin. Inteligente homem de música, Godwin já se envolvera com as Spice Girls. Ele seguiu o caminho testado e aprovado da Brilliant 19, de aprimorar e estimular talentos. Não fazia muito tempo que Amy parara de trabalhar como jornalista de entretenimento, escrevendo para uma revista musical em uma iniciante agência de notícias de *showbiz*. Agora, entretanto, ela estava pronta para passar para o outro lado do *showbiz*.

Amy debita sua ligação com a 19 na conta de seu amigo Tyler James. “Eu tinha um bico na National Jazz Orchestra, e o meu amigo Tyler estava com seu cara da A&R Nicky [Shamansly], e Nicky disse a ele: ‘Escutei essa menina cantando jazz no rádio’. E Nicky falou: ‘Ora, minha amiga Amy canta jazz e ela é ótima’. Acho que eu devia ter uns dezesseis anos. Então acho que Nicky foi quem me convenceu a fazer uma fita.”

Quanto à brit School, Amy agora prefere se distanciar, de uma certa maneira, da experiência com a 19 Management. “Encontrei-me com Simon Fuller, assim, duas vezes!”, suspirou ela quando um entrevistador perguntou-lhe de seu envolvimento com Fuller. Ela também afirmou que a extensão desse envolvimento com Fuller se explicava porque por acaso ele compartilhava de um prédio com sua agência, a Brilliant 19. Na verdade, Fuller fundara essa agência. Ao ser indagada que impressão ele lhe causava, ela diz com petulância: “Gente de negócios não me causa impressão. Não ficam na minha cabeça”.

Ao ser pressionada a falar sobre a época sob a orientação de Fuller, ela declara: “Nunca deu certo. Meu agente no papel não era a pessoa que fazia o trabalho do dia-a-dia. Era um cara adorável, mas não ligava para música. Era, definitivamente, uma dessas pessoas que deixam o trabalho no escritório. Eu precisava de um tipo diferente de pessoa. Eu precisava de alguém que realmente se envolvesse”.

Entretanto, Fuller insiste: “A música é meu amor, em primeiro lugar. Tenho centenas e centenas de cds! E entendo de música. É uma força positiva”. Dizem que Fuller ficou horrorizado pelos comentários cada vez mais maldosos de Amy sobre outros artistas, inclusive Madonna, de quem teria falado: “Ela é uma senhora. Devia formar uma banda legal, ficar na frente dela e cantar, porra”. Ao que consta, ele não se impressionava com os comentários maldosos a respeito de outros artistas pop, inclusive a artista agenciada por ele, Rachel Stevens. Uma fonte declarou: “Amy está sob as asas de Simon Fuller, do *Pop Idols*, e ele está chateado com os comentários dela sobre seus artistas”. Será que Amy estava sob pressão para vender um determinado número de discos? “Não acho que ele se preocupe em obter resultados comigo. Ele tem o *Pop Idol* e seu império. É um homem inteligente.” Além disso, perguntaram a Amy se ela estava *realmente* pouco interessada em ganhar dinheiro nessa fase de sua carreira. “Bom, todo mundo gosta de dinheiro. Mas se alguém me oferecesse 3 milhões de libras para gravar sucessos de Rachel Stevens, eu aceitaria? Ha-ha! Não.”

“Quando eu tinha dezoito anos, não estava derrubando a porta de ninguém. Não estava tentando ser famosa”, diz ela. “Não passo de uma artista.” O agente que fora designado para ela no 19 admitiu na época: “Ela consegue ser bem frustrante. Mas não tenho dificuldades com a franqueza dela”, diz. “Ela é uma artista verdadeira que irá fazer gravações por anos a fio, uma pessoa apaixonada, que fala o que lhe vem à cabeça e não está interessada em dinheiro.” Em 2006, ela e Fuller se separaram, e ela adotou Raye Cosbert como seu novo agente.

Logo depois Amy assinou seu primeiro contrato de gravação com a Universal/Island Records. Darcus Beese foi o homem do selo A&R que a contratou, e ele conta que seus rivais foram “estripados” por perderem Amy. Beese, claro, estava exultante e deu um jeito de mostrar sua nova aquisição aos grandes e bons de sua companhia. Amy tocou num ambiente acústico, na sala do conselho da Universal/Island. Quando se sentou nas elegantes cadeiras de couro, ela prendeu o cabelo para trás com um jeito nervoso, declinando com educação a oferta de um copo d’água. Depois, se acalmou e ela se lançou numa suave expressão acústica em “There Is No Greater Love”. No final da canção, recebeu uma arrebatadora salva de palmas dos executivos da música, encantados por ter sob contrato uma artista potencialmente tão lucrativa. Eles podiam ver os cifrões das libras diante dos olhos.

O artista conhecido como John the White Rapper se lembra de ter conhecido Amy mais ou menos nessa época e de ter ficado encantado tanto com sua personalidade como sua voz. “Eu de fato não falei muito daquela vez, Amy estava cantando, e eu me lembro de ficar impressionado — eu nunca ouvira ninguém cantar de modo tão lindo perto de mim; voltando para casa, eu só conseguia falar em tê-la no estúdio.” A amizade dele foi rapidamente declarada. “Depois disso começamos a nos encontrar. Eu era mesmo um cara bem legal. Eu passava, e havia uma bagunça inacreditável — pilhas de roupas para lavar em toda parte — e

eu detesto bagunça, de modo que eu lavava. Acho que foi isso que fez com que ela gostasse de mim.”

Mais uma vez, no entanto, Amy não via as coisas exatamente do mesmo jeito. O pai dela, Mitch, diz que, para a descontraída Amy, o contrato com a Universal/Island era “apenas o jeito que ela arrumou para exibir sua música”. Amy confirma: “Eu honestamente nunca achei que ia ganhar dinheiro com música — calculei que conseguiria um emprego em um escritório ou como garçoneiro. Nunca tive um grande plano nem me promovi, mas, de algum modo, eu trabalharia para isso durante anos”. Ela se lembra de seu sentimento de perplexidade na primeira vez que as coisas começaram a decolar. “Ele [Nicky Shamansky] me disse: ‘Você quer um pouco de tempo de estúdio?’. E eu, muito inexperiente, perguntei: ‘Para quê?’. Ele falou: ‘Bem, se você escreve música com sua guitarra e faz uma gravação, você ganha um contrato de gravação.’ Eu disse: ‘Verdade? O que a gente ganha com isso?’ Acho que sou uma garota de muita sorte.”

Como isso é típico de Amy — se julgar a sortuda do pedaço. Para alguém de fora, a sorte ali estava com a empresa fonográfica, que comprou o talento dessa moça extraordinária. Sortudos, também, eram os ouvintes, que viriam a escutar suas maravilhosas canções. Entretanto, Amy sempre pôs a música em primeiro lugar, e não apenas antes da fama, mas também do ego. De qualquer maneira, com a assinatura dela garantida no contrato, o passo seguinte para o selo de gravação era fazer com que ela lançasse um disco. E que disco maravilhoso, embora controverso, ele se revelou!

Para ser franco

Enquanto Mitchell Winehouse dirigia seu táxi por Londres no outono de 2003, ele viu pôsteres que estampavam o rosto de sua filha. Os cartazes promoviam o novo cd dela, *Frank*. Lançado em 23 de outubro de 2003, *Frank* é um disco de contradições intermináveis. Não apenas os estilos musicais e os temas das letras estão em contraste uns com os outros, mas também grande parte da história do disco, que recebeu mais elogios de muitos críticos que da própria Amy.

Foi produzido principalmente pelo renomado produtor de hip-hop Salaam Remi, um homem fantástico para se ter no comando. Mais conhecido por seu trabalho com o *rapper* norte-americano Nas, Remi produziu melodias comerciais como “Here Come the Hotstepper” de Ini Kamoze e o cd vencedor de múltiplos prêmios de platina, *The Score*, de Fugees. Além disso ele trabalhou com Ms Dynamite, Toni Braxton e Lauryn Hill.

O disco de estréia de Lauryn Hill foi citado por Amy como tendo exercido uma enorme influência sobre ela quando mais nova. Além disso, ela é grande fã de Nas, declarando a um entrevistador: “Sou uma superfã de Nas. É o meu preferido. Eu estava num clube quando ele entrou. Tive um chique e fui obrigada a sair. É como Michael Jackson, histeria da era *Bad*.” Para *Frank*, Remi assumiu o controle na maior parte das melodias e também tocou baixo em algumas faixas.

Apesar do currículo cravejado de estrelas, ele próprio não tem uma grande presença como celebridade — de modo bastante deliberado. Ele explica:

Eu não queria ser visto como figura pública. Uma pessoa do ramo, tranqüila — a maior parte das pessoas com mais de cinco ou seis anos no ramo, já cruzei com elas, porque estou por aí há tanto tempo, de modo que, todos os presidentes e vice-presidentes, nossos caminhos já se cruzaram a essa altura, mas eu não quero na verdade ser uma figura pública. Gosto de ser conhecido pelos pares do ramo e por pessoas com quem trabalho, mas gosto de fato de poder circular.

Nem a ampla gama de gêneros com que ele trabalha jamais lhe causou alguma confusão, enquanto ele vai de artista em artista. Na verdade, ele acredita que isso valoriza seu trabalho. “Acho que o fato de eu escutar e trabalhar com diferentes tipos de música me mantém atualizado sempre que volto para qualquer setor”, diz ele.

Grande parte das vezes eu crio com base no projeto do artista. Não é como se eu apenas trabalhasse por trabalhar; algumas vezes faço isso, mas quando estou com Amy Winehouse não vou ficar pensando no que fiz para Shabba Ranks.

É diferente, mas, digamos, no disco de Amy há uma interpretação de “Moody’s Mood for Love”, que é uma canção de jazz composta por James Moody e Kong Pleasure, e a transformamos numa canção reggae. Então, como tenho influências diferentes, posso misturá-las. Mas também as mantenho separadas trabalhando em torno do projeto do artista, sempre que for preciso.

Estendendo-se quanto à sua metodologia, Remi disse:

Estou preocupado com canções que vão pegar e que exigem um veículo, letras ótimas que vão bombar, é aí que a gente vai conseguir um disco clássico no todo. Eu realmente entro e trabalho com pessoas e em muitas músicas, se puder escolher, e mesmo que a pessoa só queira fazer uma canção, eu digo: “Vamos fazer quatro e você escolhe a melhor delas”.

Um dos compositores com quem Amy trabalhou para o disco foi Felix Howard. Ele disse ao crítico de música Garry Mulholland que o início da parceria de composição fora divertida. “Ele me contou que na primeira vez em que ela apareceu no estúdio para escrever com ele, pegou sua guitarra acústica velha de guerra e começou a tocar aquela canção que não acabava nunca”, revela Mulholland.

Felix teve de dizer: “Pare! Talvez você possa cantar ‘Sad-Eyed Lady of the Lowlands’ [uma trilha diabolicamente indulgente de Bob Dylan] daqui a cinco anos, quando você tiver uma platéia!” Ele conta que ela simplesmente vivia num planeta próprio. Não estava preocupada com o que o mercado queria. Seus instintos tinham de ser controlados pelos produtores e compositores com quem ela trabalhava. Ela provavelmente estaria escrevendo odisséias populares de quinze a vinte minutos de duração, sem refrão.

Frank foi gravado em Miami, onde Remi tinha um belo estúdio. “Meu estúdio principal fica em Miami, na minha casa, diz ele. “Cada aposento na casa tem alguma coisa de música. Tenho uma quantidade absurda de equipamentos. Chamo minha casa de Zoológico dos Instrumentos.” Entre os músicos que trabalham com Amy no disco estão os guitarristas Binky Griptite e Thomas Brenneck, os bateristas Troy Auxilly-Wilson e Homer Steinweiss, os saxofonistas Andy Mackintosh, Chris Davies, Jamie Talbot, Mike Smith e Neal Sugarman, e o pianista John Adams. As palmas eram dadas por Vaughan Merrick, Mark Ronson e Victor Axelrod. Os efeitos sonoros eram gerados pelo produtor, *rapper* e ator norte-americano rza. Afora duas versões reinterpretadas, Amy foi co-autora ou, no caso de “I Heard Love is Blind”, escreveu todas as faixas do disco.

Então, como o cd ficou realmente? Com seu esfumaçado som jazzístico, a música de abertura, “Stronger Than Me”, é um lamento do novo homem. Amy se refere a um homem sete

anos mais velho que ela, mas que se recusa a desempenhar o papel masculino principal em um relacionamento. Ao contrário, ele quer discutir a relação com ela e a deixa controlar tudo. Ele quer que ela conheça a mãe dele, mas tudo o que ela quer é fazer sexo com ele, e pergunta desde quando isso passou a ser um crime? Como resultado disso tudo, Amy esqueceu a alegria que o amor pode trazer. Ela está cansada de consolá-lo e quer que ele a console. Em um determinado momento, ela chega a perguntar se ele é gay. No *Observer Music Monthly*, o excelente Garry Mulholland sentiu-se ao mesmo tempo ultrajado e encantado. Ele escreveu que “ex-machões, liberais, renovados”, foram durante muito tempo adorados pelas composições femininas, “e então essa adolescente judia de Camden aparece e nos diz que não passamos de um bando de frescos”.

Mulholland diz que, para Amy, um homem que “mostre um lado sensível é mais ou menos tão sexy quanto um que ponha fogo em seus puns”. Entretanto, ele adora “a música soul sutil, e a voz muito segura, alegre e comprometida com a própria raiva de modo tão profundo que é difícil acreditar que venha de uma pessoa tão jovem”. Ele conclui, instigante: “Minha visão do mundo está ameaçada por ela. Isso significa que ela está fazendo o que o pop deveria fazer — por a cabeça para fora e dizer: ‘É isso o que eu realmente sinto, foda-se’”. Algumas pessoas ficaram imaginando se Amy seria homofóbica, graças aos versos a respeito de uma *ladyboy* (transsexual) e à pergunta sobre se seu amor é gay. Dadas as entrevistas entusiasmadas para a imprensa gay e as aparições em roupas gays, isso parece pouco provável. Além do mais, seu alvo nesses versos são garotos hétero fracotes, e não homens gays. Deve-se observar também que, quando Kelly Osbourne uma vez perguntou a Amy se ela se considerava uma *pin-up*, ela gracejou: “Só para os gays”.

Ao falar da canção, Amy declarou: “Algumas das músicas, como ‘Stronger Than Me’ [que punia um amante demasiadamente suscetível] foram escritas em uma época na minha vida em que eu estava [encrencada] demais para fazer qualquer outra coisa além de escrever canções — quando eu achei que tinha enlouquecido e quebrei todo o meu quarto”. Uma tiete, Jo-Ann Hodgson, escreveu num site de fãs: “Ela se destaca com um talento verdadeiro para escrever músicas e uma voz forte, comovente, em um cenário de música usurpado por impostores. Essa canção adota o ângulo pouco comum de uma mulher que pede ao namorado para ele ser mais forte.”

Amy fala:

A coisa gay era só porque eu queria algum afeto. Não é como se eu precisasse ser o centro das atenções o tempo todo. Mas se meu homem chega e liga a tv, a não ser que seja um jogo de futebol, eu digo: “Você sente alguma atração por mim?”. Elas são muito pessoais e muito intensas, de um certo modo. Mas acho que há também muito humor. Sempre quis apresentar um ponto com alguma distorção. Sabe, feito “Estou realmente com raiva disso, você é um filho-

da-puta e sequer consegue fazer uma besteira!”. Só quero dizer coisas que eu acharia engraçadas se as ouvisse.

“You Sent Me Flying” é uma linda balada para piano detalhando uma rejeição que mandou Amy pelos ares. Cheia das imagens conhecidas de Amy de cigarros roubados, jeans detonados e camisetas Beastie Boys, ela mistura o tema do coração partido com um desafio provocante. Mais para o final da canção, Amy explica que não está na verdade tanto a fim do homem como pode parecer, e a melodia intensifica o ritmo para manifestar essa reflexão consoladora. Além disso, ela se consola com o fato de ele ter transmitido a notícia de um determinado jeito – e, bem, pelo menos ele se sentia atraído por ela.

Acoplada no final de “You Sent ...” está “Cherry”, uma canção para guitarra, curta e engraçada, na qual Amy fala de como sua amiga Cherry a entende melhor que seu namorado. Cherry, no entanto, é sua nova guitarra, cujo som Amy adora. Talvez, reflète ela, se seu homem fosse feito de madeira e cordas, então ela poderia ter um relacionamento tão bom como o que ela tem com Cherry. É uma canção engraçada, leve, e resume bem o espírito do disco.

“Know You Now” é uma melodia leve e fácil feita para guitarra de jazz, com fundo de flauta e cantiga de passarinho. Amy toma algumas liberdades fantásticas mais para o final da canção, e sua *performance* vocal nessa faixa lembra Mary J. Blige.

Aí começa outro dos destaques do disco, “Fuck Me Pumps”. Escrita em parceria com Salaam Remi e concebida por ele, é uma melodia fácil, mas cativante, e tem uma forte levada popular. A letra trata das aspirantes a esposas de jogadores de futebol, que predominam em grande parte da vida noturna do século xxi. Às vezes Amy é mordaz em relação a elas, dizendo que todas se parecem, e depois zomba delas por perderem o charme ao se aproximarem dos trinta anos. Além disso, ela identifica a hipocrisia dessas mulheres ao afirmar que não estão atrás especificamente de jogadores de futebol, quando é evidente que estão. Entretanto, à medida que a música progride, Amy tem palavras mais gentis para essas moças. Sem elas, declara, não haveria graça na vida noturna. Essa é uma canção inteiramente do século xxi, não apenas pela tendência que identifica, mas também por suas referências contemporâneas aos peitos de silicone e mensagens de texto. É jazz para a geração da revista *Heat*. “Eu tenho, assim, milhões deles”, diz ela a respeito de sua queda por saltos altos. “Sou um pouco hipócrita, porque na canção estou debochando, mas é o que eu uso.”

Quando foi lançado como *single* o título foi mudado para algo mais adequado ao rádio “F Me Pumps”. Amy diz: “Bom, o disco na verdade é ‘Fuck Me Pumps’, com ‘Help Yourself’ do outro lado. No vídeo eu articulo as palavras ‘Fuck me’, mas na edição eles tiraram o som! Na primeira vez que eu o vi, foi tipo: ‘Fuck! Onde está o meu fuck? Eu disse fuck aqui!’ Eu adoraria que o tocassem no *CD:UK* com o fuck, mas se recusam”.

Uma frase na canção usa a palavra *sket*, e uma vez perguntaram a Amy o que significava. “Uma *sket* é uma menina sórdida, desprezível. Digamos que você esteja com seu irmão menor, de treze anos, e veja uma garotinha desagradável que você conhece. Ele diz: ‘Gosto muito daquela menina’, e você fala: ‘Por favor, nem chegue perto dela, ela é uma verdadeira *sket*’. É uma menina inferior. Inferior por dentro.”

“I Heard Love Is Blind” são dois minutos e dez segundos de comovente pedido de desculpas de Amy a seu namorado por traí-lo. Estabelecido com uma melodia simples para guitarra acústica e flauta, a letra detalha um momento de infidelidade cometida por Amy ao ser deixada sozinha por seu amante. Entretanto, implora ela, na verdade não o traía porque pensava nele quando gozara e o homem com quem dormiu parecia com ele. Certamente ele não ia querer que ela ficasse solitária — e ela não tinha deixado o cara segurar sua mão. “Acredito em sexo accidental”, disse Amy ao comentar essa canção. “Sei que é triste eu achar que trair as pessoas não faz mal. Mas acho que é como fumar um baseado. Ih, me entreguei!”

“There Is No Greater Love” é a interpretação de um número de Isham Jones e se une a “Moody’s Mood for Love” como um grande cumprimento aos artistas que influenciaram e entusiasmaram Amy. Entretanto, o som clássico das duas melodias entra em contraste agudo com a canção seguinte do disco — “In My Bed”. Com um ritmo *trip-hop* lento e uma produção contemporânea, essa música é muito mais longa que diversas outras no disco. Amy é vista interpretando essa canção com acompanhamento acústico, no documentário incluído no dvd *I Told You I Was Trouble*. Com cinco minutos e dezessete segundos, ultrapassa de longe “I Heard ...” (dois minutos e dez segundos) e “Know You Now” (três minutos e três segundos).

As canções correspondem a um ultimato de Amy para o namorado. Ela quer que ele separe sexo de emoção, mas teme que não consiga. Sente que o relacionamento deles se deteriorou e não há nada de novo para ela. Tem de desviar o olhar quando fazem amor porque tudo é muito familiar, e isso para ela não é um bom sinal. Conclui que, a não ser que adote o modo dela de ver e abordar as coisas então esse modo vai ser diferente — e longe dele. Além disso, Amy memoravelmente chama a atenção para o fato de só segurar a mão dele para... ajudá-lo a acertar o alvo.

“Take the Box” detalha o drama de uma separação. Essa lamentosa canção de jazz foi escolhida como *single* e ficou no topo das paradas de sucesso entre todos os *singles* do disco. Aqui, Amy devolve os presentes dados por seu homem, inclusive um disco de Frank Sinatra e um sutiã Moschino. À medida que a separação se torna mais traumática, até os vizinhos são envolvidos no drama. Essa lavagem pública de roupa suja se tornaria verdadeira na vida de Amy, claro. Ela conclui que alguém que até então era lindo se tornara feio devido a alguma coisa horrível que dissera. Essa música foi selecionada como faixa de destaque por muitos críticos, inclusive o do jornal *Guardian*.

Com um refrão contagiante de guitarra e percussão hip-hop, “October Song” apresenta uma execução vocal surpreendentemente madura, mesmo para os padrões admiráveis de Amy. Dando um jeito de produzir uma faixa de jazz alto-astrol com a morte de seu canário de estimação, Amy mostra ali um lado muito doce e comovente de seu caráter. Ela se consola porque sua queridinha Ava voou para o paraíso.

Uma linha sombria, comovente, de pedal de guitarra domina “What Is It About Men?”. Amy lamenta que tenha às vezes escolhido o homem errado. Acha que faz isso com a mesma naturalidade com que canta. Diz que seu lado destrutivo está aumentando e se pergunta inúmeras vezes: qual é a dos homens? Essa faixa foi descrita pelo *Observer* como “uma observação desdenhosa que trata evidentemente de seu pai e de suas confusões românticas”. Quanto a Amy, ela confirma as ligações com o pai. “Fico tentando elaborar os problemas do meu pai ao se fixar numa mulher, tentando entender por que ele fez determinadas coisas. Eu agora compreendo bem isso. As pessoas gostam de fazer sexo. Não me ressinto porque meu pai tem um pênis. Do que adianta?”

De sua parte, Mitchell Winehouse filosofa a respeito da injustificável lavagem pública de roupa suja. “Acho que só a primeira parte é especificamente a meu respeito”, diz ele. “O resto é em geral sobre os canalhas que os homens são. Mas as músicas me deram uma pausa para pensar, porque o divórcio evidentemente coloriu a visão dela sobre os homens.”

“Help Yourself” pode ser mais bem vista como uma faixa irmã de “Stronger Than Me”. Mais uma vez, Amy censura seu namorado por ele não ser forte o bastante. Ela está cansada de carregá-lo, de manter sua cabeça acima d’água. Não tem como ajudá-lo a não ser que ele também esteja disposto a se ajudar. Embora seu amante tenha 25 anos, ela o vê como alguém de dezesseis anos. O diploma em filosofia que ele tem não a impressiona em nada porque é mais importante onde a pessoa está no momento do que onde ela já esteve. Mais uma vez, Amy é justa e enfatiza que se pôs no lugar dele para entender seus dilemas. De qualquer modo, está cansada dessa situação.

O cd termina com “Amy, Amy, Amy”, treze minutos e 14 segundos de uma alegre ode com sabor cubano às alegrias do namorado de Amy e das frustrações causadas pela atração sexual que sente por ela e a distrai da composição de músicas. Um apresentador agradece a todos por terem comparecido e diz que espera que tenham gostado. Gostamos.

Batendo o ponto em exatamente doze segundos para chegar a uma hora de música, *Frank* certamente faz jus ao título. Desde Amy perguntar ao namorado se ele é gay, na faixa de abertura, até a admissão declarada de seus anseios sexuais na faixa final, ele é nítido e pertinente. Além disso, como Amy revelou ao promover o cd, ele se baseia amplamente nas experiências que teve com um amante. “Ele é um homem muito ativo e sei que não vai comprar o disco”, disse ela. “Estávamos juntos quando escrevi alguma coisa, mas não acho

que ele tenha escutado algumas das canções menos lisonjeiras que escrevi depois. Ele disse para mim: “Como você se sentiria se eu fizesse isso com você?” Mas eu falei: “O quê? Alguém que você amou escreveu um disco realmente legal a seu respeito”. Então ele falou: “Amy, você me chamou de gay!”. E eu disse a ele: “Eu não disse que você era gay, apenas apresentei a questão. Você é?” Ele está apenas sendo infantil porque alguém escreveu um disco a seu respeito. Seus companheiros devem estar todos enciumados.”

Amy, portanto, já estava montando sua barraca como artista disposta a ser aberta e sincera nas letras de suas canções e nas entrevistas. Em uma idade na qual as representações pop muitas vezes são ensaiadas para transmitir uma imagem evasiva e imaculada, a franqueza de Amy era uma lufada de ar fresco.

Entretanto, alguns ficaram imaginando: será que amantes em potencial se sentiriam assim tão enamorados por essa franqueza? “É, sou um livro aberto”, concordou ela. “Alguns homens acham que sou psicótica possessiva e vingativa. Mas acho isso engraçado. Se você for legal comigo, eu jamais escreverei alguma coisa ruim a seu respeito. Não tem sentido dizer qualquer coisa diferente da verdade. Porque, no final do dia, eu não tenho de dar satisfação a você, ou a meu ex, ou ... eu não deveria dizer Deus ... ou um homem de terno da gravadora. Eu tenho de dar satisfação a mim mesma.”

Então voltamos às contradições que dominam o disco. Em um momento, ela repreende um amante por ser infiel, mas em outro instante também o critica por ser fiel *demaix*. Ela se queixa de achar difícil encontrar um homem, mas aí lamenta também o fato de tantas vezes escolher o homem *errado*. Não são só as palavras que se contradizem. A música é maravilhosamente antiquada e, ainda assim, as referências culturais — mensagens de texto, camisetas Beastie Boys — estão firmemente enraizadas no século xxi. “É diferente. Uma pausa na mesma velha merda”, diz ela a respeito de sua própria música. “É importante ser uma ótima cantora. Mas, é importante para mim me destacar, ser diferente, fazer algo diferente e dizer alguma coisa diferente.”

Talvez o aspecto mais intrigante de *Frank* seja o fato de Amy tê-lo praticamente repudiado. O site oficial dela dizia o seguinte a respeito do cd: “*Frank* foi um disco imponente e adequadamente sincero e rude. Granjeou-lhe um batalhão de fãs pelo mundo todo, marcando-a como uma das mais distintas entre as novas vozes da música popular; confessional, elementar e com a mais rara das combinações: humor e sentimento”.

Até aqui, elogios. Entretanto, assim que a soltarem diante dos jornalistas, Amy disse que estava “apenas 80%” por trás do disco. “Não consigo mais escutar *Frank* — na verdade, nunca consegui”, confessou para um entrevistador chocado. “Eu gosto de tocar as faixas ao vivo porque aí é diferente, mas escutá-las é uma outra história. Algumas coisas nesse disco me levam a um lugarzinho de uma amargura fodida. Eu não vi ninguém da gravadora desde que o

disco foi lançado. E sei por quê. Eles têm medo de mim e sabem que não tenho respeito nenhum por eles.”

Foi o modo como o disco a elevou a uma posição que ela não queria ocupar que ajudou-a a declarar seu despreço por ele. Para início de conversa, a gravadora agrupou-a com Katie Melua e Jamie Cullum. “As pessoas nos põem juntas porque aparecemos ao mesmo tempo, mas não somos nem um pouco parecidas”, diz ela. “Sinto-me mal por Jamie, posto junto comigo e com ela. Eu escrevo as minhas músicas e alguém escreve as dela. Jamie deve se sentir frustrado. *Ela* deve achar que teve uma puta sorte. Se alguém se destaca entre nós, deve ser ela”, prossegue falando a respeito de Katie Melua, porque não escreve as próprias canções. “Não é como se ela estivesse cantando velhas canções, como Jamie, ela está cantando uma merda de canções novas que o agente escreve para ela.”

Surpreendentemente, Amy alega que não escuta *Frank* e que também: “Nunca escutei o cd do início até o fim. Não o tenho em casa. O marketing foi fodido, a promoção foi horrível. Tudo foi um pandemônio. É frustrante, porque a gente trabalha com tantos idiotas — mas são idiotas legais. Então não dá pra dizer: ‘Você é um idiota’. Eles sabem que são idiotas”. Ela estava tão desiludida que não viria a escrever outra canção por dezoito meses.

Portanto, as palavras mais entusiásticas sobre o cd não vêm da parte da própria Amy. Entretanto, a reação dos críticos foi muito, muito mais elogiosa. O site da bbc disse que o cd era “liricamente fresco e intransigente”. Acrescentou: “Esse é o primeiro lançamento de Amy e pressagia um bom futuro para ela. Se isso é o que a moça é capaz de fazer numa idade tão jovem, deve ser bastante certo que será o primeiro de uma longa fila de lançamentos bem elaborados, modernos e irreverentes”. No *Guardian*, Beccy Lindon escreveu: “Posicionada em algum lugar entre Nina Simone e Erykah Badu, o som de Amy Winehouse é ao mesmo tempo inocente e dissoluto... É difícil não ouvir a honestidade e o sentimento que ressoam nesse disco”.

No *The Times*, Paul Connolly concluiu que:

Esse *Frank* dela não poderia ter um título mais adequado, com essa miscelânea romântica de traição sexual e ciúme, apimentada com menosprezos cáusticos e ditos espirituosos formidáveis. “F*** Me Pumps”, um contundente ataque a mulheres de uma certa idade que estão em busca de um marido rico mas acabam com uma série de casos de uma noite, é mais que ácido. Suas letras cortantes — “Como as notícias, todos os dias você é prensado” — são apenas ligeiramente suavizadas por uma melodia abatida que lembra vagamente “Winter Wonderland”.

O *Evening Standard* fez um perfil de Amy para complementar o lançamento do cd:

Esse disco de estréia, *Frank* (como seu herói, Sinatra e seu jeito desconcertante), é uma cornucópia notavelmente segura — parte jazz, parte hip-hop, mas remanescente de Norah Jones, Dinah Washington e, principalmente, da diva do soul norte-americano, Erykah Badu. É acessível o suficiente para que a Radio 2 o toque sem parar; comercial o suficiente para que ela seja contratada por uma ramificação da operação do superempresário Simon Fuller e suficientemente de vanguarda para merecer a aprovação de revistas como *Straight No Chaser* e *Blues Soul*.

A moderna revista *Dazed and Confused* disse que era uma das “estréias britânicas mais impressionantes em anos”; *MOJO* deu-lhe nota quatro num máximo de cinco e o descreveu como uma “estréia estonteante”. Em algum outro lugar foi descrito como o encontro de Nelly Furtado com Billie Holiday.

A escritora feminista Holly Combe fala das ilustrações do disco:

A imagem é de alguém que gosta dos badulaques de “Ser-Menina”, mas que sabe também ajustar-se “Aos Caras”. Em outras palavras, estamos falando de uma imagem perfeitamente equilibrada. Exatamente como o muito buscado arquétipo “principalmente Bs” naqueles testes em *Cosmo* e *Just Seventeen*. Legal, Amy!

A *Leicester Mercury* foi menos aprovadora, ao escrever: “De fato, é intensa, talvez um pouco demais. Embora esse cd faça o nome dela, não é o que vai gravá-la na Galeria da Fama. Mas o tempo e um florescente talento vocal estão do lado dela”. Parece que outra imprensa local nas Midlands também não foi entusiástica. O *Birmingham Evening Mail* declarou: “Sua voz ao estilo de Macy Gray é um gosto adquirido, no entanto”. O website Metacritic — que organiza todas as resenhas de discos e dá a eles uma “classificação geral” — atribuiu a *Frank* 84/100.

O disco entrou para os sucessos do Reino Unido como número 60, mas subiu à sua posição mais alta, de número 13, em janeiro de 2004. Viria a reaparecer nas paradas de sucesso quando o perfil de Amy foi feito por ocasião do lançamento do cd seguinte, *Back to Black*. Chegou ao número 28 nos sucessos irlandeses. Mesmo rejeitado por Amy e inicialmente lento nas classificações dos sucessos por ser pouco tocado no rádio, *Frank* é um disco clássico e levou Amy à atenção da indústria da música.

Além disso conquistou para Amy uma primeira indicação séria para um prêmio. Concedido anualmente, o Prêmio Mercury é atribuído ao melhor disco do Reino Unido ou da República da Irlanda, estabelecido como uma alternativa aos brit Awards dominados pela indústria fonográfica. Os indicados são escolhidos por uma comissão selecionada de executivos da indústria musical no Reino Unido e na República da Irlanda. Além disso, tem a fama de ser concedido a artistas que não são os favoritos. “O propósito do Mercury não é simplesmente eleger um ganhador: o objetivo do Mercury é dar publicidade e celebrar todo tipo de música”,

diz Simon Frith, presidente da comissão de julgadores. Entre os ganhadores estão Ms Dynamite, M People e Talvin Singh. Frith acrescentou que a comissão nunca se enganou na escolha.

Os outros indicados para o prêmio em 2004 foram Basement Jaxx (*Kish Kash*), Belle & Sebastian (*Dear Catastrophe Waitress*), Franz Ferdinand (*Franz Ferdinand*), Jamelia (*Thank You*), Keane (*Hopes and Fears*), Snow Patrol (*Final Straw*), Joss Stone (*The Soul Sessions*), os Streets (*A Grand Don't Come for Free*), Ty (*Upwards*), Robert Wyatt (*Cuckooland*) e os Zutons (*Who Killed ... The Zutons?*).

Na cerimônia, em 8 de setembro de 2004, o prêmio foi para o grupo de rock escocês independente Franz Ferdinand. “Isso chega num ano em que estamos rodeados por essas bandas fantásticas”, diz o charmoso cantor principal da banda, Alex Kapranos. “Todos os outros merecem mais que nós. Eles refletem uma tendência no Reino Unido, no momento, de produzir uma música fantástica, de modo que, estamos vivendo uma época muito boa.” Abençoado seja ele, Amy pode não ter ganho, mas se apresentou na cerimônia e estaria de volta em pouco tempo. De fato, naquela ocasião, não podia adivinhar para quantos prêmios viria a ser indicada e quantos ganharia.

Também em 2004 Amy foi indicada para dois prêmios brit. As categorias para as quais foi pré-selecionada foram British Female Solo Artist e British Urban Act. A cerimônia foi no Earls Court, apresentada por Cat Deeley, que apareceu de cartola, montado numa enorme garrafa de champanha, e declarou: “A bebida está de volta! O Rock and roll está de volta!” Amy teria aprovado. A noite foi dominada pelos sedutores roqueiros do The Darkness, que ganharam três prêmios. O grupo Busted e Justin Timberlake dividiram um prêmio, e Beyoncé Knowles recebeu o prêmio de Melhor Cantora Internacional. O riso explodiu na arena quando o dj Chris Moyles falou: “Estou sentado atrás dos bastidores — é uma droga. Tenho de ficar olhando para o rosto gordo do doutor Fox a noite inteira. Nada de comida, nada de bebida, nada de garotas — uma droga”.

Naquela noite, Amy não ganhou nenhum dos prêmios, e o British Female Solo Artist foi dado a Dido. Ao aceitar o prêmio via mensagem de vídeo, ela disse que estava “bastante surpresa”. “Sei que é escolhido pelo público, estou muito grata.” Enquanto isso, o prêmio British Urban Act foi concedido a Lemar, que chegara à notoriedade pelo programa da bbc *Fame Academy*.

A essa altura, Amy já apresentara seu primeiro grande show mencionado nas manchetes em Londres. Classificado como “um atraente oásis na movimentada Uxbridge Road de Shepherd's Bush”, o Bush Hall é um dos locais mais carismáticos da capital. No início do século xx ele abrigava um salão de baile, orquestras de suíngue e danças de música irlandesa. Depois, durante a Segunda Guerra Mundial, se tornou uma grande cozinha comunitária que servia os

habitantes locais famintos, antes de se tornar um salão de bingo e depois uma galeria de diversões, nos anos de pós-guerra. Durante os anos 1990 passou a ser um salão de sinuca, visitado por pessoas famosas, inclusive Hugh Grant e Stephen Fry. No início do século xxi, foi reformado, e desde então tem abrigado concertos para uma diversidade de representações, incluindo REM, Boy George — seu primeiro concerto por mais de uma década —, Scissor Sisters, Lily Allen e Sugababes.

O local tem capacidade para 350 pessoas e grande parte delas era, na noite, composta por curiosos da indústria musical e amigos de Amy. Com espaço tão precioso dentro e fora do palco, Amy teve de disputar espaço com sua banda – especialmente a seção dos metais. Ela abriu com “Best Friends” e logo a platéia estava encantada. Prosseguiu com “You Sent Me Flying” e “Know You Now”. “Hoje estou um verdadeiro animal”, disse Amy num determinado momento, que usava um top de alça preto e leggings de leopardo.

Caroline Sullivan escreveu em sua crítica para o *Guardian*: “Era mais impressionante quando se apresentavam só ela e um guitarrista, como em “(There is) No Greater Love”. Amy Winehouse é a própria definição de ‘potencial’... que suas angústias possam se desenvolver por muito tempo”.

Ao escrever no *The Times*, Lisa Verrico concordou com Caroline Sullivan, que Amy ficava em sua melhor forma sem a seção de metais, dizendo que ela era “simplesmente irresistível” quando acompanhada apenas pela guitarra. Também ecoou o elogio de Sullivan à apresentação de “There Is ...”, falando de “arquejos da platéia” durante a canção. Quando Amy passou para “Stronger Than Me”, a platéia se encheu de quadris rebolantes e grandes sorrisos. Foi uma noite bem-sucedida, e até o papo de Amy entre canções causou algumas risadas na multidão. Uma noite de sucesso, então: Amy impressionou críticos, figuras da indústria musical e fãs. Nada mal para uma noite de trabalho.

Seguiu-se um concerto na Universidade de Northumbria. A crítica Claire Dupree, do *Newcastle Evening Chronicle*, escreveu:

A primeira coisa que impressiona em Amy é como pode uma voz tão potente vir de alguém tão franzino? A voz dela desmente a idade, e seu áspero sotaque do norte de Londres é transformado em um ardente arrastado de jazz. A música às vezes quase expressa um sentimento de grande banda e abrange uma excelente seção de metais. Uma favorita em particular, “You Sent Me Flying”, reduziu uma platéia previamente barulhenta ao silêncio com a letra emocionada a respeito de amor não correspondido. [A letra] me causou calafrios pela espinha, me arrepiou e levou a multidão a aplausos frenéticos.

Nem todos os críticos foram favoráveis. Fiona Shepherd, por exemplo, ao escrever no

Scotsman a respeito da apresentação de Amy no Cottier Theatre em Glasgow, censurou a apresentação em geral e o desempenho vocal em particular. Ela disse sobre o estilo de Amy

Era tedioso depois de cinco minutos, quanto mais depois de uma hora e cinco minutos, e seu tom rico, maduro, estava mal servido pelo estilo vocal favorecido por ela. Amy Winehouse exagerou impiedosamente ao cantar como mais um aspirante competente a *Pop Idol*, confundindo acrobacias vocais com uma interpretação comovente e sofisticada. Ao terminar de deturpar cada faixa, qualquer melodia que pudesse ter se firmado estava totalmente exterminada.

Ela logo viria a se apresentar em Dublin, onde o crítico do *Irish Times* escreveu:

Há ainda menos sentimentalidade de olhos de gazela, ou pudor insincero na música de Amy Winehouse, uma mistura petulante de jazz ronronado e hip-hop rosnado para combinar com sua sexualidade terrena, rebolante. Ficamos um tanto surpresos, no entanto, ao ver a recente ganhadora do Prêmio Ivor Novello no palco nessa noite opressiva, puxando o decote e soprando dentro do vestido. Mostrar que o ar-condicionado do local é falho é típico de Amy Winehouse: equilibra momentos de alívio com música decididamente fogosa e irritante.

Um elogio mais excêntrico surgiu no *Newsquest*, depois do show dela na Liverpool Academy. Ian Kelly escreveu:

Ao vivo, é uma cantora surpreendentemente carismática, e apesar de parecer filha de Penelope Cruz com Ruud van Nistelrooy, ela é muito sexy. Essa menina sabe levar uma melodia. Foi uma exibição perfeitamente afinada de seus inquestionáveis talentos vocais, que foram absolutamente assombrosos.

A apresentação de Amy no 2004 T no Festival Park, não foi assim tão elogiada. Joe Mott, do *Daily Star*, escreveu: “Seus vocais hipnotizadores são estragados por uma multidão que acha que está no teatro e conversa o tempo todo”.

Ela apareceu também na Warwick University, na Universidade de Northumbria, no Brecon Annual Jazz Festival, no Harrogate International Jazz Festival, Ross-on-Wye International Festival e no Montreal International Jazz Festival. Jordan Zivitz escreveu na *Montreal Gazette*: “Amy Winehouse deixou seu ritmo hip-hop em casa, cantando com um trio que deixou às suas letras ferinas e aos vocais de Billie Holiday moderna bastante espaço para se movimentar”.

Depois de assisti-la uma segunda vez, Zivitz acrescentou:

Tivemos, no entanto, uma potência de voz que mais que correspondeu às promessas do cd de Amy Winehouse, e uma presença de palco friamente medida que fez com que suas letras espinhosas parecessem ainda mais perigosas. A

instrumentação revisada deu ao material um sentido mais tradicionalmente jazístico do que no cd *Frank*, com influência maior do hip-hop — mais para índigo escuro que para vermelho flamejante. Independentemente da cor, Amy Winehouse está chegando aos lugares. Entre esses lugares, sem dúvida, está um local maior que o Club Soda da próxima vez.

Poucos dias depois de se apresentar em Montreal, Amy apareceu no Cannizaro Park, em Merton, e no Old Street de Londres, onde ela teve problemas em se lembrar das letras. “Ela chegou a dizer; ‘Eu tenho de tentar me lembrar dessa merda agora’” conta um membro da platéia. “Essa não é bem a melhor publicidade para o novo material dela.” Apareceu também no Pizza Express Jazz Club em 2004. A crítica do *Guardian* fez um derramado elogio:

Amy Winehouse apareceu na segunda metade, misturando *singles* de seu disco *Frank* com clássicos de jazz, incluindo “Caravan”, e “What a Difference a Day Makes”. Seu *timing* e inflexão vêm mais do hip-hop, soul contemporâneo e R&B que do jazz — mas um instinto de improvisadora a fez muitas vezes nadar espetacularmente contra a corrente.

Entretanto, foi o repórter do *Daily Telegraph* quem melhor captou o brilho da noite. Neil McCormick escreveu:

Sem ter de se concentrar na própria guitarra, ela realmente brilhou como vocalista, enquanto o trio animava suas canções (e alguns salpicos de interpretações clássicas de outros autores) com genuíno brio. O ponto alto da noite, no entanto, foi quando o muitas vezes mencionado pai de Amy, taxista e cantor Mitchell Winehouse, arrebatou o microfone para uma versão suave de uma música de Frank Sinatra. Demonstrando com segurança a raiz genética do talento de Amy, Mitch parecia pouco impressionado por alguns dos adornos experimentais do trio. Em uma descontraída ameaça de um vilão de *EastEnders*, ele fez uma pausa em sua apresentação para perguntar ao pianista de rosto viçoso: “Isso foi só uma passagem de ligação ou você está embromando como sempre?”

Isso revelou Mitchel!

Mais tarde, querendo lembrar aquela noite, McCormick escreveu: “Eu a vi se apresentar num Pizza Express com o pai, Mitch, um motorista de táxi que canta Sinatra, e encontrei uma família amorosa, bem orgulhosa dos sucessos de Amy”. Amy começava a conquistar uma imensa fama como cantora ao vivo nesse momento de sua carreira. O *Daily Mirror* fez uma apresentação prévia de um show dela do seguinte modo:

Ela tem uma voz incrível, um grande talento e uma verdadeira queda para dizer o que não deve. Mas, fora os comentários francos a respeito de colegas artistas, é na arena ao vivo que Amy tem de ser saboreada. Madonna pode ou não fazer mímicas, mas Amy tem uma voz com tal intensidade que faz Madge (N.T.: apelido de Madonna) parecer uma

cantora de karaokê.

Ao criticar um concerto dela no UEA Norwich, John Street escreveu no *Times*:

Para começar, a voz dela parece quase dominá-la, como um cachorro teimoso arrastando o dono por campos enlameados e valas inundadas. À medida que o show continua, esses maneirismos vocais tendem a se tornar repetitivos, como se presos em um único registro emocional e musical. A voz dela fica melhor em canções mais rigidamente arranjadas, em que a atenção está no detalhe: “Stronger Than Me”, “What is it About Men”, ou “Help Yourself”. Os vôos e mergulhos, os gritos raivosos meio contidos, povoam esses números com uma trilha sinuosa de sensações.

Amy sempre disse que se apresentar ao vivo é “o que há” para ela. “Adoro estar em turnês, mas gostaria de poder trabalhar melhor fora da multidão; ser mais uma produtora de espetáculos”, diz ela. “Para mim, o que importa são as canções, e fico tão ocupada me concentrando nisso que não dou muita atenção à platéia”.

Enquanto isso, sua crescente fama doméstica ecoava pelo mundo afora. Um jornal de Cingapura escreveu sobre Amy;

Usando muito delineador preto nos olhos e cantando canções como “F*** Me Pumps”, essa londrina é certamente a menina má do gênero. Embora cante em típico modo jazz-blues, os ritmos refletem hip-hop e R&B da moda mais do que *scat* ou até mesmo soul.

Entretanto, era em casa que a estrela de Amy brilhava mais forte. Por volta dessa época, o *Observer Music Monthly* despachou um jornalista para redigir o primeiro grande artigo sobre Amy. O respeitado crítico de música Garry Mulholland viu o espetáculo e teve diversas sessões de entrevistas com Amy para o artigo. Durante uma entrevista com o autor, ele lembrou da experiência com agrado. “Ela é a entrevistada dos sonhos”, diz ele, sorrindo.

Primeiro, porque é uma máquina incontrolável de citações. Segundo, porque é realmente uma menina adorável, de fácil relacionamento, muito calorosa. Eu estava atravessando um período incrivelmente difícil na minha vida pessoal naquela época. Quando aconteceu de me encontrar com Amy eu não estava na melhor forma do mundo, de modo que me sentia bastante nervoso. Pensei: ‘Se ela for um pouco difícil, vou achar isso tudo muito duro’.

Ela era imensamente reveladora, incrivelmente sincera, uma companhia fantástica. Fez do que poderia ter sido uma situação muito difícil, uma ocasião muito fácil. Fiquei muitíssimo agradecido a ela por isso. Sentamo-nos em um restaurante em Camden Town e tomamos um porre de sangria. Apesar da fama dela, eu estava definitivamente bebendo o dobro do que ela bebia.

Um jornalista que entrevistou Amy no Canadá se lembra de um clima parecido. Quando Amy tentou se espichar no assento de um restaurante, um garçom expressou sua aversão, incentivando Amy a gemer alto: “Você só quer ir ao McDonald’s?”.

Ela uma vez foi também bastante franca com um jornalista durante uma entrevista, bocejando com frequência e ostensivamente desde o início. “Desculpe, mas falar sobre mim mesma não é natural”, disse ela com outro bocejo. “Não sei o que tem de interessante nisso. Sem querer ofendê-lo, eu podia agora estar na casa da minha vovó. Ou podia estar em casa esperando o encanador vir consertar a máquina de lavar.”

Até mesmo um entrevistador ao telefone não foi poupado de um momento teatral de Amy. “Desculpe, acabo de fazer um pipi”, disse a então imprudente garota de vinte anos. Sim, Amy Winehouse estava no banheiro. “Desculpe. Acontece o tempo todo. Sempre que vou ao toalete levo o telefone comigo.”

Depois ela perguntou ao seu investigador: “Você já fez sexo ouvindo meu disco? Conhece alguém que já tenha feito? Adoraria saber quem fez”, disse ela. “Esse é o teste de um disco malvado. Pergunte a todos os seus amigos se já fizeram sexo ouvindo o meu disco. Isso seria legal. Significaria que as pessoas conseguem ser elas mesmas por completo com a minha música.”

Garry Mulholland amplia esse tema. “Ela chegou toda desajeitada, como alguém que simplesmente não estava nem aí”, diz ele.

Ela dirá exatamente o que lhe passar pela cabeça. Se ofender você ou qualquer outra pessoa, azar. Em um determinado momento revelava muito desse cara com quem estava saindo e que era o assunto das músicas do primeiro disco. Ela começou a dizer o nome dele e a falar sobre ele em detalhes. Eu parei a entrevista e disse: ‘Sabe de uma coisa? Eu acho melhor você parar, porque eu poderia publicar o nome dele e todos esses detalhes. Você iria realmente se arrepender, de modo que estou sugerindo que você pare’. Então eu tive de controlá-la, enquanto normalmente teria sido o contrário. Tive de fazê-la parar porque eu não queria parecer injusto com esse cara. Ela se parece com Pete Doherty: não tem um pinga de autocensura. Se eu tivesse lhe perguntado o comprimento exato e as dimensões do pênis do ex-namorado, ela teria me dito. Era extraordinário.

Mulholland entrevistou uma galáxia inteira de estrelas musicais durante sua carreira, então, onde fica a Amy em suas experiências? “Ela foi a entrevistada mais honesta com quem já estive”, diz ele, “e não parecia ser tática de choque forçado. Ela não era maldosa. Era como se estivesse conversando com sua melhor amiga a respeito de sexo.”

Ele insiste em que a honestidade e abertura de Amy se situa em um nível diferente daquele demonstrado por determinados artistas, como Robbie Williams.

Robbie sempre aparece como alguém que constantemente implora a simpatia do público. Não há autopiedade nas revelações de Amy. A atitude dela é: “Isso aconteceu, aquilo aconteceu, e agora eu posso escrever maravilhosas canções”. Quando ela fala de coisas como sexo, há aquela coisa de “garota de Londres”: uma garota que não consegue resistir a bater papo sobre sexo com todo mundo. Mas há um elemento de moleque: ela nem solicita sua simpatia nem flerta com você. Ela nunca faz o jogo de “sou uma garota”. Ela é um trator, direta e positiva.

Embora, em 2004, Amy estivesse longe da celebridade que é hoje, Mulholland lembra que ela já tinha aquela qualidade evasiva: o fator x. “Ela se levantava para ir ao banheiro, era um momento Jessica Rabbit”, diz ele. “Literalmente todo mundo nesse restaurante se virou e observou-a ziguezaguear pelo restaurante. Era mais do que sexo: era carisma. As pessoas não sabiam quem ela era, de modo que não tinha muito a ver com fama. Era pura volúpia e fascinação.”

Carisma ela tinha muito, e exatamente tanto quanto excentricidade, diz Mulholland.

Quando fizemos a segunda entrevista, ela apareceu com uma dessas sapatilhas cor-de-rosa de balé. Parecia tê-las roubado de uma prostituta na rua. Estavam tão gastas que já não tinham mais as pontas. Mais uma vez, pensei: “Essa figura está realmente em um planeta próprio”. Ela é uma excêntrica genuína, não é fingida, “sou selvagem e doida”. Mesmo que ela não tivesse um contrato de gravação, ainda assim seria essa menina insana que segue completamente o ritmo de seu próprio tambor. Ela era uma queridinha, embora fosse obviamente maluca.

Apesar da sua relativa falta de fama na época, Mulholland ainda a achou incrivelmente confiante.

Quando me encontrei com ela para a primeira entrevista, foi depois de um show. Entramos no táxi e ela disse: “Na verdade, eu tenho mesmo de levar a guitarra e o amplificador para casa. Você se importa de vir comigo?”. Então voltamos para o apartamento dela em Camden Town, e foi realmente muito legal. Dei-me conta de estar subindo as escadas da casa de Amy Winehouse, carregando a guitarra e o amplificador. O apartamento era perfeitamente legal, um pouco bagunçado, como era de se esperar. Quantos outros artistas pop convidariam um jornalista para ir à sua casa? Foi simplesmente um gesto muito legal.

Em uma entrevista com o autor, o respeitado escritor e comentarista cultural Mark Simpson também fez o contraste entre Amy e Robbie Williams. “Ela é o homem que Robbie Williams sonha ser”, disse ele. “As tatuagens dela são muito melhores que as dele, e a peruca também. Ela limparia o chão com ele numa briga de *pub*. Escreveu uma canção sobre não fazer desintoxicação — todas as canções dele são sobre fazer desintoxicação. Com a mãe dele. Não preciso dizer que a voz também é muito melhor. Mesmo que a voz de Robbie Williams chegasse próximo ao ponto de passagem, nem chegaria perto.”

Chris Cooke pinta um retrato semelhante da experiência de “entrevistar Amy” ao que Mulholland esboçou:

Estava um tanto instável durante minha entrevista? Bom, sim, um pouco — conversas paralelas com o namorado e um pedido para que a assistente fosse buscar o jantar tornaram a coisa ligeiramente difícil de acompanhar. Mas, ao mesmo tempo, eu teria ficado decepcionado se fosse de outro modo, porque é por isso que adoramos Amy. E, enquanto o ligeiro, mas inócuo, caos me fazia parecer a pessoa mais chata da terra, quando tentei trazer a conversa de volta ao tema, ou busquei um esclarecimento ou outro, em meio a tudo, acho que consegui pegar o *insight* que eu queria sobre o disco brilhante que é *Back to Black*.

Ela também já adormeceu durante uma entrevista com a revista de sucessos norte-americana *Blender*. Ao perguntarem se usava drogas, contou à entrevistadora Jody Rosen: “Não tenho tempo”. Perguntada sobre se era alcoólatra ou não, ela disse: “Não sei. Realmente bebo bem. Costumava chegar antes de o *pub* abrir, ficava batendo à porta”. Ela então começou a adormecer, dizendo depois: “Oh, Deus! O que há de errado comigo? Há alguma coisa errada comigo. Estou realmente zonza. Desculpe.”

A entrevistadora falou:

Amy nunca foi exatamente a imagem da saúde, mas esta noite ela parecia especialmente mal — encurvada, pálpebras pesadas, e simplesmente frágil. (...) Agora suas palavras estão ininteligíveis, as pálpebras caem. A cabeça oscila num aceno. Ela dorme durante um segundo, acorda com um estremecimento, murmura e dorme outra vez. O cigarro incandescente cai no chão.

Outro jornalista, Aidan Smith, do *Scotland on Sunday*, em seu artigo sobre Amy, detalhou a “certa bagunça” a que Mulholland aludira na casa de Amy. “A cerca está quebrada, um catálogo apodrece perto do portão e latas vazias de cerveja sujam o jardim”, escreveu ele e prosseguiu:

Passando com dificuldade pela montoeira de sapatos no hall, cheguei à sala de estar. Parecia uma cena de crime, bagunça por toda parte: cds e vídeos, (...) roupas jogadas — calças! — e xícaras de café pela metade, (...) um par de gigantescos óculos escuros de comédia e uma almofada bordada com uma semelhança grosseira a Patrick Swayze. Eu não dou atenção à bola num canto; só uma mulher poderia viver ali.

Amy confirma a percepção generalizada de moleque a seu respeito quando diz: “Não sou na verdade uma garota. Sequer sou uma garota menino. Sou um homem homem — e isso não significa que seja sapatão. Os homens são muito mais diretos. Não ficam insistindo nas coisas

nem fazem joguinhos psicológicos. Não estou dizendo que todas as mulheres sejam assim, ou que alguns homens não façam esses jogos, mas, no geral, os homens são mais calmos e não ficam perdendo tempo. A vida é curta. Qualquer coisa pode acontecer, e em geral acontece, de modo que não tem sentido ficar sentado pensando a respeito de todos os ‘ses’, ‘es’ e ‘mas’”.

Amy quase ganhou um grande prêmio duas vezes em sua carreira, e tirou a sorte grande mais para o fim do ano, recebendo as honras musicais de maior prestígio. O Prêmio Ivor Novello começou a ser concedido em 1955. Batizado em homenagem a Ivor Novello, compositor, cantor e ator galês que se tornou um dos apresentadores britânicos mais populares no início do século xx, os prêmios agora são concedidos pela British Academy of Composers and Songwriters. A Academia, formada em 1999, representa os interesses dos compositores de música de todos os gêneros no Reino Unido. O prêmio propriamente dito é uma sólida escultura de bronze de Euterpe, a musa grega da música. Entre os ganhadores desse prêmio de prestígio estão Iron Maiden, Darkness, Feeling, Madonna, Freddie Mercury, Brian May, Richard Thompson, David Bowie, Ray Davies, Kate Bush, Eric Clapton, John Lennon, Annie Lennox, Phil Pickett, Paul McCartney, Madness, Duran Duran, George Michael, Pet Shop Boys, Dave Stewart, Sting, Robbie Williams e Gary Barlow.

Ela ficou encantada ao ser indicada para um Ivor Novello, muito mais do que ao ser indicada para o Best Female no brits. “O Ivor Novello é um prêmio para compositores, e é isso o que sou”, diz ela. “Não estou tentando ser a melhor cantora, apenas tento escrever canções.” Entretanto, na esteira do sucesso de *Frank* e das discordâncias de Amy com muitos aspectos do cd e de sua promoção, ela achou que escrever canções estava mais difícil do que nunca.

“Sofri um bloqueio durante muito tempo”, diz ela, olhando para o passado.

E, como escritora, a auto-estima literalmente depende da última coisa que a gente escreveu. (...) Eu costumava pensar: “O que aconteceu comigo?”. De repente, tinham se passado dois anos desde a última gravação, e [a gravadora] chegou realmente a me dizer: “Será que você quer mesmo fazer outra gravação?”. Eu disse: “Juro que está vindo”. Eu disse a eles: “Uma vez que comece a escrever, eu escrevo, escrevo, escrevo. Mas tenho de começar”.

Ponho para fora minha raiva e frustração escrevendo músicas e foi assim que *Frank* surgiu. E agora estou me divertindo — tudo está indo realmente bem com o disco. Estou fazendo um monte de apresentações, e cantar é a coisa que mais gosto de fazer. Terei de começar a escrever para um novo disco alguma hora, de modo que, acho que tenho de me dar um tempo e viver uma vida normal para que as coisas que não são boas possam acontecer outra vez comigo. Do contrário, não terei sobre o que escrever para o próximo disco.

Como veremos, a esperança de Amy de que as coisas normais, “que não são boas”, acontecessem com ela se realizou — mas certamente de uma maneira mais avassaladora do que ela jamais poderia esperar.

De volta nos trilhos

Quando ela voltou à apreciação pública com seu novo disco, o penteado de Amy tinha passado para o estilo de colméia que agora é sua marca. De Holly Golightly, em *Bonequinha de Luxo*, a Bet Lynch, em *Coronation Street*, Marge de *Os Simpsons*, a Patsy de *Absolutely Fabulous*, passando pela maior parte das mulheres do desenho animado *The Far Side*, o estilo colméia de penteado é popular. Originou-se nos anos 1950, quando pediram a Margaret Vinci Heldt, uma cabeleireira de Elmhurst, Illinois, que criasse um novo estilo. “É bem legal saber que, talvez do meu próprio jeito, eu tenha conseguido dar à minha profissão alguma coisa que passou a ser um clássico”, disse ela. “Ainda tem um toque de glamour, não tem?”

“Foi mais ou menos o auge do penteado”, disse Margaret Heldt. “Todo mundo queria a colméia, até mulheres com cabelo realmente muito curtos. Elas pareciam mais um formigueiro que uma colméia, depois os penteados ficaram cada vez maiores e se tornaram ninhos de marimbondo.”

“Foi realmente o último grande penteado que vi em trinta anos”, acrescenta Jackie Summers da revista *Modern Salon*.

Enquanto isso, a articulista de moda da *Vogue* no Reino Unido, Sarah Harris, diz: “Trata-se de moda, de possuir um estilo, individualidade e confiança, além de sucesso e talento. Não apenas com roupas, mas também com beleza. O cabelo de Amy Winehouse se tornou uma assinatura, assim como as roupas dela”. Não apenas sua assinatura, mas um mistério permanente, também. “Amy sequer diz à estilista dela, que por acaso é a sua melhor amiga, o que faz para conseguir ficar com o cabelo daquele jeito”, confessa uma amiga de Amy. Amy é obcecada com o cabelo e só se penteia ela mesma — tem sido um grande segredo.

O cabeleireiro de celebridades Alex Foden, que projeta e elabora as perucas de 150 libras de Amy, desvenda parte do mistério:

Amy originalmente criou a aparência, ela mesma, mas em uma escala muito menor. Mas desde que comecei a trabalhar com ela a colméia foi ficando cada vez maior — quanto maior, melhor. Embora ela eriçasse o próprio cabelo no início, agora usamos bolas de cabelo feitas em parte de fio sintético, em parte de cabelo natural. Essas bolas são enfiadas em redes de cabelo, e o cabelo natural de Amy é puxado sobre elas e preso com grampos. Demora cerca de quarenta minutos para ajustar uma peruca nova, mas apenas cinco minutos para montá-la todas as manhãs, depois de feitas. A colméia é especialmente grande na capital, mas está decolando em todo lugar, à medida que Amy fica mais popular. Ela está consumindo uma peruca por semana, no momento, de modo que, elas têm um custo de manutenção bastante alto, mas, desde que, a pessoa não durma com elas ou vá para a academia usando uma, elas podem durar muito mais. Além de serem muito versáteis, uma colméia mais alta, mais estreita, pode alterar a aparência do formato natural

do corpo de uma pessoa, acrescentando altura e fazendo com que o rosto e o corpo pareçam mais delgados.

E a moda pegou bastante, também. “Amy é bastante responsável por isso!”, ri Lorraine Ellis, gerente do Hair Spa no Thornton Hall Hotel em Thornton Hough. “Mas cabelões são realmente uma tendência principal nesta estação, e isso significa tudo, da aparência de colméia, com uma coroa alta, como a de Amy, até o estilo ondulado dos anos 1980 com que Coleen [McLoughlin, noiva do jogador Wayne Rooney] tem sido vista ultimamente. Dá uma aparência ótima, porque a pessoa pode usá-la durante o dia, e mantê-la bastante suave com rolos aquecidos, e depois usar rolos de velcro e grampos para dar um pouco mais de glamour à noite.”

O período entre *Frank* e *Back to Black* é misterioso. Amy diz: “Comecei a beber e me apaixonei”.

E fez um grande disco.

Back to Black tem um nome sombrio, e uma origem também. “Eu estava muito magoada, mas dei um jeito de tirar algum proveito dessa situação ruim”, diz Amy.

Acho que quando escrevi *Back to Black* eu estava em uma situação que não estava dando certo. Quando me separei daquele cara eu não tinha mais para onde me voltar. Quando a gente junta os cacos de um relacionamento, acaba voltando ao que conhece e tenta se jogar em alguma coisa. Eu não tinha nada — não prestava pra nada. Então eu ficava jogando bilhar todos os dias, embebedando-me.

Enquanto jogava bilhar, Amy enchia a vitrola automática de seu *pub* local com moedas, e a música que ela escutava a inspirou a escrever novas canções. Shirley Bassey e os Angels estavam entre as peças que ela ouviu, mas, como sempre, as Shangri-Las eram uma inspiração. “Sei que há pessoas no mundo que têm problemas piores que se apaixonar e ver isso explodir na sua cara”, disse ela a respeito dos problemas que estava enfrentando com o namorado Blake na época.

Mas eu não queria apenas acordar bebendo, e chorando, e escutar as Shangri-Las, e ir dormir, acordar bebendo, escutar as Shangri-Las. Então eu transformei isso em música, e foi assim que consegui atravessar a crise.

Penso em tudo o que eu estava escutando como um monte de *doo-wop*, um monte de soul dos anos 1960, Motown, grupos de garotas. Tendo a ser influenciada por seja lá o que esteja escutando, de modo que, acho, é tudo coisa da vitrola automática, de quando eu costumava jogar bilhar no *pub*. É música de vitrola automática.

Foi aí que Amy inventou um coquetel próprio. Ela o chama de Rickstasy, e a bebida

consiste em três partes de vodca, uma parte de Southern Comfort, uma parte de licor de banana e uma parte de Bailey's. "Depois de dois desses a gente pensa: 'Nem tente ir para algum lugar. Sente-se, fique sentada até que os passarinhos comecem a cantar'."

Ela deveria fazer com que uma das grandes destiladoras lançasse Rickstasy endossado por Amy Winehouse. Venderia como água.

Depois da decepção com muitos aspectos do cd *Frank*, Amy resolveu impor mudanças em sua nova aventura. "Eu não queria tocar demais esse negócio de jazz outra vez", diz ela. "Estava de saco cheio de estruturas de acordes complicadas e precisava de alguma coisa mais direta. Andara escutando um monte de grupos femininos dos anos 1950 e 1960. Gostava da simplicidade deles. Vão direto ao assunto. Então comecei a pensar em escrever canções daquele jeito."

As diferenças apareceram de diversas maneiras, e Amy sentiu que lhe davam maior maturidade.

Todas as canções que escrevo são sobre dinâmica humana, seja ela, de amigas, namoradas ou família. Quando fiz o último disco, *Frank*, eu me sentia uma pessoa muito na defensiva, muito insegura, de modo que, quando eu cantava sobre homens era sempre do tipo, "Foda-se. Quem você acha que é?". O novo disco é mais do tipo: "Vou brigar por você; eu faria qualquer coisa por você", ou "é tão triste que a gente não consiga fazer a coisa funcionar". Sinto que não sou assim mais tão adolescente em relação a relacionamentos.

Esse seria um disco feito com canções das quais ela se orgulharia e que, portanto, iria falar de modo mais carinhoso do que *Frank*. "Hoje em dia tento pensar antes de falar", confessou ela. "Estou muito menos na defensiva com esse disco. Estou muito orgulhosa dele. Acho que o disco fala mais alto que qualquer dos meus atos estúpidos ou das coisas que digo."

Enquanto *Frank* só recebeu respeito e reconhecimento plenos algum tempo depois de ter sido lançado, *Back to Black* foi um sucesso imediato em todos os sentidos da palavra. Muitas vezes sombrio, ocasionalmente desesperador mas sempre lindo e seguro, foi um triunfo absoluto e pôs Amy firmemente no mapa não apenas daqueles que seguem atentamente a indústria da música, mas das pessoas comuns, também, que apreciam uma bela melodia e uma extraordinária apresentação vocal.

Começava com a famosa faixa "Rehab". Combinando soul tradicional com twist moderno, "Rehab" é uma canção alegre, uma travessura insolente da qual Aretha Franklin se orgulharia. Com Mark Ronson na direção da produção, a seção de trompas ao estilo da Motown constrói o drama por cima de um fundo de sinos, palmas, órgão Wurlitzer e piano. É desafiador,

impetuoso e inesquecivelmente contagioso. Do ponto de vista da letra, é obviamente sobre as tentativas de sua equipe de produção de levá-la a um tratamento de desintoxicação a fim de tratar seu alcoolismo. Quanto a Amy, ela prefere ficar em casa com seus discos de Ray Charles. Está convencida de que ficará bem, em parte porque o pai lhe disse isso. “Rehab” é a canção mais conhecida de Amy. Foi interpretada por Girls Aloud, Paolo Nutini, Justin Timberlake e Taking Back Sunday.

Sobre a canção, Amy diz:

Acho que quando a gente é bem jovem e tem raiva do mundo, não quer jamais escrever uma canção sobre amor, nunca. Aí me apaixonei e disse: “que merda!”. Eu costumava escutar um monte de coisa tipo Beastie Boys, queria escrever toneladas de canções irônicas como aquelas, de modo que, foi realmente fácil fazer alguma coisa como “Rehab”.

A canção foi escrita mais ou menos na época em que o empresário dela tentou que se internasse na Priory Clinic, em Southgate, norte de Londres.

Eu entrei, e o cara atrás da escrivaninha diz: “O que fazemos é preencher formulários”. Eu falei: “Oi, escute, não perca seu tempo”. Aí ele perguntou: “Por que você acha que está aqui?”, e eu disse: “Não acho que eu seja alcoólatra, mas estou, sabe, deprimida. Acho que é um sintoma de depressão”. E ele me falou: “Bom, eu sou alcoólatra, já estive aqui”. As pessoas que têm esse tipo de mentalidade de reabilitação, tudo o que elas querem é contar a história delas, de modo que, a gente se sinta melhor para contar a da gente, mas aí a gente acaba só [dizendo]: “Oi, não estou tão mal”.

Em seguida, o disco desacelera para o disperso e excelente “You Know I’m No Good”. Combinando jazz com R&B, a canção é sustentada por uma contagiante frase do saxofone. A letra trata da confissão de infidelidade de Amy. Entretanto, longe de ser furioso com ela por tê-lo enganado, quando o amante a apanha, ele simplesmente não dá importância. Em comum com diversas faixas em seus discos, a melodia tradicional é contrastada por uma letra distintamente moderna, com sua menção a camisetas com crânios, batata frita e pão árabe. “You Know...” foi usado para promover o programa de televisão *Mad Men* e como abertura para o *Diário Secreto de uma Garota de Programa*, da itv. Os Arctic Monkeys a interpretam no *Live Lounge* de Jo Wiley, na Radio 1.

Ao mesmo tempo que “You Know ...” é um tanto taciturna e sórdida, o *doo-wop* divertido de “Me and Mr. Jones” logo alivia o astral com sua buliçosa atmosfera dos anos 1940. Amy berra a letra num estilo que lembra Dinah Washington. Mas sobre o que é a letra? Acredita-se que o Mr. Jones do título é Nas Jones, o *rapper* e imitador de Salaam Remi. A ligação pareceria ser a menção a Destiny, o nome da filha de Jones com sua ex-namorada Carmen, e

ao número 14, porque 14 de setembro é o dia do aniversário de Amy e de Nas. Amy o repreende por fazê-la perder um espetáculo de Slick Rick. Entretanto, ainda o admira, seu segundo judeu negro favorito depois de “Sammy” (presume-se que seja Sammy Davis Jr.). Talvez ela o deixe compensá-la, diz ela, e sugere que tentem outra vez no sábado.

“Um *rapper* como Nas pode contar uma história a respeito de estar em um aposento, e a gente se sente como se estivesse de pé no canto desse aposento”, explicou ela. “Dá pra sentir o cheiro e saber se alguém está fumando.” A música dela tem a mesma qualidade e em nenhum outro lugar isso é mais verdadeiro que em “Me And Mr. Jones”.

“Just Friends” mantém o astral mais leve. Com suas maravilhosas inflexões de jazz e a apresentação ao estilo de Aretha Franklin, a música rola alegremente. Amy fica pensando se ela e o homem em questão poderão algum dia ser somente amigos. Embora ela não resolva a questão na música, e embora ela fale de mágoa e dor, a música permanece alto-astral, assim como o clima. Ainda bem, já que, a canção seguinte, a titular “Back to Black”, é bem sombria. Talvez seja a música mais sombria de Amy, a canção de seu coração partido e de sua dor, que escorrem da música como sangue. Com um lúgubre fundo de guitarra com reverberação, cordas e sinos, Amy canta sobre a mágoa e o desespero que sente com a infidelidade do amante. A letra é quase suicida, falando de morte uma centena de vezes, e da suprema prostração: voltar para o escuro.

“Com a Amy não há um momento de tédio, (...) e isso inclui a faixa-título de seu disco, um maravilhoso conto, opulento mas amargo, de um caso de amor confuso que deu errado”, aplaudiu o *Sunday Mirror*, quando “Back to Black” foi lançado como *single*. “É incrivelmente suave e ridiculamente bom. Ela está em chamas nessa faixa”, ronronou o *Daily Record* escocês. *Music Week* acrescentou que o *single* é “uma escolha talhada de modo tão comovente que a gente quase consegue sentir o cheiro da fumaça do bar ao ouvi-lo”. O *Financial Times* é um fã dessa canção, também, e um crítico até disse que a música parece “o tipo de lamento ornamentado que Ennio Morricone costumava escrever de forma brilhante para os banguês-banguê espaguete”.

Musicalmente, a canção foi comparada a “Baby Love” e a “Jimmy Mack” de Martha Reeves e as Vandellas. A melodia decrescente combina com o estado de humor declinante de Amy quando ela lida com sua mágoa e sua dor. O *Evening News* de Manchester descreveu “Back to Black”, ao ser lançado, como “um dos melhores *singles* do ano”. É difícil discutir. Já foi interpretado pelos The Rumble Strips e foi também cantado no programa *The X Factor* pela esperançosa banda feminina Hope.

Se alguém quer uma canção de fossa mas que acalme a alma, em vez de levar a uma agonia mais profunda, então a canção é “Love is a Losing Game”. Mais uma vez, qualquer sentimento de redenção está ausente da letra, mas ela pelo menos tem um sentimento de calma e

resignação. Musicalmente, uma balada com cordas maravilhosas e um verso de guitarra que foi comparado tanto aos Isley Brothers quanto a Curtis Mayfield, é como uma balada de conforto musical, envolvida em uma alma apaixonada. Muitos comentaram que “Love Is ...” parece mais com a Amy dos dias de *Frank* que com a Amy de *Back to Black*. Foi interpretada no palco por Prince. Cabe perguntar também a referência à estrutura final, sem dúvida influenciada pelo monte de bilhar que Amy jogava quando escreveu o disco. A canção foi lançada como *single* em dezembro de 2007.

Talvez, “Tears Dry on Their Own” seja a canção vocal mais rica de Amy e uma das faixas bem conhecidas do cd. Ela tenta a clássica técnica do soul do norte, de combinar um tema triste com uma melodia alegre, alto-astral, e o resultado é maravilhoso. Pegando partes do clássico da Motown “Ain’t No Mountain High Enough”, escrito por Ashford & Simpson e gravado por Tammi Terrell e Marvin Gaye, e Diana Ross, é instantaneamente contagiante e dançável. Aqui, Amy está mais uma vez com o coração partido, mas ela cresceu e se fortaleceu. Portanto, embora chore a perda, suas lágrimas acabam secando.

Introduzido por alguns acordes agitados de guitarra com reverberação, a sonhadora melodia de “Wake Up Alone” reflete sua letra, na qual Amy descreve as seqüelas de um rompimento. Ela permanece forte durante o dia e se anima quando se vê chorando. Mantém-se ocupada e consegue ficar acima das emoções enquanto está acordada. Entretanto, durante a noite ela sonha com ele, e fica empapada de suor. Quando acorda sozinha, sente-se magoada. Quando ela dedicou essa canção ao marido Blake, que estava na prisão, durante a turnê de inverno, ela levou grande parte da platéia às lágrimas, inclusive este autor.

Um “Stand By Your Man” do século xx, “Some Unholy War” é raramente comentado, o que é uma pena, porque, apesar de um desempenho musical comparativamente sem inspiração, a letra é inspirada e decididamente “Amy”. Ela ficaria ao lado de seu homem independentemente de que batalha ele estivesse lutando, com seu orgulho bêbado e a surrada caixa da guitarra. Seus vocais ao estilo Billie Holiday complementam perfeitamente o fundo de órgão e tamborim. Com dois minutos e 22 segundos, é a melodia mais curta do disco.

Fãs do Four Tops devem ter-se deliciado com “He Can Only Hold Her”. Com acenos a James Brown e ao hip-hop moderno no ritmo, é uma melodia alegre, certamente quando comparada a grande parte do disco. A guitarra flui sem esforço, e Amy canta sentimentalmente as complexidades de um relacionamento particularmente complicado. Uma clássica melodia Motown, mais uma vez merece uma reputação melhor do que a que tem.

“Addicted” é uma conclusão feliz e despreocupada, para um disco muitas vezes sombrio. Uma canção alegre, de verão, apresenta Amy cantando com malícia a respeito do namorado de uma amiga que fica fumando toda a maconha dela. Aqui Amy é petulante, desafiadora e espirituosa, e o ouvinte consegue ver um sorriso em seu rosto, quando ela adverte a amiga para

que não deixe o namorado voltar para a casa dela a não ser que traga seu próprio suprimento, e que seja mais severa que uma equipe de segurança do aeroporto. Na guinada final do disco, Amy revela que a erva foi melhor para ela que qualquer pênis. Talvez a mais alegre de suas canções, Amy muitas vezes usa “Addicted” para dar o chute inicial em seus programas ao vivo, e os familiares versos de abertura do baixo animam muitas noites de música e alegria.

A reação a *Back to Black* foi, quase universalmente, não só positiva mas de admiração e júbilo. De fato, o disco está entre um dos lançamentos que mais obteve consenso nos últimos tempos. Enquanto as críticas de *Frank* tinham sido em grande parte lisonjeiras, a reação a *Back to Black* foi quase orgásmica. Helen Brown, ao escrever no *Daily Telegraph*, disse:

A voz dela desliza do som melífluo-sinuoso de uma mulher que consegue envolver dois amantes em torno de seu dedinho, ao arranhado gutural apaixonado de alguém que foi abandonada e chora no chão da cozinha. Passando com convicção inexperiente pela experiência emocional de cada canção de *Back to Black*, Amy Winehouse mostra ser uma verdadeira diva urbana.

Dorian Lynskey, do *Guardian*, chamou-o de “um soul clássico do século xxi”.

Ao descrever Amy como “uma garota muitíssimo tatuada, com 23 anos, do norte de Londres, com peso flutuante, uma queda pela bebida, uma vívida sexualidade e uma voz que obviamente se deve a uma infância passada escutando os discos de jazz do pai”, concluiu a revista *New Statesman*, “*Back to Black* revela uma escuridão que certamente encheria de orgulho o pai de Amy Winehouse.”

Permanecendo na arena da imprensa liberal, o *Observer* fez da faixa “Back to Black” seu *single* da semana, e embora a crítica Kitty Empire tenha concluído que a segunda metade do disco é mais fraca que a primeira, isso não importa, porque “Amy Winehouse poderia lançar discos num estalar de dedos daqui por diante: a reputação dela já está estabelecida”.

No website da bbc, Matt Harvey cobriu um território semelhante: “A segunda metade do disco não é assim tão boa como a primeira, mas isso é uma queixa sem importância. Um dos melhores discos no Reino Unido no ano, com a vantagem adicional de que você consegue comprá-lo no caixa do supermercado local ...”

A revista *Rolling Stone* elogiou a produção confiante de Ronson e Remi, notando que ela transforma “sons do soul clássico em alguma coisa grande, brilhante e vigorosa. As melodias nem sempre se sustentam. Mas as melhores são impossíveis de não gostar”. Em *The Evening Standard*, Chris Elwell-Sutton também elogiou a produção, efusivo: “Revelar tanto de seu temperamento confuso nesses formatos de música consagrados foi um desafio extraordinário. Por sorte Amy Winehouse tem a produção, a voz e a força de caráter para levar isso tudo a

cabo”.

John Lewis, em *Time Out*, falou:

É brilhantemente executado pelos produtores Salaam Remi e Mark Ronson, lembrando os pastiches soul retrô tipo “olha você está no estúdio” de selos como Desco e Daptone. Mas, fundamentalmente, as letras de Amy (como o principal *single* “Rehab”, com seu esplêndido ataque à cultura da desintoxicação) conserva as sedutoras obscenidades contemporâneas que havia em *Frank*.

Em *Attitude*, Jamie Hakim escreveu:

Em um desvio inesperado dos estilos de jazz do primeiro disco, *Frank*, Amy aparece tal como Dinah Washington, combinada com o grupo feminino dos anos 1960, The Ronettes. Há também referências à Motown, mas no todo, o som é mais sombrio, o tipo de música que faria delinquentes com cicatrizes de canivete arrastar suas namoradas de cabelo eriçado para a pista, a fim de dançar.

O *Sunday Herald* tinha isso a dizer: “Onde o primeiro álbum balançava, esse treme, como se fosse um sapateador da Motown frustrado e irritado, sua inquietude impondo o *backing* perfeito para as melodias suplicantes, impetuosas, de Amy Winehouse, com quem Ronson não erra”.

The Times declarou: “Esse é compacto, cheio de canções realmente antigas como grandes souls, a exemplos dos de Dinah Washington”; e o *Independent* afirmou: “Em continuidade ao trabalho de *Frank*, Amy Winehouse desviou a ênfase no jazz para um comovente R&B. A eficácia desse desvio é uma prova do talento dela”.

Hadley Freeman do *Guardian* disse:

Quando entrevistei Amy Winehouse no verão de 2003 ela era falastrona, não pedia desculpas e era inegavelmente curvilínea; em 2005, cada tendão da perna dela aparecia quando era fotografada, parecendo solitária e infeliz em uma noite em Londres.

Então, será que Amy se reinventou deliberadamente? O crítico de música Garry Mulholland rejeita a idéia de que a era *Back to Black* seja uma reinvenção por atacado da era *Frank*.

Admito que ela tenha perdido peso. Mas não vejo isso pessoalmente como se tivesse se sentado uma noite e pensado: “Vou ficar mais magra e fazer um tipo da Motown artificial”. Vejo o segundo disco como uma continuação e um

desenvolvimento da aparência do primeiro disco. Vejo a aparência atual dela como uma continuação e desenvolvimento da aparência que tinha alguns anos atrás. Ela é uma artista mesmo, assim como Bowie e Madonna. Acho que cada disco que ela fará terá um som diferente e uma aparência diferente para acompanhar. É isso o que se faz, se a pessoa for pelo menos meio decente. Só que hoje em dia estamos tão pouco acostumados a pessoas meio decentes que todo mundo acha que isso é uma coisa extraordinária.

Amy foi comparada a muitos artistas, e Jennifer Nine arranhou uma comparação original e nova em sua crítica do disco no *Yahoo Music*. Ela disse:

A habilidade sem medo do disco, junto com a capacidade de penetrar cada alma de gêneros pop muito imitados, mas raramente iguados, não parecia tão boa desde que Elvis Costello estava em seu auge selvagem. E, francamente, quando a gente acrescenta a voz esmagadora e o marcante traço de delineador, Elvis não chega nem perto.

Na webzine *PopMatters*, o crítico declarou: “*Back to Black* encontra uma artista sem medo dizendo seja lá que porra ela quiser. E é melhor que escutemos”. Mesmo o elegante e velho *Financial Times* intrometeu-se, perguntando num teste: “A que cor Amy Winehouse volta, de acordo com seu atual cd mais vendido?”

Amy falou da inspiração das canções do disco.

Então, “Rehab” foi o primeiro *single* do disco. Trata de minha experiência em fazer ou não uma desintoxicação. Eu digo não! “You Know I’m No Good” trata de como eu não conseguia ser fiel, e o título vem de minha defensiva quando me pegaram. O que nos leva a “Back to Black”, a faixa-título. Eu me separei do meu namorado e tive alguns meses sombrios. Precisa mais?

“Me & Mr Jones”? Bom ... eu não me importei quando o meu ex não me levou para o Slick Rick show, mas Nas? Ninguém se intromete entre mim e meu namorado! “Tears Dry on Their Own” vem de quando eu experimentava um relacionamento que eu sabia estar condenado, mas eu não ficaria arrasada demais depois que terminasse... Algumas vezes a gente só precisa de tempo durante o dia para se divertir, não para fazer sexo. É disso que trata “Just Friends”.

Mas sabe quando a gente está num relacionamento que não anda bem e a gente faz tudo para que dê certo? Bem isso é “Love is a Losing Game” — como alguém pode se sentir desesperançada e desolada. Finalmente, vem “Addicted”. Minha melhor amiga pode fumar tanto do meu baseado quanto ela queira, mas o namorado dela? Nem pensar!

Paolo Hewitt é um renomado crítico de música e autor de artigos respeitados no todo mundo, de Steve Marriott, do Small Faces, ao Oasis e Paul Weller. Em uma entrevista com o autor, ele se estendeu sobre por que Amy alcançou tamanho sucesso com *Back to Black*. “Ela faz o mesmo que todos os grandes fazem”, disse ele.

Ela tira de várias fontes e depois as transforma na sua própria fonte. As pessoas são muito preguiçosas quando se trata de música negra. Elas jamais chamariam The Smiths de banda de rock progressivo, mas acham que podem escrever a respeito do “disco influenciado pela Motown de Amy Winehouse”. Há muito mais que Motown rolando. Para mim, quando escutei “Rehab”, escutei música de Nova Orleães dos anos 1950 e 1960. Há muito mais ali: jazz, R&B e mais.

Ao escutar uma de suas melodias que eu não ouvira antes no rádio, sempre penso: “Nossa, o que é isso?”. Ela me faz ouvir e reparar. Ela sempre traz à mesa alguma coisa nova, retorce e a torna sua. Parte disso tem a ver com a voz dela, mas ela é também uma artista criativa. Realmente sabe o que faz com que a música funcione, e faz a música dela funcionar do mesmo jeito.

O único problema com ela é que ela está imbuída demais da mulher Billie Holiday, acabada no bar às duas da manhã com uma garrafa de uísque, cantando sobre ter sido abandonada pelo seu homem. Eu acho que está apaixonada demais por isso. Fica um pouco tudo igual, mas isso é detalhe de menor importância.

Alguns já pensaram se a grande forma que Amy assume sempre que trabalha com o produtor Mark Ronson pode ter sido motivada por algum lampejo romântico entre os dois. “É a coisa mais ridícula que já ouvi”, riu ele. “Ela me chama da irmãzona que nunca teve! Amy faz umas almôndegas muito boas. Ela é boa em fazer comida de mãe judia. Amy sempre diz, ‘Não me pergunte a respeito de nada novo’ porque ela simplesmente gosta do que gosta”, diz ele. “De modo que eu simplesmente deixo ela encontrar uma canção. Assim que ela começou a cantar ‘Valerie’ eu sabia que já a cantara no chuveiro algumas vezes.”

De qualquer modo, é óbvio que Ronson teve influência sobre os sucessos de Amy. Assim como Raye Cosbert. De acordo com Guy Moot, da emi: “Há dois momentos vitais na carreira de Amy: o encontro com Mark Ronson e com Raye”. Raye Cosbert promoveu as apresentações dela desde 2003, e, quando ela saiu do Brilliant 19, foi para ele que se voltou. “Tivemos um encontro por acaso, um dia, em Camden”, lembra Cosbert. “Ela me contou de sua situação, disse que ouvira dizer que eu estava dando uma de empresário de vez em quando, e nós nos demos bem desde então.”

Cosbert tinha anteriormente trabalhado com gente tipo Blur, Robbie Williams, Lily Allen, Massive Attack, Björk e Public Enemy. Guy Moot diz de Cosbert: “Ele é incrivelmente calmo e, ao permanecer calmo, concentra-se nos objetivos, ao mesmo tempo que controla os momentos artísticos mais instáveis de Amy”.

Moot é particularmente positivo a respeito do efeito que o empresariado pleno de Cosbert teve sobre as apresentações ao vivo de Amy. “Ele tem muita experiência na arena ao vivo, de modo que, a produção e a apresentação melhoraram radicalmente”, diz Moot. “Antes, às vezes acertava, às vezes não: a gente ficava sem saber se iria ser um bom show ou não. Agora ela é uma atriz ao vivo incrível.”

Sobre o sucesso de *Back to Black*, Cobert sente-se muitíssimo positivo e orgulhoso. Indagado sobre quantos exemplares do cd ainda podem ser vendidos, ele respondeu: “Qual o

comprimento de um pedaço de fio? Vamos dizer da seguinte maneira: todas as previsões anteriores já foram para o brejo por causa do sucesso do disco. Nós todos tínhamos opiniões diferentes sobre o que achávamos que pudesse ser o sucesso comercial do cd, e todas foram ultrapassadas”.

6

Cai fora!

EM OUTUBRO DE 2006 Amy Winehouse deveria aparecer no *The Charlotte Church Show*. Revelou-se um espetáculo memorável. O show de Charlotte Church havia ido ao ar no mês anterior e representou um imenso avanço para a cantora galesa, que nele já aparecera tanto como convidada quanto no papel de apresentadora convidada em *Have I Got News For You*. O novo programa de Charlotte era uma mistura de convidados de estúdio, esquetes cômicos e apresentações musicais. Claro que era aí que Amy entrava.

Amy e Church tinham combinado apresentar um dueto de “Beat It”, de Michael Jackson, no final do programa. Entretanto, logo ficou claro que Amy não estava no estado ideal para cantar. Correram rumores de que, naquele dia, Amy tinha entornado uma garrafa de champanha no café-da-manhã e coquetéis letais durante o almoço. “Quando ela apareceu para o ensaio, estava bêbada, esquecia as letras”, lembra Church. “Na hora do programa, tivemos de tirar algumas tomadas.” Dá pra imaginar como seriam as tomadas rejeitadas, porque uma cena que foi ao ar era bastante caótica.

Amy faz a introdução com o primeiro verso, mas sua apresentação é indistinta, e ela parece se esforçar para lembrar das palavras. Charlotte Church então canta o verso dela, mas é óbvio que observa Amy como um falcão, com uma expressão entre preocupada e enojada. Cada vez que ela passava a vez para Amy, emitia um sinal secreto. “Amy continuava a esquecer as palavras. Eu disse a ela, quando eu lhe apertar, é sua vez de cantar”, conta. “Continuamos, e eu a cutucava nas costas.”

Ao unirem-se para cantar o primeiro coro, a linguagem corporal de Amy está um tanto acanhada. No início da segunda estrofe Amy parece mais enérgica e concentrada, mas aí, quando Charlotte Church assume, ela nitidamente canta o verso “You’re playing with your life” (você está brincando com a sua vida) diretamente para Amy. Como se em resposta, Amy embanana todo o verso final da segunda estrofe. O resto da canção se passa sem incidentes, mas qualquer afinidade entre as duas cantoras já era. No entanto, elas conseguem se abraçar no final da apresentação. Amy parece quase aliviada porque a provação terminou.

A decisão de Charlotte Church de adotar uma atitude de superioridade moral em relação a Amy depois do programa foi um tanto hipócrita. Amy já falara muito de suas próprias festas, vangloriando-se: “Eu consigo mandar ver”. Acrescenta: “Se estou em casa, começo com um Cheeky Vimto — duplo porto e uma garrafa de vodca Wkd Blue no mesmo copo. Tem o mesmo gosto de Vimto ou de Ribena. São letais. Depois de ficar fora do ar, tomo umas dez vodcas duplas. Aí fico bastante nocauteada”.

Ela comemorou seu 19º aniversário em fevereiro com uma farra de 72 horas e nas fotos, parecia muito mal. Para ser justo com Charlotte Church, ela mais tarde disse: “Na última série eu curti todo mundo que entrou, na verdade. Amy Winehouse estava doidona, muito diferente e realmente legal. Ela foi encantadora, um doce”.

Além do mais, dada a reputação de Amy a essa altura de sua carreira, convidá-la para um programa, sentá-la em um camarim, quando se sabe que nesses lugares o vinho flui livremente da torneira, e depois fazê-la esperar até o final do programa para se apresentar é quase uma receita de encrenca. A música “Beat It” parecia uma escolha estranha para Amy cantar naquele estado, porque não correspondia a muitas de suas inúmeras qualidades. Será que foi uma tentativa deliberada de levantar controvérsia e então contribuir para chegar à casa de 1,9 milhão de espectadores que assistiam ao programa?

Se foi isso, funcionou. O *Mirror* publicou a história em manchete, com o título: Amy Wino! Exclusivo: cantora bêbada para o chat na tv de Charlotte Church. O *Daily Telegraph* acrescentou que Amy “foi chocante, mas excelente”, e milhões de outros, àquela altura já tinham visto as imagens de sua apresentação na internet, onde virou sucesso. Muitos shows de chat e entretenimento leve se beneficiaram ao apresentarem uma exibição controversa ou bêbada. De Oliver Reed a George Best e Tara Palmer-Tomkinson, já é uma trilha bastante percorrida. De fato, é tal a competição no mundo da televisão de hoje, e pode-se discutir se esses programas têm alguma esperança de sucesso sem um incidente qualquer.

Além de criticar a apresentação de Amy naquela noite, Church ficou perplexa com o cancelamento da turnê pelos Estados Unidos. Ela disse: “É grosseiro de sua parte, se quer saber. Eu sempre apareci e cumpri com meus deveres”. Ao ser confrontada com esses comentários, Amy reagiu: “Charlotte Church é uma vaca arrogante. E Bono não é muito melhor. Ele acha que é Deus”. Quanto à sua aparição no programa, ela declarou: “Eu estava bêbada. Charlotte me convidou, de modo que, deve saber que eu represento um certo risco”.

Amy não foi a única pessoa a aparecer alta e em estado discutível no *The Charlotte Church Show*. Na mesma série, o comediante Johnny Vegas entornou *bitter* e coquetéis, deu em cima de convidadas e transformou a entrevista num absurdo. Um membro da platéia falou: “Era como assistir a uma batida de carro. Johnny estava de porre e aproveitou todas as oportunidades de provocá-la — ela não tinha a experiência para mantê-lo sob controle”. Em um determinado momento, Church lembrou a Vegas que eles tinham cantado karaokê no hotel da mãe dela, e Vegas respondeu: “É, e eu transei com sua avó também”. Além disso ele detonou a música de sua apresentadora, dizendo: “Escutei o seu disco, e é uma merda”. Perdendo a paciência, Charlotte Church estourou e gritou: “Cale essa boca”, e estapeou o comediante.

Não que toda essa controvérsia tenha causado grande dano a Charlotte Church. Ela logo

recebia prêmios, incluindo o Best Female Comedy Newcomer no British Comedy Awards, e Funniest TV Personality nos prêmios Lafta da revista *Loaded*. Também conseguiu que a série fosse indicada outra vez pelo Channel 4. Andrew Newman, chefe de entretenimento e comédia do Channel 4, disse: “Charlotte provou que é uma estrela com um tremendo talento, e fica melhor a cada semana”. Talvez Charlotte deva uma a Amy.

Embora Amy tenha feito muita gente rir com sua apresentação no *The Charlotte Church Show*, ela fez as pessoas gargalharem no programa da bbc *Never Mind the Buzzcocks*. Sua primeira aparição no programa foi em março de 2004. Momentos memoráveis incluíram aquele em que Phill Jupitus contou alguns boatos a respeito de Lou Reed, e Amy soltou um assobio crescente que provocou um riso geral. “É o meu cacarejo de mãe judia”, explicou ela. O apresentador do programa na época, Mark Lamarr, gracejou dizendo que ela parecia um fogo de artifício de má qualidade. Durante as rodadas de introdução — que fora adaptada para essa edição de modo que os contestantes sussurrassem a passagem do registro instrumental, em vez da introdução, para cada canção —, ela foi descrita por Jupitus como um gatinho zangado. “É porque eu sou pequena”, protestou ela. “Não consigo manipular minha voz do mesmo jeito que um homem grande como você.”

Comparada a um fogo de artifício e a um gatinho, perguntaram-lhe então se ela era um “rabino *cockney*”. Aí só houve tempo para que a canção “Stronger Than Me” formasse uma parte da rodada final de letra, para que Lamarr mencionasse a banda da infância dela, Sweet’n’Sour, e depois o programa terminou. Uma edição *Buzzcocks* bastante típica, mas que, mal indicou o que seria sua segunda aparição no programa, em novembro de 2006.

Alinhando-se ao lado dos apresentadores da gmtv, Penny Smith, Alex Pennie e Andrew Maxwell, Amy fez uma apresentação absolutamente majestosa, excedendo de longe o novo e afiado apresentador do programa, Simon Amstell, e transformando o convidado de sempre, Bill Bailey, em irrelevância. Quando Amstell apresentou Amy, ele gracejou: “Entre os equivalentes a Amy estão Kelly Osbourne e o cheiro de petróleo. Eu gosto bastante de competições, vamos almoçar”. Além disso, disse a ela: “Que bom ter você aqui. Faz parte da nova política de atuação da bbc: mais judeus, menos emissão de carbono”.

O apresentador da gmtv Smith — que, por acaso, estava usando uma cartola que parecia um prato de húmus salpicado com cominho e páprica — perguntou: “Amy, esse cabelo é seu? Tem alguma coisa morando aí dentro?” Amstell interrompeu: “Esses não são modos da gmtv!”, e então Amy respondeu: “Ah, sim, é todo meu, porque eu o comprei”. Logo depois disso, Amy revelou que mais tarde, na mesma noite, ela deveria se encontrar com Pete Doherty para gravar uma música. Amstell guinchou: “Não chegue perto dele! Faça alguma coisa com Katie Melua”. Amy afundou na cadeira e falou: “Prefiro ter Aids de gato, muito obrigada”.

O gracejo de Amy sobre Melua provocou o riso mais alto da noite até então, mas o

apresentador Amstell logo recuperou a supremacia quando Amy lhe disse que sua “nova coisa” estava fazendo um barulho feito “psht, psht”. “É?”, respondeu Amstell. “Achei que fosse crack.” Amy virou-se para ele e perguntou com desdém: “E eu pareço Russell Brand?”, Amstell foi rápido e bradou “Ah, sim.” (Por acaso, Brand havia escrito: “Amy Winehouse tem um cabelo maior que o meu. Ela diz que usa cola de poliestileno. Tenho de conseguir um pouco”.)

Outro dito espirituoso clássico de Amy na noite incluiu (sobre Ben Elton): “Não acho que exista algo do tipo integridade ou passar a ser comercial, acho que, ele é um punheteiro”. Quando Amstell disse preferir a Amy mais jovem, que aparecera em seu programa *Popworld* no Channel 4, ela retrucou: “Éramos amigos”, e depois, passando a palma da mão pelo rosto dele, acrescentou: “Agora ela está morta”.

Amy então se virou e cuspiu por cima do ombro. “Eu vou limpar”, desculpou-se. “Eu só não queria dar uma golfada.” Amstell falou: “Isso não é um jogo de futebol. Você chega aqui, cheia de ... crack ... cuspiendo em tudo.” Amy suspirou: “Deixe pra lá, por favor. Deixe pra lá”. Amstell respondeu: “O vício, eu gostaria de deixar pra lá... isso nem é mais um jogo pop: é uma intervenção, Amy”. Durante a rodada de encerramento, Amstell perguntou de onde viera a seguinte letra: “Tentaram me obrigar a ir para reabilitação ...” Amy pulou e disse: “Eu disse não, não, não”. Amstell então falou: “Certo. Em retrospectiva ... Acho que talvez ‘sim’, talvez ...”. Amy — que disse em seu dvd *I Told You I Was Trouble* que ama Amstell — aceitou numa boa.

A apresentação de Amy foi muito comentada naquela semana e desde então passou a ser um tremendo sucesso no YouTube. Um usuário do website, chamado Stuart, chegou a filmar um vídeo em reação ao dela. “Vi-a outro dia no *Buzzcocks*”, diz ele. “Nossa! Ela parece um desastre de trem!”

Logo depois, o *Buzzcocks* ficaria atolado de controvérsias quando o cantor do Ordinary Boys, Preston, irrompeu com indignação depois de Amstell ter feito alguns comentários desabonadores sobre sua mulher, Chantelle. Donny Tourette tentou repetir o espírito humorístico de Amy quando apareceu no programa, mas foi comido vivo pela sagacidade de Amstell e Bailey.

Olhando retrospectivamente para suas transmissões na televisão de entretenimento, Amy não se arrepende. “Não, na realidade isso não me incomoda”, diz com desprezo. “Houve ocasiões em que aprontei na televisão e já apareci bêbada porque estava entediada. Por que não se embriagar? Acontece que estão tentando proteger ‘Winehouse, a Marca’, entende? Não penso nas coisas em termos de longo prazo. Já tive muito tempo entre a checagem do som e o show propriamente dito, então, fodam-se, vou encher a cara.”

“Ao que parece, na outra noite, em uma apresentação, uma garota chegou até mim e disse, ‘oi’, e me deu um beijo no rosto. Ao sair, chegou para o meu namorado: ‘Nossa, como ela está fodida’, eu vi tudo vermelho e dei-lhe um tapa. Não me lembro de nada disso. Depois levei meu namorado para casa e comecei a bater nele.”

Em um concerto em Brighton, entre duas músicas, Amy perguntou à platéia onde se poderia encontrar o melhor local para um jogo de bilhar depois da apresentação na cidade costeira. Ela tinha classificado previamente um concerto no clube King Tut, em Glasgow, como um de seus melhores, só por causa da disponibilidade de uma mesa de bilhar, e isso quase a meteu numa enrascada.

“Foi uma grande apresentação para mim (...) Foi brilhante. Eu realmente gosto daquele lugar. Não são muitos os locais que têm uma mesa de bilhar no andar de baixo, sabe. Coloquei o dinheiro ao lado da mesa e voltei para o meu jogo, e aqueles caras estavam jogando. Eu disse: ‘Oi, depositei a minha moeda’. Eles disseram: ‘Não, não botou.’ Fui embora antes que alguém me batesse com o taco.”

Em 6 de janeiro de 2007, estava marcada uma apresentação de Amy no G-A-Y, a noite *gay* no espaço Astoria, em Londres, na Charing Cross Road 157. Há um bar amistoso a poucos passos, na famosa Old Compton Street. O clube, gerenciado por Jeremy Joseph, talvez seja o principal reduto *gay* da noite do Reino Unido. Atraindo uma multidão efervescente, juvenil, tem sido espaço para inúmeros músicos de grande renome ao longo de anos. Kylie Minogue já se apresentou ali, assim como Westlife, Donna Summer, as Spice Girls e Boyzone. Essas apresentações muitas vezes atraem a imaginação da mídia, com reportagens sobre adolescentes de coração partido ao saber que seus ídolos estão tocando para uma multidão *gay*; ou as apresentações sempre memoráveis de McFly, em que eles se desnudaram e incendiaram os próprios pêlos pubianos. De fato, se alguém quiser arrumar um grupo de seguidores *gays* e criar uma comoção na imprensa, não há nada melhor do que se programar para o G-A-Y.

Durante semanas o espaço andara trombeteando a futura apresentação de Amy com o *slogan*, Tente me obrigar a ir para rehab/ eu digo não, não, não ... Tente me fazer ir a g-a-y/ eu digo sim, sim, sim. Dada a imensa popularidade de Amy na comunidade *gay*, a noite parecia estar fadada ao triunfo absoluto, e as entradas foram rapidamente compradas por fãs entusiasmados. Isso refutava os murmúrios, em determinados círculos, de que Amy era — ou era considerada por alguns *gays* como — homofóbica. O boato surgiu do verso em “Stronger Than Me”, quando Amy pergunta a seu namorado fraco se ele é *gay*. A verdade, como já vimos, é que Amy não tinha nenhuma intenção de ofender nenhum homem *gay* com esse verso, e ele não foi considerado ofensivo por nenhum grupo sério. No evento, para sermos justos, embora não tivesse posto fogo nos pêlos púbicos nem ficado nua, Amy conseguiu ocupar as manchetes do dia seguinte, do seu jeito.

Uma pessoa presente descreveu Amy como “um pouco cambaleante” e “cheirando a bebida”, ao chegar no espaço por volta da meia-noite. Às 1h30min, o apresentador do clube, Jeremy Joseph, entrou no palco e calorosamente apresentou Amy para a massa eufórica. Depois de um breve atraso, ela subiu ao palco e foi recebida por uma saudação ensurdecedora. A banda se lançou ao “Back to Black”, e tudo pareceu ir bem durante algum tempo.

Aí Amy começou a pôr a mão na barriga e a fazer caretas de desconforto. Além disso, parecia arrotar ou ter ânsia de vômitos algumas vezes, levando a mão à boca e parecendo um tanto vacilante. Ao chegar ao coro final da faixa de abertura, ela já interrompia os próprios vocalizes e pareceu extremamente desorientada. Até mesmo antes de a canção terminar, ela correu do palco segurando o estômago. Joseph rapidamente a substituiu no palco e disse à platéia confusa que Amy estava vomitando. Pediu que fossem indulgentes com ela. “Mas ela não voltou. Estava todo mundo vaiando”, disse um membro da platéia. Acabaram circulando notícias de que ela não iria voltar, e os apupos juntaram-se às vaias. Algumas pessoas na platéia batiam os pés.

O pessoal de Amy rapidamente espalhou a versão de que ela tinha passado mal não porque bebera mas porque estava com uma intoxicação alimentar. Amy disse a um jornalista, na manhã seguinte, enquanto acalentava uma vitamina: “Não bebo já há alguns dias”. Não que muita gente estivesse disposta a acreditar nessa história. Como a jornalista Kitty Empire gracejou no *Guardian*: “Os bebedouros, *pubs* do Soho, quadros de avisos e websites de fofocas sacolejaram com um riso coletivo de escárnio”. Ao contrário, muitos preferiram acreditar nas outras explicações que circulavam: que Amy tinha passado o dia bebendo muito com Kelly Osbourne. Sabia-se que certamente a dupla gostava de entornar alguns copos juntas. Osbourne declarou: “Você deveria tomar cuidado. Nós nos chamamos Time do Mal. Gostamos de sair por aí criando encrenca”. É hora de vômito para Amy, dizia a manchete do *Sun*. Certamente não fora o melhor momento de Amy.

No mês seguinte, ela estava em condições de expiar sua primeira apresentação G-A-Y quando marcou uma volta ao Astoria para um show sob a bandeira nme. Durante a apresentação nme, enquanto tentava localizar Mitch na multidão, ela repentinamente percebeu que estivera cantando para o homem errado. “Você está personificando o meu pai! Cantei para você a noite inteira”, riu ela. Os destaques especiais da noite foram “Love is a Losing Game”, “You Know I’m No Good” e “Back to Black”. Entretanto, o espetáculo de uma hora terminou pontualmente porque, depois do concerto, o espaço estava se transformando em outra noite G-A-Y, na qual Amy deveria se apresentar, para compensar sua saída prematura em janeiro. “Fiquei surpresa quando me deixaram”, gracejou ela com uma sincera risada. “Achei que haveria uma multidão de homossexuais enraivecidos na porta, esperando para me bater! Eu sei que minha aparência sugere que eu posso dar conta de mim mesma, mas...”

Quando voltou ao palco em frente à multidão G-A-Y, Amy estava pronta para provar que os que duvidavam dela se enganavam e mostrou-se adequadamente acanhada e contrita ao dizer à platéia: “Muitíssimo obrigada por terem vindo. Mal posso acreditar que vocês tenham me aceitado de volta”.

Eles a aceitaram outra vez, em abril, quando, usando um colete branco e com aparência particularmente lúcida, teve um desempenho fantástico e mais uma vez ganhou a platéia. No final do show, o apresentador Jeremy Joseph ofereceu-lhe a escolha de um buquê de flores ou uma garrafa de champanha. Ela gracejou: “Não bebo”.

Surgiram então as notícias de que Amy tinha sido pré-selecionada para concorrer a duas categorias do próximo prêmio Brits. Ela chegara longe desde seus dias na Brit Performing Arts & Technology School, em Croydon, financiada pelo corpo que administrava o Brits. “Amy está realmente contente de ter sido pré-indicada e honrada pelo fato de algumas pessoas terem o palpite de que ela vá vencer”, disse um porta-voz, acrescentando com atrevimento: “Ela provavelmente agora vai sair e tomar alguns chopes para comemorar.” As primeiras palavras de Amy sobre o assunto foram tipicamente terra-a-terra. “Vai haver um monte de gente realmente legal no show do Brits mas eu e meu pai iremos procurar os Terry Wogans e Fern Brittons”, sorriu ela.

Na noite, ela chegou à festa do prêmio usando um vestido amarelo. Entretanto, quando chegou a hora da apresentação, ela mudara para um atraente vestido vermelho. Fez uma apresentação impecável de “Rehab”. O pior que os críticos poderiam dizer, no dia seguinte, era expressar sua decepção pelo fato de ela não estar bêbada, nem confusa. A noite iniciou com uma fantástica apresentação de “I Don’t Feel Like Dancing”, pelas Scissor Sisters. Dez dançarinas vestidas de modo berrante faziam o *bop* por trás da banda e em pouco tempo o espaço pegou fogo. Até as personalidades mais formais se soltavam.

Russell Brand foi o mestre de cerimônias da noite e ele deu início aos procedimentos com uma piada de que o cenário no palco “não diferia muito de uma tatuagem de Amy Winehouse”, um gracejo cujo crédito ele mais tarde deu ao guitarrista e compositor Noel Gallagher, do Oasis. Na hora de apresentar Amy, comentou que ela era “uma mulher cujo sobrenome se parecia cada vez mais com o estado do seu fígado”. Ele acrescentou que o discurso de aceitação dela poderia “facilmente ter vindo de um taxista de Londres”.

Ela caminhou um tanto cambaleante para o palco e disse em seu característico sotaque *cockney*: “Muito obrigada. Sinceramente, estou contente por minha mãe e meu pai estarem aqui”. Mais tarde, considerando a noite em retrospectiva, Amy foi mais loquaz: “Eu fiquei lisonjeada só por ter sido indicada, quanto mais por ter ganhado. Foi muito emocionante, de verdade. Eu não via a minha mãe há séculos, de modo que, foi legal ver minha mãe. Meu pai ficou puto. Meu pai foi muito engraçado. Foi uma noite boa. Eu realmente curti”.

Amy recebeu críticas fantásticas por sua apresentação de “Rehab” naquela noite, e também pelo que ela e Lily Allen usaram no evento. “Amy, Lily e o resto do bando Brit encenaram um espetacular show de moda na maior noite no calendário pop”, disse o *Daily Mail*.

Por falar em Lily Allen, houve reportagens contando que ela e Amy tiveram uma briga monumental na noite da cerimônia. Lily Allen estava preparada para ganhar alguns prêmios, mas terminou sem nenhum. De acordo com uma testemunha ocular no aeroporto de Heathrow, ela admitiu: “Rolou a maior baixaria com Amy Winehouse. Tivemos uma briga realmente horrível. Foi terrível. Estou péssima e não quero falar disso”. Um espectador de fora, no aeroporto, acrescentou que Lily esperou sozinha pelo voo para Washington: “As lágrimas escorriam pelo rosto dela, e parecia que ela não tinha pregado olho durante a noite. Parecia realmente mal, de ressaca. Alguém perguntou se ela estava bem, e respondeu que tivera uma alteração com Amy Winehouse. Ela fungava e limpava as lágrimas do rosto. Parecia uma menininha perdida”.

Entretanto, porta-vozes das duas negaram o incidente. Um representante de Lily Allen declarou: “Não sei nada da discussão. Pelo que sei, elas já estão se dando bem”. A contraparte de Amy acrescentou: “Lily estava chorando porque estava cansada e emocionada depois de uma grande noite. Elas não discutiram — são amigas”. A própria Lily acrescentou:

A história de eu estar em lágrimas por não ter ganhado um Brit ou de ter brigado com a Amy é uma completa besteira. Ela e eu somos amigas e estávamos juntas no Brits, e na festa do Oasis, depois. Fiquei horas conversando com ela. Eu sempre disse que não esperava ganhar, e que se eu não ganhasse, esperava que a vencedora fosse a Amy. Estou muito contente por ela.

Minhas fotos chorando nos jornais foram tiradas quando me despedia do meu namorado, a quem eu não tenho visto muito ultimamente. Tenho trabalhado muito e viajado um bocado, e só consegui vê-lo no Brits, de modo que as lágrimas eram apenas porque eu ia embora em mais um avião.

As reportagens variam sobre a intensidade das comemorações de Amy depois da cerimônia. O *Daily Sunday* observou: “Amy Winehouse alegou que iria farrear a noite inteira, mas ela foi vista mais tarde caminhando em torno do bar Mocoto e do Cuckoo Club, parecendo seriamente sóbria; dizia que só queria comemorar com a família e os amigos”. Entretanto, Mark Ronson diz que ele e Amy participaram juntos de uma festa depois do Brits. “Enchemos a cara juntos depois do Brits, e eu apaguei no chão da casa dela, abraçado com um tapete de bicho, às sete da manhã”, lembra ele.

A palavra final sobre a noite pertence a Amy, que deu um jeito de ter tempo para oferecer sua solidariedade a Robbie Williams, que fora internado em uma clínica para tratar seus demônios. “Sinto-me angustiada por ele. O vício em remédios de tarja preta é uma coisa

realmente difícil. Espero que ele se saia bem”, disse ela. No dia seguinte, Amy foi vista andando com alguém. Um observador declarou: “Eles mantinham a cabeça abaixada e não falavam muito. Deve ter sido muita divertida a noite anterior”.

Gennaro Castaldo, da hmv, põe no devido lugar o que o triunfo no Brits significou para a carreira de Amy:

Fora os elogios que isso traz, ganhar um Brit ou se apresentar na cerimônia dos prêmios pode incrementar seriamente a carreira de um artista. Indica que o artista de sucesso pode se desligar de seu fã-clube imediato para se conectar com uma platéia muito mais ampla. Isso é o que está acontecendo neste momento com Amy Winehouse.

Vai ajudar a levá-la ao próximo passo do estrelato, como já vimos, no passado com gente como Robbie Williams e Coldplay.

Back to Black, que tinha chegado ao número 5, foi para o número 2 após o Brits e as vendas aumentaram em até 200% na hmv: os *downloads* do seu *single* “Rehab” aumentaram 40% durante o show propriamente dito.

Dentro de alguns meses veio a apresentação de Amy no Glastonbury Festival. Embora ela estivesse nervosa no início, aquela foi uma apresentação memorável e prazerosa. Perambulando pelo Pyramid Stage logo depois das três da tarde, Amy expressou sua gratidão pelo fato de os fãs estarem dispostos a ficar na chuva para escutá-la cantar. Ela estava extremamente divertida: balançando as cadeiras sedutoramente, cantava a plenos pulmões e até sussurrava para si mesma, às vezes dando risadinhas. Foi um espetáculo e tanto.

Aí veio a parte bizarra: alguém voou por cima da multidão em um parapente. Logo depois disso a chuva parou e foi substituída pelo sol. A faixa que proclamava esse abrilhantamento dramático das condições? “Back to Black”, que outra? Logo depois um lindo arco-íris emoldurou o palco, e Amy jubilosamente lembrou à platéia que lhe havia prometido o sol, e ela lhes dera o sol. Rosie Swash disse, sobre a apresentação de Amy, que “ela revela mais que uma semelhança passageira com um coelho apanhado pelos faróis de um carro. (...) Ela nunca perde de todo a expressão ligeiramente traumatizada”. Outro observador descreveu Amy como “um extra do *Star Trek*”. Em que concerto eles estavam?

Ela apareceu também no festival da ilha de Wight naquele verão. Usando um colete e jeans cortados curtos, fez uma apresentação extraordinariamente perfeita. A crítica do *Spectator* parece ter assistido a outro concerto:

Foi como ver o Bambi pular em uma clareira e se ver diante de um esquadrão de execução. Aterrada, ela se inquietava e corria pelo local, acalmando-se apenas quando cantava, e parecia precisar de cada músculo e de morfina

para conseguir não fugir rumo às montanhas.

Mais tarde, no festival, quando os veteranos roqueiros Rolling Stones subiram ao palco, Amy se uniu a eles em um dueto com Mick Jagger no clássico da Motown “Ain’t Too Proud to Beg”. Esse sucesso de 1966 do Temptations foi também interpretado por Rick Astley, Willie Bobo, Count Basie e sua Orquestra, JJ Jackson, a J Evans Band, Ben Harper e outros. Amy e Jagger estavam perfeitos juntos. Foi uma apresentação excelente de Amy e ela gostou, mesmo que ela quase a tenha perdido.

“Não sou nem um pouco ambiciosa”, disse ela logo depois do show. “Quase não vim a esse concerto. Quase não fui a uma apresentação na Suécia ontem. Quase não fui à ilha de Wight, quase não cheguei a me apresentar.” Ao citar as preocupações com Blake como motivo da quase desistência, ela acrescentou: “Eu só quero que ele fique feliz. Se, por algum motivo, ele está infeliz, isso acaba comigo”.

Essas palavras fazem pouca justiça ao drama e à controvérsia que o relacionamento entre Amy e Blake viriam a causar nos meses seguintes.

Uma parceria civil?

Um dia, enquanto conversava com amigos, Blake Fielder-Civil recebeu uma mensagem de Kelly Osbourne em seu celular. O texto informava que Amy estava num quarto de hotel em Los Angeles, usando a cueca *dele*. Considerando os momentos estranhos no relacionamento entre os dois, isso era café pequeno. A relação era extremamente louca. Fora descrita como qualquer coisa, de Sid Vicious e Nancy Spungen atuais a uma ligação no estilo *Atração fatal*.

Blake conheceu Amy em 2005. Ele se lembra: “Nós nos conhecemos em um *pub* chamado Good Mixer em Camden. Eu acabara de ganhar uma bolada com os *bookmakers*, de modo que, fui ao *pub* comemorar. Abri a porta e Amy foi a primeira pessoa que vi, e pronto. Foi a primeira e a última vez que paguei os drinques! Daquela noite em diante, começamos nosso tortuoso caso de amor”.

“Quando nos conhecemos, foi atração mútua instantânea, e isso nunca deixou de ser assim”, falou ele a respeito do encontro de amor à primeira vista. “Sei que Amy e eu vamos ficar juntos. Ela é o amor da minha vida.” Em um mês aquele amor foi expresso sob forma artística quando Amy fez uma nova tatuagem. À tinta, no peito dela, acima do coração, está escrito “Blake”. Com isso, ela indicava que ele estaria sempre junto de seu coração. Blake também adora tatuagens e tem até a palavra *sailor* escrita na parte interna do lábio.

Entretanto, essa corte inicial não duraria muito, porque Blake já tinha uma namorada. Muito inconveniente! Como viríamos escutar mais tarde em uma das canções mais queridas de Amy, Blake voltou correndo para sua antiga namorada, e Amy, pode-se dizer, “*back to black*”. Para lidar com o coração partido, Amy adotou logo um homem novo, Alex Claire. Claire tinha 21 anos quando conheceu Amy e foi logo cativado por “seu rosto impressionante, com grandes olhos castanhos que pareciam tragar a gente”.

Quanto a Amy, ela lembra: “Eu fiz com que ele me pagasse uma tequila porque se recusavam a me servir por causa de um galo do tamanho de uma bola de golfe na minha cabeça, feito na noite anterior. Alguns drinques mais tarde eu estava sentada no colo dele”.

O espaço para esse momento da tequila foi o Hawley Arms, em Camden. Dentro de oito semanas, o *chef* e músico Claire tinha se mudado para a casa de Amy. Claire falou da louca travessura sexual. Uma vez eles quase foram expulsos de um cinema no norte de Londres à medida que os amassos apaixonados foram ficando cada vez mais ruidosos. Supõe-se que *V de Vingança* não tenha prendido a atenção deles, então. Também transaram nos bastidores de um concerto em Southampton, minutos antes de Amy entrar no palco.

Em sua tórrida entrevista no *News of the World*, intitulada “União, surras e mordidas”,

Claire alegou que Amy “gostava tanto de ser dominada quanto de dominar”. Ele disse que ela uma vez mergulhou a cabeça dele na água do banho enquanto transavam. “Fiquei submerso durante vários segundos. Não conseguia respirar e comecei a pifar.” Depois houve o episódio em que ele foi atingido pela enorme colméia durante uma transa. Tédio não era o problema, então.

Durante o caso dos dois, que durou um ano, eles se separaram três vezes, mas voltaram a fazer as pazes. Entretanto, a questão principal no relacionamento deles era Blake. Claire achava difícil acreditar que Amy e Blake tivessem mesmo terminado. Ela prometia que iria apagar a tatuagem de “Blake”, mas aí, horas mais tarde, em lugar de tirar a tatuagem, era vista com o antigo amante. Em março de 2007, viram-na curtir um momento apaixonado com Claire e depois com Blake, numa única noite. A confusão reinava não apenas na cabeça de Claire, mas na cabeça dos amigos de Amy também. “Vi Amy quando ela apareceu no *The Sharon Osbourne Show*, em outubro de 2006”, diz uma amiga. “Ela estava acompanhada de Blake. O tempo todo falava de seu ‘namorado’ — Alex —, mas estava sentada no colo de Blake e o beijava. Ela dizia: ‘Leia-me aquelas mensagens de texto que eu enviei para você — as obscenas’. Era tudo bem grosseiro.”

Mais tarde, Amy e Blake confirmaram que muitas dessas suspeitas eram justificadas. “Nosso relacionamento nunca parou mesmo, não é, *baby*?”, observou Blake. “Eu ficava pelas imediações, furtivo, dando telefonemas, nos encontrávamos por cinco ou dez minutos, e no final não conseguimos continuar assim.”

“É”, respondeu Amy. “Houve uma época em que não nos falávamos, mas isso, foi porque nos demos conta de que era melhor não falar do que provocar algum dano irreparável.”

Amy disse a respeito de Blake: “Ainda sou muito apegada a ele, como amiga — embora Alex não goste de que eu o veja, o que é compreensível”. A essas alturas, ela tinha escrito “Back to Black” sobre seu rompimento inicial com Blake, e ficou surpresa porque o tema da canção não criou um caso maior com Claire, que, ao contrário, era um grande fã da música. “Eu disse a ele que a canção era sobre Blake, mas ele não se importou. Eu sei que é estranho!”

Então, pouca gente ficou surpresa quando Amy voltou para Blake. Talvez Claire não tenha se surpreendido, mas ficou de coração partido, como revelou numa explosão dramática em sua página do MySpace:

Depois de aparecer às três da manhã no The Hawley Arms, eu vi a ex com o ex dela, e vi tudo numa névoa vermelha. Eu tremia como uma folha e resolvi ficar chapado enquanto ela estava ali sentada, inebriada, no colo de seu ex. [Estou] duro, apaixonado e sem teto — a má sorte vem sempre em dose tripla, como diz o velho ditado, mas, merda, o que a gente pode fazer?

O desabafo dele — qualificado como “patético” por um dos tablóides — continuou: “Um amigo me deu um pouco de uma coisa que eu não tomava há algum tempo — mdma. Esqueci como tudo ficava agradável depois de provar aquela merda fedorenta, em especial com alguns Valium, três carreiras e um pouco de rum escuro para fazer tudo descer”. Amy diz que entende por que Claire se sentiu magoado mas acrescenta: “Algo me diz que vai ficar bem”.

O pai dela, Mitch, disse que a agenda movimentada de Amy causava problemas no relacionamento dela com Claire. “É como se ela picasse o meu coração, desse uma mordida num pedaço, o jogasse no chão e pisasse em cima”, disse Claire. “Ela tem medo de ser feliz. Espero que algum dia encontre a felicidade. Precisa de alguém que olhe por ela, mas ainda bem que isso não é mais responsabilidade minha.”

O relacionamento de Amy com Claire pode ter sido excêntrico, mas o caso dela com Blake se mostraria espetacularmente pouco convencional, selvagem, controverso e digno de nota. Ao se unir a ele uma segunda vez, Amy declarou: “Ele é o tal”. Mas quem era ele? Tendo sido descrito como tudo, desde uma “rocha” para Amy, até um homem mau, a fonte de todos os seus problemas, de onde surgiu esse rapaz?

Já houvera alguns indícios da futura tragédia quando Blake ainda era um aluno de rosto viçoso na severa Bourne Grammar School, em Lincolnshire. “Para falar a verdade, ele era um pouco pirado”, disse um ex-colega de turma. Não tinha grande interesse em se aplicar no trabalho, mas parecia ter montes de amigos e era bastante popular entre as meninas.” Outro colega, Mark Stoker, observou: “Blake era esnobe e arrogante, mas não o suficiente para entrar em alguma enrascada. Ele não era burro, só não se aplicava no trabalho. Ao sair da escola ele se mudou para Londres e perdemos o contato”. Tendo acompanhado a vida infame de Blake desde então, Stoker reflete: “Ele foi evidentemente influenciado pelo ambiente da música. Nunca se vestiu como agora, na época em que estávamos na escola”.

Blake, no entanto, demonstrava algum interesse pela moda quando estava na escola. Ele se interessava por estilos de cabelo — sem dúvida atraindo alguns gracejos de seus colegas homens — e suas fotografias na escola revelam que adotava um estilo angelical, flexível, repartido no meio. Seu lado criativo também incluía devorar literatura e sonhar em se tornar jornalista. Depois da escola, ele partiu para as luzes brilhantes da capital e enviou um torpedo de seu glamoroso novo estilo de vida para seus ex-colegas através do nostálgico website Friends Reunited. “Viver em Londres, né?”, escreveu ele em seu perfil online. “Corte de cabelo para fotos de moda, sair pela cidade e curtir meu grupo de meninas. A academia nunca foi o meu forte, mas pretendo conseguir um diploma em *fashion design* em Chelsea, neste ano, e outro em história da arte, ainda sem data prevista. Gostaria muito de ter notícias de algumas pessoas, e espero tê-las.”

No entanto, Blake não precisava se fiar em antigos amigos da escola, porque ele tinha um

novo grupo de amigos na capital. Um deles, que costumava percorrer os clubes com Blake, conta: “Ele é meio assim, um tipo cativante de menino mau. É o tipo de cara que conversa sobre tudo — que tem um brilho no olhar. Ele sai, se comporta mal e faz sabe-se lá o quê, mas nunca deixa uma mulher passar por uma porta depois dele. É sempre chamado de ‘assistente de música de vídeo’, ou de ‘menino de recados’, mas não sei nada a esse respeito. Não sei de onde ele tira a grana”.

Dizem que teve diversos empregos em lojas e bares no norte de Londres. É claro que foi num bar que viu Amy pela primeira vez. Ela contou que se sentiu atraída por ele “como uma mariposa para a lâmpada”, atraída por “algo um pouco picante”. Depois veio a tatuagem no peito e, quando ela já estava de novo com ele, depois da separação de Claire, parecia que o relacionamento finalmente fazia jus à etiqueta de “séria” que recebera quando o par se encontrou pela primeira vez. Ela e Blake pareciam inseparáveis. “É como se eles não pudessem viver um sem o outro”, disse um amigo. Na época, isso parecia uma linda expressão da profundidade romântica da ligação entre os dois. Logo a expressão viria a adotar uma ressonância sinistra inteiramente nova.

A primeira coisa a que Blake teve de se adaptar quando começou a namorar Amy foi a luz ofuscante da publicidade. Amy admite que ele achou isso um desafio. “Não tem sentido ficar puto com coisas que a gente não pode controlar. É legal. Só que causa problemas com o meu marido. Ele não gosta”, explica ela desde seu casamento com Blake em maio de 2007. A expressão mais visível e brutal disso apareceu sob a forma dos *paparazzi*, que seguiam o casal por toda parte. “Sou protetor em relação a Amy como qualquer marido em relação à mulher”, disse ele. “É natural. Conviver com uma linha de ataque formada por fotógrafos que gritam, forçam e detonam câmeras na cara da gente pode ser bastante intimidador, mas Amy parece ter aceitado que essa é a vida dela daqui para frente.”

Amy concorda: “É, você tem razão, pode ser intimidador. E às vezes pode ser assustador, quando gente que eu não conheço parece me conhecer, mas é só isso, na verdade”.

Muitas celebridades acham que já perderam relacionamentos promissores porque seus parceiros não famosos acharam insuportável viver sob o olhar do público. É um grande crédito para Blake, e um sinal bastante positivo das perspectivas de felicidade futura do casal, que ele tenha tentado chegar a um acordo com as pressões da fama de Amy.

Amy admite que ela é uma namorada com alto custo de manutenção: “Do seguinte ponto de vista: espero que meu namorado venha à minha casa e durma comigo todas as noites. Sou uma pessoa de ‘tudo ou nada’, mas também gosto de cuidar do meu namorado e fazê-lo se sentir um rei”. Antes de conhecer Blake, ela tinha falado da dificuldade de equilibrar sua carreira com um namorado. “No momento não tenho tempo para conseguir respeitar direito um namorado, e não posso esperar que um namorado respeite e honre o que faço agora, de modo

que, não estou procurando nada num plano superficial.”

Amy e Blake saíram para uma de suas noites típicas em abril de 2007. Beberam bem; compartilharam riso, papo e muito mais além disso. Aí, quando chegaram em casa, Blake virou-se para Amy e pediu-lhe que se casasse com ele. Não obteve uma resposta instantânea, como Amy revelou: “Demorei um dia para finalmente concordar”. Não que tivesse dúvidas. “Estou tão contente por Blake ter me pedido. É surpreendente, fantástico”, disse ela radiante, mostrando o anel de noivado Tiffany de 3 mil libras para as amigas. Ao falar com os repórteres nos degraus de um *pub* em Camden, Amy declarou: “Sou uma garota de muita sorte por ter encontrado alguém que amo tanto. Espero continuar com ele pelo resto da minha vida. Ainda não marcamos uma data ou qualquer coisa do tipo. Obviamente, somos os dois muito jovens, e é assustador. Mas é a coisa certa a ser feita. Foi por isso que concordei”.

Logo os planos para o casamento estavam em andamento — assim como a inevitável especulação da imprensa. Uma reportagem afirmava que Amy exigia que seu noivo se convertesse ao judaísmo para casar com ela. “Ele não é religioso, de modo que, não é lá grande problema”, disse uma fonte. “Ele fará qualquer coisa que ela queira e já falou com o pai dela a esse respeito.” Entretanto, uma testemunha ocular do casamento, em 18 de maio, sugere que ele não faria qualquer coisa que Amy quisesse mesmo. Ao se pavonear pelo corredor do hotel, disseram que ele cantava para si mesmo: “Tentaram me fazer assinar um pré-nupcial, mas eu disse não, não, não”.

O hotel em questão era o Shore Club Hotel em Miami, onde Amy e Blake reservaram um quarto que custava 2,5 mil libras por noite para sua viagem de núpcias. Enquanto estavam lá, foram certamente homenageados em grande estilo. Estima-se que gastaram mil libras em serviço de quarto, incluindo inúmeras garrafas de Veuve Clicquot a noventa libras cada. Chegaram a pedir a visita do massagista da casa.

“Amy disse a Blake que ela não pouparia despesas — ela está trabalhando tanto agora que eles tentaram comprimir duas semanas de divertimento em dois dias”, explicou uma amiga. “Trancaram-se lá dentro e sequer deixavam a camareira entrar para trocar os lençóis! De vez em quando, eles ligavam e pediam um espumante e, às vezes, batatas palito. Pareciam muito mais interessados em bebida que em comida!” Estima-se que a conta pela estada deles chegou a 9 mil libras no total.

Os eventos do dia do casamento são ainda um tanto misteriosos. Sabe-se, no entanto, que Amy usou um vestido de estampa floral, curto, e Blake um terno cinzento retrô, para a breve cerimônia no Miami-Dade County Marriage License Bureau na Flórida. O juiz de paz, Sammy Calixte, que conduziu a cerimônia, conta: “Eles chegaram para se casar e estavam sozinhos. Eu li os votos e cada um disse ‘Sim’. Quando os declarei marido e mulher, eles se abraçaram e se beijaram”.

Amy então trocou a roupa por um colete branco e um short de brim. Com o novo marido a reboque, foi ao restaurante Big Pink Diner para uma refeição comemorativa. Tony Blair fora ao Big Pink Diner recentemente enquanto estava hospedado na mansão de praia de Robin Gibb, do Bee Gees. O casal chegou de volta ao hotel separadamente. Confrontado por repórteres, Blake disse, dando uma piscadela: “Tivemos um dia bom, mas não posso na verdade falar dele”. De volta juntos, eles se reuniram no bar de sinuca e continuaram as comemorações. Quando tentaram sair para outra caminhada foram apanhados por uma chuvarada tropical.

Blake e Amy foram bem reticentes com os repórteres sobre se tinham mesmo se casado. A primeira confirmação veio quando Blake mudou seu status no website MySpace de solteiro para casado. Depois, um porta-voz da cantora confirmou: “Amy e Blake se casaram [na sexta-feira]. Estão muito felizes”. Amy depois confirmou ela mesma o casamento, durante um concerto, de volta a Londres. “Não sei se vocês ouviram falar, mas acabo de me casar com o melhor homem do mundo”, anunciou ela sorrindo, para saudações e aplausos entusiásticos da platéia, que incluía Elton John e o parceiro dele, David Furnish. Ela disse também, com um riso: “Quebrei um dente — não está muito bonito. Pelo menos dá para cantar”. Também durante o concerto ela brincou com Mitch, que estava na platéia, com piadas de que agora ele teria de pagar pelo segundo casamento dela.

Os pais do casal não tinham sido informados do casamento e nem foram convidados. O pai de Blake, Giles, parece filosófico a esse respeito: “Falei com eles e eles estão muito felizes. Daremos apoio a ele e a Amy no que resolverem fazer”. Entretanto, diz-se que os pais de Amy ficaram muito mais chateados com a exclusão. “Não estou zangado, só triste”, reclamou Mitch. “Eu gostaria de tê-la conduzido ao altar.”

Claro que não seria fácil para os pais serem excluídos, e Amy confirma que Mitch estava extremamente chateado, não por ele mesmo, mas pela mãe dela. Amy deu indícios de que eles teriam uma compensação com uma segunda cerimônia na Inglaterra. “Vamos fazer a coisa completa para o pessoal aqui. Mas sempre soubemos que nossa cerimônia seria apenas eu e Blake. Só queríamos fazer alguma coisa sem complicação.” Janis, enquanto isso, admite: “Achei que ela iria perder o interesse por ele. Não achei que chegassem mesmo a se casar”.

Na volta à Inglaterra, o casal foi com os pais de Blake a um restaurante indiano, o Mint Leaf, que fica perto da estrada A46, entre Lincoln e Newark. A presença de Amy levou vários clientes a franzir a testa e também instigou o *Sunday Mirror* a fazer uma manchete da história com uma piada extraordinária: Chicken jazzfrezi, Amy? (Frango sem jazz, Amy?) “Eles tinham feito reserva no sábado anterior, e os Civil são clientes regulares, de modo que, não havia nada de extraordinário nisso”, disse o garçom que serviu Amy — vestida num *top* verde e jeans apertados — e os sogros dela. “Foi a primeira vez que Amy se encontrou com os

sogros, e acho ótimo que eles a tenham trazido aqui. A princípio não percebi quem era, mas os clientes ficaram perguntando, e um dos membros da nossa equipe reconheceu-a. Depois eu fiquei um pouco nervoso e tentei fazer tudo na perfeição.” “Houve uma verdadeira agitação no restaurante naquela noite e todo mundo só falou disso”, acrescentou ele. “Ela se sentiu bem com toda aquela atenção, e estava se entendendo muito bem com os sogros durante a noite inteira. Todo mundo saiu do restaurante com um sorriso no rosto — foi realmente excitante para todo mundo ali.”

Amy e Blake também saíram do Mint Leaf com sorrisos no rosto. Entretanto, o êxtase conjugal foi cruelmente interrompido na quarta-feira, 8 de agosto. Deveria ser uma das noites mais felizes da vida de Amy. Ela soube que fora indicada em três categorias dos mtv Video Music Awards. Porém, foi levada às pressas para a emergência do University College London Hospital, a uma hora da manhã. Um porta-voz da Island Records esclareceu: “Amy Winehouse foi internada no uclh esta manhã, sofrendo de severa exaustão”.

Entretanto, logo surgia uma versão mais completa. Na segunda-feira ela aterrissara no Aeroporto de Heathrow, depois de se apresentar em um festival de música em Chicago. Ela e Blake logo começaram a beber em *pubs* durante todo o trajeto de Hounslow até Camden. Desse modo, começaram uma farra de três dias, durante a qual dizem que Amy parecia “um zumbi — branca como um lençol e trêmula”. Mais para o final, diziam que Amy tomara uma overdose de drogas, e mais tarde descrevera a experiência como “um dos momentos mais aterradores da minha vida”.

Ela declarou ao *News of the World*: “Não sei explicar o que aconteceu. Não consigo me lembrar da minha aparência. Não poderia me reconhecer. Foi aterrorizante — fiquei apavorada. Fiquei muito fora de controle. Simplesmente aconteceu. Fiquei chocada. Sinto muito — eu não sei o que deu em mim”.

Depois de uma lavagem estomacal no uclh, ela foi transferida, e um jornal afirmou que tinha sido levada para o Priory, em Roehampton; outro declarou o contrário, que ela estava se recuperando em um hotel de luxo em Hampshire. O pai dela, Mitchell, não confirmou onde estava a filha, apenas disse que tentava fazê-la comer. “Ela está magra e desidratada, parece que acabou de sair de um campo de concentração”, observou. “Mal se alimenta. Não dorme. Tento fazê-la comer, mas é mais fácil dizer que fazer. Sei que se não comer ela vai morrer. Não há motivo para ela querer se autodestruir dessa maneira.”

Para onde quer que Amy tenha ido depois do uclh, ela acabou no Causeway Retreat em Essex. Trata-se de um espaço adequado para uma celebridade, já foi mencionado em algumas publicações mais sofisticadas. A revista *Tatler* escreveu sobre o Causeway: “Estamos confiantes de que você está em boas mãos”. O *The Sun* descreve o centro como “o que há de mais moderno”, e o compara a um “hotel de cinco estrelas com ginásio, piscina e sala de

jogos”, acrescentando que “tem até uma sala de terapia”. O *Evening Standard* de Londres disse: “Os fãs do Causeway Retreat dizem que sua localização faz dele algo único. Isola as pessoas do mundo, literalmente, fornecendo a impressão de um novo início”. Quanto à avaliação que o Causeway faz de si próprio, o website alardeia: “Temos tido grande sucesso em ajudar os clientes a passar pelos problemas que sofrem e orientá-los para o caminho da verdadeira recuperação”.

Recuperação verdadeira era exatamente o que o médico receitara para Amy quando ela chegou ao Causeway. Em 48 horas, ao que consta, ela visitou um neurologista em Londres, para um exame do cérebro, porque, durante a overdose, ela tivera uma convulsão. Um neurologista no Queen Hospital explicou que isso era um procedimento de rotina: “O cérebro é um órgão elétrico, de modo que, as drogas podem provocar descargas generalizadas de eletricidade, apresentadas como convulsões, que podem ser potencialmente letais. É rotina para qualquer pessoa que tenha sofrido uma convulsão fazer uma varredura para verificar outros danos ou tumores”.

Indagado a respeito dessa história, o pessoal de Amy emitiu um firme “sem comentários”. Entretanto, uma fonte próxima de Amy revelou porque ela saíra de Causeway. “Era para ela ter ficado algumas semanas até melhorar. Mas, depois de algumas refeições decentes, insistiu em que estava bem. Queria sair na terça-feira à tarde. As pessoas próximas a ela ficaram arrasadas. Mas Blake quer que ela volte à normalidade — e nós todos sabemos qual é a normalidade deles.”

Ao que parece, Amy e Blake não deixaram muitas saudades no Causeway. O casal foi acusado de perturbar a atmosfera de paz do retiro, e os dedos apontaram especialmente para Blake. “A idéia é que isso aqui seja um cenário de paz para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas”, disse alguém lá de dentro. “Mas Amy e Blake não pararam de brigar e de estragar o ambiente. Embora Amy seja recebida de volta de braços abertos, não creio que o mesmo possa ser dito de Blake.”

Disseram também que, embora tenha sido Amy quem buscou ajuda, muitas vezes, era Blake quem monopolizava as atenções. Parece que ele perturbou também a equipe do uclh. Isso apenas fortaleceu a resolução urgente da família de Amy de que os dois deviam se separar, pelo menos, enquanto Amy estivesse em tratamento. Em muito pouco tempo essa resolução deveria se tornar muito, muito mais urgente.

Em uma quarta-feira, no final de agosto, Amy e Blake estavam no elegante Sanderson Hotel, em Londres. Chamado de “Paraíso glamoroso” pelo *Sunday Times Style Magazine*, “um oásis urbano”, pela *Vanity Fair*, e “o hotel mais na moda do mundo”, pela revista *GQ*, o Sanderson é um dos hotéis de mais bom gosto da capital. O casal esperava que aquele esplendor opulento fosse um espaço adequado para eles lamberem as feridas e se recuperarem

da turbulência das últimas semanas. Eles deram entrada no hotel na segunda-feira. Quando chegaram ao irmão de Amy, Alex, as notícias de que não tinham saído do quarto durante 48 horas, ele tentou visitar a irmã para ver se estava tudo bem. Acredita-se que, por solicitação de Blake, Alex foi impedido de entrar no hotel.

Mais tarde, no mesmo dia, Mitch chegou ao hotel e jantou com Amy e Blake em um dos luxuosos e exclusivos restaurantes do Sanderson. Ele saiu do hotel por volta das dez da noite e deixou Amy e Blake aparentemente em alto astral, jogando bilhar com amigos e bebendo. Por volta das onze horas, Amy se encontrou com uma mulher misteriosa. Parece ter recebido um pacote, enquanto o casal se abraçava. De madrugada Amy e Blake voltaram para o quarto. Porém, não iriam se retirar em silêncio, e o verdadeiro drama da noite apenas começava.

Surgiu uma discussão entre o casal. Foi uma briga vigorosa, cruel, extensa, que ecoou e ressoou pelo hotel todo, perturbando os outros hóspedes. Uma luxuosa mesa do quarto do hotel foi quebrada durante a briga, e, por volta das três da madrugada, houve tal preocupação com relação a Amy e tantas reclamações dos outros hóspedes por causa do barulho, que o gerente do hotel chamou a polícia. Logo depois disso, Amy saiu do quarto, banhada em lágrimas, com Blake atrás dela, gritando. Eles se embolaram num elevador em que já estava outro hóspede. O hóspede disse: “Ela se encolheu no canto, e eu achei que ele ia lhe bater. Quando a porta do elevador abriu, ela saiu pelo saguão a passos largos. Ele a perseguia e já estava a cinco passos dela quando Amy chegou à entrada principal do hotel”.

Amy correu pela Berners Street. Encontrava-se visivelmente em estado de pânico total. Blake ainda corria atrás dela, mas não conseguiu pegá-la. Uma testemunha ocular conta: “Amy estava tão determinada a escapar que correu para o meio da rua e fez sinal para um carro qualquer, que por acaso estava cheio de garotas. Ela dizia: ‘Rápido, eu tenho que entrar, tenho que fugir, por favor, me ajudem’. A voz dela falhava. Dava para ver que ela estava amedrontada”.

As meninas permitiram que Amy entrasse no carro, que partiu em alta velocidade, enquanto Blake ainda tentava correr atrás. Deixaram Amy do lado de fora da estação de trem de Charing Cross, ela caminhou até uma loja de 24 horas e comprou cigarro. “Ela parecia totalmente fora de si”, disse um cliente.

Enquanto isso, Blake, que fora deixado para trás, cambaleava completamente aturdido, tentando encontrar Amy. Ele perambulou pelas redondezas procurando em vãos de portas e becos. De tempos em tempos, gritava o nome dela, sem sucesso, é claro. Além disso, tentou diversas vezes falar com ela pelo celular. Por fim, conseguiu entrar em contato pelo telefone. Seguiu-se uma conversa tensa e aos berros. Depois que o casal se acalmou, combinaram de se encontrar por volta das quatro da manhã. Depois caminharam de volta para o hotel, de braços dados, por volta das 4h45min da madrugada.

Porém, qualquer esperança de que eles fossem esquecer esse último episódio era vã. A briga inteira fora exposta não apenas diante do público, mas também de fotógrafos que tiraram várias fotos de Amy e Blake. Os dois estavam cobertos de sangue e arranhões. Além disso, Amy tinha sangue saindo das sapatilhas de seda de balé, o que levou a especulações sobre se ela injetara heroína entre os dedos. Falam de lavar a roupa suja em público, mas isso, foi lavar roupa *suja de sangue*.

A imprensa naturalmente logo caiu sobre a história. Ao ouvir falar do episódio, Mitch correu para o hotel a fim de ficar ao lado da filha. Ele estava tão preocupado com o bem-estar dela que chegou a investigar os trâmites legais para que ela e Blake se separassem.

“Mitch está desesperado para que Amy receba algum tratamento prolongado, mas ela só faria isso na companhia de Blake. Mitch chegou a pesquisar para ver se poderia conseguir uma ordem de restrição legal contra ele, mas isso é impossível”, disse uma fonte. A polícia de fato chegou e mais tarde anunciou: “Depois de receber uma queixa de uma terceira pessoa, a polícia falou com uma mulher, mas ela não alegou ofensa criminal”. O quarto onde Amy e Blake estavam, ao que consta, estava um caos. Uma fonte do hotel disse que havia manchas de sangue no quarto de dormir e no banheiro. Um repórter — altamente duvidoso — afirmou que o dano chegou a 9 mil libras. “Os faxineiros do hotel ficaram chocadíssimos quando entraram no quarto. Nunca vi nada parecido”, disse a fonte. “Eles tiveram de contratar uma firma de fora para limpar o sangue das paredes, e depois foi preciso um substancial trabalho de pintura.”

Depois de falar com Mitch, Amy e Blake saíram do hotel na quinta-feira de manhã, em uma Mercedes prateada. Naturalmente a obsessão da imprensa pela história continuaria durante vários dias. Muitas reportagens sugeriram que Blake teria batido em Amy. Mas ela foi rápida em negar as acusações, usando uma via aparentemente pouco convencional para isso.

Mario Lavandeira, mais conhecido como Perez Hilton, é *blogger* de celebridades. Radicado em Los Angeles, Califórnia, construiu uma extraordinária rede de contatos e influências no mundo do *showbiz*. De início, o blog dele chamava-se PageSixSixSix.com — por causa da coluna de fofocas “Page Six” do *New York Post* —, mas agora é conhecido simplesmente como perezhilton.com. Ele alega receber até 8 milhões de visitas no site em qualquer período de 24 horas. Tornou-se amigo íntimo da *socialite* norte-americana Paris Hilton — daí seu apelido — e muitas vezes é procurado por celebridades do mundo todo que querem divulgar suas histórias de forma rápida para o maior número possível de pessoas e com algum controle sobre a mensagem.

Foi para Perez Hilton que Amy se voltou quando quis contestar as reportagens de que Blake batera nela durante sua infame estada no Sanderson Hotel. Ela enviou uma série de mensagens de texto para Hilton, pedindo-lhe que divulgasse a verdade em seu website. “Blake é o melhor homem do mundo”, diz um dos textos. “Nós jamais nos machucariamos um ao

outro. (...) Eu estava me cortando depois que ele me encontrou no nosso quarto prestes a tomar drogas com uma garota de programa, e disse, com toda razão, que eu não era boa o bastante para ele. Eu perdi as estribeiras, e ele salvou minha vida.”

Amy então disse que, longe de ferí-la, Blake tinha de fato sido responsável por salvar sua vida. Ela escreveu:

Ele nunca me machucou. Passou maus bocados e me deu muito apoio. (...) É um homem fantástico que salvou minha vida outra vez e ainda por cima foi severamente acusado. Só o que recebe são histórias horríveis publicadas a respeito dele, e não diz nada, mas isso é demais. Vou ficar legal. Mas preciso defender a posição do meu homem.

Não é de surpreender que houvesse tanto interesse pelo bem-estar de Amy, tendo em vista especialmente o episódio que ocorreu enquanto estavam em um hotel. Inúmeras vezes o relacionamento de Amy e Blake foi comparado ao do integrante dos Sex Pistols, Sid Vicious, e sua namorada, Nancy Spungen. “Sid e Nancy” — como se referiam sempre a eles — também tinham um relacionamento ostensivo e notório. Pareciam presos num círculo de autodestruição, abuso de drogas e violência. Em outubro de 1978, o casal se hospedou no quarto 100 do Hotel Chelsea, em Nova York. Uma manhã, Vicious acordou de um estupor induzido por drogas e descobriu a namorada morta no chão do banheiro. Ela tinha um único ferimento a faca no abdome. A cama também estava manchada de sangue. Vicious foi acusado de assassinato, liberado sob fiança, e meses mais tarde morreu de overdose.

Depois de todo o drama por que Amy e Blake passaram, houve uma grande decepção, mas muito pouca surpresa, quando Amy resolveu adiar sua iminente turnê pelos Estados Unidos e Canadá. Não foi uma decisão fácil, mas Amy, sempre perfeccionista, resolveu que era melhor esperar até que estivesse em condições de fazer justiça a si mesma e a seus fãs, em vez de aparecer e dar um show insípido. Seu pessoal declarou: “Pelos rigores envolvidos numa turnê, Amy Winehouse foi aconselhada a adiar as datas de suas apresentações nos Estados Unidos e Canadá em setembro. (...) Há planos de remarcar a turnê norte-americana para o início de 2008. Até lá, Amy recebeu ordens de descansar, e ela está recebendo cuidados médicos”.

O local para esse descanso não poderia ser mais tranquilo e bonito. No alto de Morne Chastanet, com vista para Santa Lucia e o Caribe, o *resort* Jade Mountain é extremamente luxuoso e hipnotizante. Os majestosos quartos, cada qual com uma piscina particular, têm uma vista de tirar o fôlego. Amy esperava que essa pausa no *resort* de 700 libras por noite se mostrasse terapêutica. Pelo menos, achava ela, poderiam deixar os problemas para trás e seguir em frente, para o alto, rumo a um futuro maior. Entretanto, de acordo com alguns relatos, a estada foi tudo, menos saudável.

Logo apareceram relatos de que Amy tinha vomitado no quarto inteiro, e, além do mais, que tinha vomitado sangue. Um funcionário do hotel falou: “Havia sangue e vômito pelo banheiro todo; foi horrível. Parecia que ela tinha vomitado várias vezes. Havia sangue misturado ao vômito. Era nauseante. Ficamos horrorizados com o estado do quarto, parecia que tinha sido atingido por uma bomba”. O gerente do hotel ofereceu-se para chamar um médico, mas Amy recusou. “Ela disse que ficaria bem”, disse o funcionário. “Todo mundo estava preocupado porque ela parecia muito frágil.”

Amy vomitou também em cima de um sofá enquanto bebia no restaurante do *resort*. Dessa vez, disseram que o cheiro do vômito era tão forte que o restaurante teve de ser completamente fechado enquanto era limpo. Depois que o reabriram, Amy causou alguma preocupação ao aparecer com Blake. Ela comeu uma salada *Caesar*, e Blake engoliu um bife. Eles voltaram logo depois, e Amy atacou um hambúrguer com salada. Por sorte ela conseguiu reter a comida. Resumindo a estada deles, a fonte do hotel disse ao *Daily Mirror*: “Eles não são iguais aos nossos hóspedes típicos. Eles se destacam porque estão, os dois, cobertos de cortes e têm tatuagens pelo corpo inteiro. Os dois se comportam de modo muito estranho”.

As manchetes dos jornais que gritaram continua o banho de sangue de Amy e Blake e Amy a segundos da morte reconhecidamente exageraram, mas Amy, a essa altura, já servia novos escândalos de bandeja para a imprensa. É certo que parte da cobertura exagerava ou inventava, mas outra grande parte era exata. Para a imprensa — que se cansara de Pete Doherty desde que ele se separou de Kate Moss, e de David Beckham, que estava indo para Los Angeles —, Amy se mostrava uma nova obsessão dos tablóides. Uma vez que os tablóides cravam as garras em alguém, raramente a história acaba em algo diferente de lágrimas para a vítima. Não há dúvidas de que a imprensa inventou grande parte da cobertura que deu ao relacionamento de Amy e Blake, em especial a respeito do hedonismo e de seus supostos problemas de peso.

Inúmeras vezes, Blake foi personificado como o cara mau. “Ele não é muito bom para Amy no plano profissional”, disse Neil Sean, o encarregado de entretenimento do *Sky News*, “mas ela está tão fisgada que não consegue evitar — suponho — o amor que sente por ele.”

Chegar apressadamente a essa conclusão, contudo, parece injusto tanto com Blake quanto com Amy. Seja lá quais forem seus defeitos, Blake tem ficado ao lado de Amy, e está visivelmente bobo com sua senhora. Além do mais, pôr Amy no papel de uma vítima involuntária é insultá-la, retratando-a como mulherzinha indefesa. Todas as evidências da vida de Amy sugerem que ela está longe disso. “Acho que aqueles que estão próximos de nós sabem a verdade”, diz Blake. “Não tem essa de uma longa festa de bebidas e drogas, e, quanto à questão do peso, simplesmente não é bem assim — somos na verdade um casal bem bacana e normal em casa.”

Amy fez eco às tentativas de Blake de retratá-los como um casal normal. “Estou em forma.

Não há nada de errado comigo. (...) Houve muito estardalhaço a propósito de nada”, deu ela de ombros.

Mitchell esperava que essas declarações de “tudo bem” fossem exatas, embora sua esperança não estivesse desprovida de qualificação: “Não sei o que eles andaram fazendo durante o último mês, mais ou menos. Gostaríamos de pensar que ela e Blake permaneceram limpos desde que foram para Santa Lucia. Mas o problema com os viciados em drogas é que eles raramente contam a verdade”.

Felizmente, em pouco tempo os tablóides foram obrigados a escrever uma matéria positiva a respeito de Amy, quando ela recebeu novos louros. Nos prêmios Mobo (Music Of Black Origin), ela recebeu o prêmio de melhor cantora. Na arena do O2 (antigo Millennium Dome), ela cantou “Me and Mr. Jones” e “Tears Dry on Their Own”. Ao subir ao palco para receber o prêmio, o discurso

dela foi curto e gentil. Apenas agradeceu e depois voltou para sua mesa. Não podia ser criticada por ser tão sucinta: depois de tudo o que haviam escrito sobre ela nos últimos meses, Amy só queria evitar maiores controvérsias.

Na mesma noite, ela ganhou o Vodafone Live Award, vencendo gente como Lily Allen, KT Tunstall e Kate Nash. Amy mandou o proprietário do Hawley Arms pegar o prêmio em seu lugar. “Vamos colocá-lo atrás do bar”, gracejou ele na cerimônia em Brompton Hall, West London.

Esses sucessos compensaram o desapontamento pela perda, para os Klaxons, do Mercury Prize, no início daquele mês. Ela recebeu uma ovação de pé por sua apresentação na cerimônia no Grosvenor House Hotel. Cantou “Love is a Losing Game”, trazendo a canção de volta às suas raízes acústicas e enviando uma onda de emoção pelo espaço. Jools Holland, o mestre-de-cerimônias, disse depois da apresentação: “Amy Winehouse, (...) uma das vozes mais fantásticas. Já trabalhei com muita gente, e estou lhes dizendo, ela tem uma das vozes mais fantásticas dos últimos tempos”.

Mas o prêmio foi dado ao trio Klaxons. O cantor principal da banda, Jamie Reynolds, disse que: “não estava surpreso” por Amy não vencer. Ele falou: “Quando saí do palco fiquei chateado porque achei que ela tinha feito uma apresentação fantástica, e eu absolutamente amei a gravação dela, mas a gravação dela é retrô, e a nossa é inovadora, e essa é a tônica do Mercury Prize”.

O co-presidente da Polydor, Colin Barlow, declarou: “Muita gente achou que os Mercurys seriam de Amy Winehouse, mas a grande característica dos prêmios é que eles reconhecem a inovação”. Comentaristas da indústria da música acrescentaram que talvez Amy tivesse perdido porque sua adequação ao prêmio a tornara uma escolha óbvia demais — especialmente

depois da vitória previsível dos Arctic Monkeys no ano anterior.

Entretanto, Dan Cairns, da seção de “Cultura” do *Sunday Times*, defendeu Amy:

Vocês podem ver que o coração dos Klaxons estão no lugar certo e que eles obviamente adoram ser uma banda e fazer a música que fazem, mas propor que *Myths ...* é o melhor disco dos últimos doze meses é uma doideira completa. Há duas canções e depois montes de mingau musical, embora um mingau engraçado. O Bat For Lashes ou Amy deveriam ter ganhado.

Blake foi mais conciso e direto em seu apoio. “Amy foi roubada”, cuspiu ele. “Sabe-se lá por que eles não lhe deram o prêmio. Mas eu estava muito orgulhoso da apresentação dela. Amy está realmente muito bem e não precisa voltar para a desintoxicação.”

Enquanto isso, Cheryl Cole, da Girls Aloud, também defendia Amy. “Fiquei contente ao ver Amy Winehouse com melhor aparência nos prêmios Mercury”, disse ela. “Não a escutei cantando, mas ela parecia fantástica nas fotos. Tem problemas profundos com os quais lidar, mas parece encontrar uma rede de apoio forte em sua família. O pai dela parece ser um cara decente.”

Janice Turner foi menos gentil no *The Times*, escrevendo que Amy “parecia uma boneca Barbie atacada por uma criancinha chapada brandindo uma caneta hidrocor”. Os sentimentos de Amy foram ecoados com maior sensibilidade pela cantora norte-americana Rihanna, que disse: “Estou preocupada com Amy. Quero que ela melhore, pois gosto muito dela. Não tenho dúvidas de que ela ainda pode fazer sucesso nos Estados Unidos, embora esteja ligada às drogas. Seria maravilhoso sair com ela em turnê pelos Estados Unidos. Eu adoraria que ela viesse comigo”.

Na esteira da apresentação de Amy, um jornalista da bbc se pronunciou: “Ela se tornou um enigma tão adorado e torturado que suas apresentações parecem a aparição de uma figura mítica”. Até o rabino Aryeh Sufrin, fundador da Drugline, intrometeu-se e ofereceu sua ajuda a Amy. O rabino avisou aos leitores: “Isso só mostra que a comunidade judaica não é imune ao vício”. O editor do *Jewish News*, Zeddy Lawrence, disse que, Sufrin contou-lhe que estava mais que feliz em ajudar Amy e Blake. “Se eles estenderem a mão, minha porta estará aberta para eles”, disse ele a Lawrence.

Os executivos das gravadoras do selo de Amy foram insistentes em dizer que fariam todo o possível para apoiá-la. Houve quem insinuasse que talvez em segredo fizessem vista grossa para o vício de Amy, ou que até mesmo o encorajassem de leve, por acharem que fazia dela algo mais digno de notícias. O produtor Raye Cosbert nega tudo isso. “Estamos fazendo tudo o que podemos para ajudar nos problemas pessoais de Amy”, insistiu ele. “Aconselhamos que

ela ficasse em completo repouso durante esse período difícil e pusemos todos os compromissos promocionais dela em compasso de espera. Como pode ser de interesse da Island que Amy morra, quando a companhia espera que ela ganhe mais cinco discos de platina?”

Quanto aos pais de Amy e Blake, como seria compreensível, eles estavam apavorados diante do que escutavam a respeito das traquinagens de seus entes amados. O padrasto de Blake, Giles Civil, falou:

Ninguém conseguia dizer a Sid Vicious o que ele tinha de fazer, não é? Mas eu gostaria que Blake e Amy lembrassem daqueles dois. Poderia dar-lhes uma sacudida. Duvido, mas pode ser. Acho que os dois precisam de ajuda médica, antes que um deles, se é que não os dois, acabe morrendo. Estamos preocupados, porque se um deles morrer pode ser que o outro morra também. Formam um casal muito unido, e, se um morrer por abuso de droga, o outro pode se suicidar.

Eles estão vivendo em um mundo onde o acesso a drogas é fácil. Têm dinheiro de sobra, e o que precisarem, o que quiserem, conseguem sem dificuldade. No momento estão atravessando uma negação abjeta. Não vêem que têm um problema e estão bastante agressivos em defesa de si próprios. Acreditam que são usuários recreativos de drogas, mas nos parece que esse não é o caso, que são visivelmente viciados.

Propôs então um novo passo para ajudar a infundir algum juízo nos dois. “Solicitamos aos fãs de Amy que enviem mensagens dizendo-lhe que seu vício não é aceitável. Eu não gostaria que acontecesse nada de mau a Amy e a Blake, mas talvez seja a hora de parar de comprar os discos dela. Não deveríamos condenar o vício e ao mesmo tempo conceder-lhe altas vendas de discos ou prêmios da indústria.”

Mitch acrescentou que tinha falado com Amy e ela:

Parecia bem. Não estamos falando de gente que está em perigo iminente de vida. Fisicamente, ela não está fantástica, mas enquanto ela esteve fora acho que o problema de alimentação foi resolvido, e ela ganhou uns seis quilos. No período de oito dias, é bastante bom. Não adianta ficar pondo a culpa em ninguém e dizendo que nos últimos quatro meses Blake ficou pior por causa de Amy, e que ela ficou pior por causa de Blake. Durante os últimos quatro meses eles ficaram pior. São duas pessoas casadas, se amam, embora tenham problemas — se acham que têm de se cortar para demonstrar isso. Se isso significar que eles podem ser curados juntos, espero que se curem juntos.

Se significar que, para que eles se curem, é preciso que se separem, então assim seja. Mas ninguém pode separá-los fisicamente. Os pais de Blake não podem levá-lo de volta para Nottingham se ele não quiser ir, e eu não posso obrigar a Amy a fazer coisa alguma. Já tentei. Não funciona. Os médicos disseram: “Você tentou gritos e berros, não funciona. Temos de tentar persuasão delicada, deixá-los sentir que eles estão tomando as decisões”. Adivinhem: também não funcionou.

Quanto a Amy, ela insistia que não tinha a menor intenção de se separar de Blake. Na

verdade, ela argumentou que, longe de ser a fonte de seus problemas, ele era a maior esperança que ela tinha para sobrepujá-los.

Não consigo vencer as drogas sem ele. Ele é a minha rocha, e, como um casal casado, temos de passar por tudo juntos. Blake diz que ele não vai voltar para a desintoxicação — mas eu posso, se quiser. Só que não irei sem ele. Eu sei que preciso de ajuda, mas Blake é o único que pode me ajudar. Não quero perdê-lo. Não vou perdê-lo. Quero fazê-lo feliz — como ele me faz. Sinto-me repugnante, e Blake é o único que faz com que eu pare de me sentir assim. Não acredito sequer que ele queira ficar comigo. Não entendo por quê. Tudo que sei é que sou a moça mais sortuda que existe por ter alguém tão afetuoso como Blake.

Entretanto, parte disso caía em ouvidos moucos, como ficou demonstrado em dezembro de 2007, quando a mãe dela, Janis, escreveu uma carta aberta a Amy por intermédio das páginas do *News of the World*. Foi isso o que ela disse:

Blake, seu marido, pode não ser minha pessoa preferida — você sabe disso, Amy — mas é a sua escolha, e eu jamais direi dele algo que possa ferí-la. Quando recentemente citaram uma frase minha — “Graças a Deus Blake está preso” —, o que eu quis dizer foi que estar na cadeia poderia ajudá-lo a limpar os atos dele e a mudar a vida dele.

Eu não disse isso com maldade nem para chatear você. Se deve mesmo vingar, esse relacionamento sobreviverá. Tenho uma grande crença de que tudo na vida acontece por algum motivo, um objetivo. E se vocês dois estão destinados a permanecer juntos para sempre, então assim seja. Mas eu quero que você ame Blake pelo que ele é, Amy. Não porque você sente pena dele, ou porque ele leva você a se drogar. Que não seja por nenhum outro motivo que não o de respeitá-lo.

Janis se referia a uma entrevista que Mitchell dera a Fern Britton. Britton perguntou: “Então, ela ainda está bebendo?” Mitch respondeu:

Ela não está bebendo tanto agora quanto antes, na verdade, mas há outros problemas. Um deles é a bulimia, que ainda é evidente, embora ela tenha ganhado uns seis quilos, mas ainda afeta a saúde dela; e há também problemas com o abuso de drogas. Mas, outra vez, não tão ruim como contaram.

É evidente em suas músicas que ela já tinha usado drogas, provavelmente desde os dezesseis ou dezessete anos, talvez até mais cedo. Ela era completamente contrária a drogas pesadas — na verdade, ela manifestou que não conseguia entender por que as pessoas na indústria da música usavam drogas pesadas —, e isso mudou há cerca de seis meses, quando se casou com Blake. E não estou dizendo que seja culpa de Blake. O que estou dizendo é que Amy é responsável por suas próprias ações. Entretanto, o fato é que as drogas pesadas coincidiram com o casamento dela. Bem, eu sabia que eles iriam se casar, não estávamos completamente no escuro, mas tínhamos esperanças de que a mãe da Amy poderia estar presente, no mínimo. Então ficamos um pouco decepcionados, sim.

Ele continuava:

Eu mesmo não leio jornais. Um amigo meu, um cara chamado Ginger Norman, os lê para mim. Como eu não consigo ler os jornais todos os dias, ele meio que examina as notícias para mim todos os dias, porque eu simplesmente não consigo enfrentá-las. Ele me pediu para dar uma olhada nessa matéria em particular, o que eu fiz. Telefonei para o jornal em questão, falei com o departamento de notícias. Disse-lhes o que acontecera. Eles falaram que não tinham interesse no que eu tinha a dizer sobre o assunto.

Logo depois da entrevista, falando de Blake, Mitchell também disse ao *Star*:

Ele não ganha créditos comigo por isso, ele normalmente também cai de bêbado, e a única razão pela qual não desabou no chão foi porque as drogas ainda não tinham produzido efeito, ou porque tinham acabado. Do meu ponto de vista, se ele não estivesse lá, pra começar ela provavelmente não teria engolido toda aquela porcaria.

Se Blake fosse preso por agressão corporal, isso talvez fosse a melhor coisa para Amy. (...) Ela ficaria mortificada se ele fosse preso, mas seria uma oportunidade para ela entrar nos trilhos.

O problema é que Blake parece querer que eles entrem juntos na desintoxicação, para que ele fique no comando — e disseram-lhes que essa não é uma boa idéia, que a probabilidade de recuperação é pequena. Se ele ficasse na prisão durante alguns meses, acho que Amy teria uma chance melhor de se recuperar. Ela precisa se organizar antes de se preocupar com Blake.

Melhores notícias vieram com o acordo de Amy com o compositor e produtor P*Nut a respeito de uma queixa de violação de direitos autorais. P*Nut, cujo nome verdadeiro é John Harrison, disse que ele e Amy escreveram a canção “He Can Only Hold Her” em parceria, no estúdio dele, em 2006. O advogado de P*Nut, Bob Page, do Jayes and Page, declarou:

É um resultado muito satisfatório para P*Nut, que julgava sua contribuição para a música perfeitamente evidente. Ele ficou, portanto, extremamente decepcionado por não receber o crédito que merecia no disco de Amy e pela resistência que encontrou ao garantir sua cota justa de direito autoral. Embora Amy e a gravadora tenham levado a questão ao limite, P*Nut está contente por ter prevalecido o bom senso, e ele agora está ansioso por ver sua contribuição reconhecida corretamente em futuras gravações dessa canção.

Houve também um momento despreocupado quando Amy se queixou de que suas músicas eram usadas em cenas da novela de televisão *Emmerdale*, no Woolpack Pub. “Amy é muito consciente de sua imagem. Quando ela licenciou suas canções para uso comercial, é provável que quisesse uma campanha de publicidade lucrativa — não uma novela cheia de fazendeiros de Yorkshire”, disse uma fonte.

Em outubro, Amy fez jus ainda a outro prêmio. Desta vez foi indicada para a categoria Melhor Disco no Q Awards. Entre os ganhadores prévios do Q estão U2, Rolling Stones, Oasis, Coldplay, Radiohead, The Who e Arctic Monkeys. Ao longo dos anos, houve muitos momentos excitantes nas cerimônias do Q Awards: a criadora de caso Shane MacGowan, do Pogues, botou fogo no cabelo de Bono; o cantor Liam Gallagher, do Oasis, atacou os fotógrafos com uma haste de metal, e atacou Chris Martin, do Coldplay, e Robbie Williams; Elton John atacou Madonna.

Ela enfrentava rivais formidáveis: os ganhadores do ano anterior nessa categoria, *Favourite Worst Nightmare* dos Arctic Monkeys; *Yours Truly, Angry Mob*, dos Kaiser Chiefs; *Neon Bible*, dos Arcade Fire; *Send Away the Tigers*, dos Manic Street Preachers.

Amy não compareceu ao almoço da cerimônia no Grosvenor House Hotel por motivo de saúde. Naturalmente isso gerou gestos desproporcionais de desaprovação. O website da revista *Now* berrou: Amy Winehouse dá uma banana para o Q Awards. Mark Ronson recebeu o prêmio por ela e disse: “Essa é a Amy — transformando sua dor e confusão em música que nós curtimos”.

O astro de televisão Jonathan Ross aproveitou a oportunidade para fazer algumas piadas com a ausência de Amy. Ele caçoou: “Eu apostei três contra um que Amy morreria antes de Pavarotti. Estou realmente chateado com Amy por ter perdido”. Mais tarde, ele também brincou com a futura reunião do Led Zeppelin, em dezembro de 2007, no O2, dizendo: “Há um milhão de toques no website para comprar entradas para o show deles. Provavelmente foram todos os doentes de Parkinson clicando o mouse mais do que deveriam”. Legal!

Entre outros ganhadores da noite estavam Kate Nash, que recebeu o Breakthrough Artist; o Q Lifetime Achievement foi para Johnny Marr do The Smiths; e o Q Idol foi Kylie Minogue. Houve muito pouca controvérsia na noite. O máximo que os jornais conseguiram explorar na manhã seguinte foi que o nome dos Arctic Monkeys estava escrito errado no prêmio deles.

O prêmio que Amy recebeu se tornou assunto de algum mistério depois da cerimônia, quando sumiu. Mark Ronson parece tê-lo perdido, e então houve diversas histórias sobre quem o vira pela última vez, havendo rumores de que os comediantes Alan Carr e Ricky Gervais tinham sido as últimas pessoas a pôr os olhos nele.

O prêmio acabou aparecendo num lugar muito estranho. Andrew Morris, dono do Bar Soho, na Old Compton Street, no West End de Londres, o encontrou no banheiro de seu bar nas primeiras horas da manhã seguinte à cerimônia. “Logo que o vi achei que não era verdadeiro”, revelou. “Mas olhei os jornais e vi que os Q Awards tinham sido dados na noite anterior, e que Amy Winehouse não recebera o dela.” Aí ele se lembrou de ter visto Ronson em seu bar, e tudo se encaixou. “Tenho certeza de que, no estado em que Amy está nesses dias,

ela não se incomodaria muito”, disse ele sobre seu achado. “Mas tenho certeza de que os organizadores do Q Awards não ficariam contentes de ele ter sido deixado num bar. Se Amy ganhou um prêmio, ela realmente deveria estar lá para recebê-lo.” A matéria foi publicada no jornal *Metro* sob a manchete The Q for the loo (O Q para a privada).

Nessa mesma época, duas personagens da indústria musical aproveitaram a oportunidade de criticar Amy por causa de sua ficha pessoal. Os dois casos exalavam hipocrisia. Francis Rossi era um dos co-fundadores da banda de rock Status Quo. Ele cantava os vocais de fundo e tocava a guitarra solo na banda. Agora, chegando aos sessenta anos, gosta de se considerar um respeitado astro do rock. Rossi falou:

Amy deve ser ótima, mas não consigo gostar dela. Gosto de alguns dos discos, mas não tenho certeza se as pessoas ainda vão gostar dela daqui a três anos. Não a estou criticando só por criticar. Mas fui submetido a tanta Amy e suas confusões que só penso: “Vá se foder”.

Quando se concede a ela o título de Mulher do Ano, que mensagem é enviada aos jovens? Deve haver responsabilidade em algum lugar, por certo. Todo mundo sabia o que estava acontecendo com ela. Ela não é um bom exemplo. Eles deveriam ter dito a ela: “Você não vai ganhar. Você teria ganho, mas agora chega”.

Ela pode saber cantar, mas o que passa para as crianças na rua é o fato de que está doidona, caindo, sem conseguir tirar a mão de dentro da calça. Ela deveria tomar juízo.

Depois ele se voltou contra Pete Doherty, dizendo: “Ele, por outro lado, não é nem divertido. Pelo menos Amy tem um talento sério. Pete não tem nada. Não tem talento, caso contrário, ele faria alguma coisa. Ele não conta. Parece bastante inteligente, mas os discos são sombrios”.

O seguinte a atacar Amy foi Ian Brown. Inicialmente surgiu como o cantor principal da banda Stone Roses, de Manchester, Inglaterra. Hoje Brown é artista solo. Sobre Amy, ele disse: “Acho que ela é uma absoluta babaca. A moça fez todas aquelas tatuagens nos últimos anos — e um dia ela dirá, ‘Oh, não!’ Idiotas. Qualquer pessoa que beba até aquele estado é uma idiota. Tem medo de viver”.

Talvez o engodo real, no entanto, seja a hipocrisia de Rossi e Brown. Rossi durante muito tempo se vangloriou das próprias experiências alimentadas a drogas durante o apogeu da banda. Indagado se gostava de cocaína, ele se gabou: “Claro. Em meados dos anos 1970 eu tinha um hábito assombroso de consumir cocaína. Eu saía para a noite, voltava, ia para a cama em alguma hora absurda e minha cabeça parecia um martelo a vapor”. Além disso ele admitiu que perdera parte do septo nasal, vendo-o desaparecer pelo ralo durante um banho de chuveiro. Brown também não fazia segredo de seu extenso uso de drogas, embora sua droga preferida fosse a maconha.

Portanto, qualquer um desses dois criticar Amy por suas farras era um caso claro de roto falando do esfarrapado. Talvez haja também um elemento de inveja nas palavras deles: uma artista e um ser humano no auge acendia o monstro de olhos verdes em artistas cujos melhores dias já tinham passado há muito tempo. Palavras mais sensatas, medidas e admiráveis vieram de outro roqueiro veterano, Mick Jagger, dos Rolling Stones. Jagger envolveu-se com drogas durante o auge de sua própria banda, mas não havia hipocrisia em sua declaração a respeito de Amy.

Jagger disse:

Amy é uma artista brilhante que faz uma música fantástica. Ela tem classe. Mas fico preocupado que ela morra se continuar pelo caminho que adotou. Se ao menos ela conseguisse resolver suas dificuldades. É difícil, já que, sua cabeça é que tem de dar a virada. Se minha cabeça não tivesse me dito que eu não devia tomar demais, eu poderia ter acabado como Amy há anos. Mas eu sempre tive aquela voz na minha cabeça que me mantinha alerta e me disse para parar completamente no final. Percebi que não queria morrer jovem.

Simon Le Bon, cantor do Duran Duran, disse palavras semelhantes: “Eu gostaria de fazê-la se sentar, pôr algumas roupas quentes nela, tirá-la daquela merda ensangüentada, dar-lhe um banho, fazê-la comer. Mesmo que ela não morra de overdose, vai morrer de desnutrição. É isso o que me preocupa. O que aconteceu com aqueles seios fabulosos?”.

Na noite seguinte ao Q Awards — que Amy perdeu por causa de problemas de saúde —, ela parecia ter se recuperado quando surgiu na loja Harvey Nichols para o lançamento de uma nova coleção de Mary-Kate e Ashley Olsen, chamada The Row. “As gêmeas estavam realmente ansiosas por conhecer Amy”, disse uma fonte. “Passaram a noite batendo papo.” Amy depois embarcou em uma orgia de compras de três horas na luxuosa loja de roupas. Comprou roupas e artigos de toalete para ela e para Blake.

“A loja ficou aberta até uma e meia da madrugada só para ela”, disse um empregado. “Ela estava se divertindo muito. Blake ficava correndo em torno dela.”

Entretanto, de acordo com outra testemunha ocular, Blake ficou entediado com as compras e se enfiou num táxi com Lily Cole e outra moça misteriosa. O comentário mordaz de outro espectador foi que, durante o jantar com as gêmeas Olsen, os dedos de Amy pareciam sujos e manchados.

Entre os temores crescentes de que ela estivesse saindo dos trilhos, Amy fez exatamente isso — mas não do jeito que muita gente esperava. Estava a caminho de Paris para comparecer a alguns shows de moda e, depois de passar pela barreira de segurança no Waterloo Eurostar, aparentemente mudou de idéia e resolveu não viajar. Ilegalmente pulou por cima da barreira da

estação e voltou correndo ao saguão principal da estação de Waterloo. Amy chegara à estação chorosa, e julga-se que a mudança de idéia ocorreu porque não queria ficar separada de Blake.

Um passageiro observou:

Amy estava chorando e gesticulando feito louca, e gritava enquanto o homem que estava com ela tentava acalmá-la e fazer com que atravessasse o portão. Ela mencionou o nome de Blake mais de uma vez.

Eles acabaram passando pela segurança, mas aí Amy voltou correndo. Ela passou pelo portão de segurança, depois correu pela escada rolante, gritando e berrando, e foi para o saguão da estação de Waterloo. Foi uma cena e tanto — essa moça minúscula, com uma colméia maciça na cabeça, pulando por cima da barreira. Ficou muito claro que ela não estava a fim de entrar naquele trem para Paris.

Enquanto Amy fugia, um policial corria atrás dela. Um porta-voz da London Transport Police confirmou: “Falamos com uma mulher de 24 anos na entrada do Eurostar ontem. Ela não foi detida nem qualquer outra medida foi tomada”. No final, Amy foi convencida a viajar, apesar de tudo, e entrou no trem para Paris.

Ao voltar para a Inglaterra, Amy chegou outra vez às manchetes quando ela e Blake se encontraram com Pete Doherty, recém-saído da desintoxicação, em seu apartamento em Wiltshire. Ao gravar uma entrevista para a estação de rádio Xfm, Doherty disse: “Pelo jeito, tenho problemas de auto-estima”. Mais uma vez correram rumores de que Amy e Doherty planejavam trabalhar juntos, incentivando ainda mais o interesse da imprensa com a idéia de dois artistas hedonistas como eles juntarem suas forças. “Ela toca melhor que James Brown na guitarra acústica. Ela se acha uma merda, mas não é”, diz Mick Whitnall, guitarrista do Babyshambles, em relação à perícia de Amy na guitarra. “Nunca vi uma garota que tocasse assim, muito menos um homem”, acrescentou ele.

Doherty falou que uma faixa intitulada “1939 Returning” era uma das novas canções em que ele estava trabalhando. “Vou tentar conseguir que a senhorita Winehouse me ajude com ela, espero”. Logo, havia rumores de que ela e Pete fariam um dueto em uma cerimônia de prêmios da mtv. Uma fonte declarou:

A mtv vem tentando convencer Amy há anos. Quando ouviu dizer que Pete a estava convencendo, achou que poderia ser engraçado. Amy e Pete estão se juntando para ver se podem elaborar um dueto dentro do prazo. Os organizadores querem acrescentar um pouco de perigo às boy bands estridentes que se apresentam nos shows das premiações. Eles certamente fizeram isso. Só espero que saibam no que estão embarcando. Há anos eles acalentam o plano de tocar juntos. Esse seria um local bastante interessante para fazê-lo.

Perguntaram a Pete Doherty que conselho ele poderia oferecer a Amy em seus piores

momentos. “Eu não lhe daria conselho algum”, reagiu. “Ela está bem. É tudo bobagem. As pessoas deveriam deixá-la em paz. Fui tomar um drinque com ela mais cedo, hoje, e ela está ótima. Perfeitamente saudável e feliz. As pessoas dizem que ela perdeu o controle, mas não é verdade. É uma moça sensível e sabe o que faz. Não está fazendo nada de errado.”

No entanto, as palavras tranquilizadoras de Doherty nada representaram contra a avalanche de preocupações que caía sobre a cabeça de Amy — particularmente quando reportagens apresentaram novas versões sobre como ela estava de novo prejudicando a si mesma. Um fotógrafo de tablóide fotografou-a enquanto fazia compras em Covent Garden e notou algumas linhas vermelhas nas mãos. Era difícil dizer se eram apenas marcas de batom ou cicatrizes. Outro fotógrafo, mais ou menos na mesma hora, retratou-a resgatando um cigarro que acidentalmente tinha deixado cair na sarjeta. Guimbas não, Amy ... É sujo!, gritou o *Daily Mirror*, sem se dar conta de que para muita gente a imprensa sensacionalista nunca sai da sarjeta.

Indagado a respeito dessas últimas reportagens, Mitchell revelou: “Escrevi, eu mesmo, uma elegia para Amy no mês passado. Quando ela passou mal e foi levada para o hospital, eu realmente achei que podia ser o fim. Os médicos nos disseram que até um pequeno vestígio de outra droga poderia matá-la”.

A essa altura, o fascínio dos tablóides por Amy era imenso. Até o fato de ela comprar um sanduíche no McDonald’s enquanto estava em turnê pela Alemanha era digno de uma matéria nos jornais. No início do mês, uma visita de Amy e Blake ao McDonald’s em Londres também chegara aos jornais. Naquela ocasião, ela andara viajando para tomadas de fotos em Hoxton, e estava carregada de caixas de sapatos Betsey Johnson. Aí foi vista comendo em um restaurante do Soho. “Amy chegou realmente de muito bom humor e pediu uma porção extra-grande de galinha ensopada, que ela traçou em poucos minutos”, disse um comensal. “Ela parecia realmente saudável e ficou claro que ganhou peso outra vez.”

Também foi vista malhando numa esteira pouco antes de seu concerto em Berlim. Seus ímpetos saudáveis também envolviam o aprendizado individual com o guru de ioga David Sye, que tem sede na cidade natal dela, Camden, e anteriormente treinara gente como a designer de modas e atriz Sadie Frost.

“Amy vem tendo sessões individuais regulares com David há cinco semanas”, disse uma fonte.

Foi um grande passo para Amy e poderá ter um papel enorme para ela acabar vencendo seus demônios. Ela aparece no estúdio para sessões, mas também lhe telefona sempre a fim de receber conselhos espirituais. A saúde dela melhorou durante as últimas semanas, e ela tem estado muito mais radiante e saudável. Começou a se preocupar com a saúde. Tem sorte de ter encontrado alguma coisa que funcione para ela bem perto de casa.

Sua turnê pela Europa esbarrou com um problema quando Amy chegou à Noruega. Ela e Blake estavam relaxando com um amigo no hotel da sas, em Bergen, no sul da Noruega, quando a polícia bateu à porta. A polícia alega que encontrou diversas gramas de *Cannabis* no quarto e prendeu os três. De acordo com uma pessoa que estava presente: “Quando os policiais entraram no corredor do hotel, logo notaram um forte cheiro de maconha. Bateram à porta de um quarto e foram recebidos por uma *pop star* muito cambaleante”.

Outra testemunha ocular descreveu a cena como “algo saído do filme de ação *Máquina mortífera*, já que a maior parte da força policial da cidade apareceu — com uma ambulância”. A fonte acrescentou que Amy “tinha problemas para se manter de pé quando abriu a porta e viu o policial fardado. Para piorar as coisas, [ela] estava tão intoxicada que teve grande dificuldade em se comunicar com os policiais”. De fato, acredita-se que a polícia teve de esperar até as onze da noite antes de entrevistá-la, tal era o estado em que se encontrava.

Eles foram mantidos sob custódia policial de um dia para o outro e depois multados e soltos. Amy e Blake tiveram de pagar 350 libras pelos dois, enquanto o outro homem preso foi multado em 240 libras. O promotor Lars Morten Lothe explicou como foi que a polícia acabou batendo à porta de Amy e o que aconteceu em seguida: “Tivemos uma dica de uma boa fonte, o que levou a polícia a checá-la. Ela passou poucas horas sob custódia, da noite de quinta-feira até a manhã de sexta-feira; recebeu uma multa e foi solta. Eles assinaram uma autuação, uma multa, na delegacia há algumas horas. É um caso encerrado”.

Quando Amy saiu da custódia policial, consta que estava em estado de confusão e pediu um táxi para levá-la de volta ao hotel. Em vez disso, deram-lhe orientação para que caminhasse a curta distância até o hotel.

Mitchell voara para Bergen a fim de oferecer apoio, mas o trio já fora solto quando ele chegou. Apesar das valentes tentativas do promotor para evitar que as coisas fossem desproporcionalmente ampliadas, a imprensa naturalmente se saiu com a matéria: Amy Winehouse cai na erva, berrou o *E! Online*. Amy Winehouse presa por drogas, gritou o *Daily Star* numa matéria que incluía ainda outras previsões: “Ela está caminhando rumo a uma sepultura prematura”. Até a mídia comercial do hotel entrou na dança, e um jornalista do *Hotel Chatter* online disse: “O que é chocante é que era só maconha. Será que Amy não gosta de drogas mais fortes, do tipo Classe A? Ficamos sabendo, além disso, que Amy não se importa de se instalar em hotéis econômicos, como o Radisson, mas talvez no futuro devesse se hospedar em hotéis mais amigáveis em relação a drogas”.

Imediatamente houve receio de que a prisão pudesse levar Amy a cancelar a apresentação na noite seguinte no festival de rock Bergen Live. Entretanto, como já vimos muitas vezes, ela

realmente adora se apresentar ao vivo e encara isso como a melhor parte de sua profissão. Frank Nes, o promotor-chefe do Bergen Live, disse que ela se apressou em tranquilizá-lo, que a apresentação dela estava de pé. “Falamos com o empresário dela hoje de manhã e não há nada que indique que ela não vá cantar esta noite. Não é nada dramático, mas não é uma situação agradável para qualquer pessoa envolvida.”

Veio à tona também que Amy fora usada pela polícia como exemplo, para um policial iniciante, de como as pessoas se comportam quando estão sob a influência de drogas. “Na Noruega eles são muito severos em relação ao uso de drogas”, esclareceu uma fonte da polícia.

Com seu histórico, eles acharam que havia mais do que apenas alguns baseados. Ao abrir a porta do quarto, ficou óbvio que Amy estava chapada. Ela resmungava e ninguém conseguia entendê-la. Amy e Blake foram postos em celas separadas, mas ela não pôde ser entrevistada de imediato porque estava totalmente incoerente. Ela cooperou e chegou a deixar um policial em treinamento examinar seus olhos para reconhecer como ficava uma pessoa drogada.

Voltou ao hotel e rapidamente se recuperou da provação — pediu uma champanhe no spa do hotel. Mitchell refletiu:

Eu tento falar com ela um dia sim outro não, sabe, estou em contato com ela todos os dias durante a turnê. Fui para a Noruega na semana passada porque havia um problema lá. Mais uma vez, estava em todos os jornais que eles tinham encontrado maconha. Não era dela: pertencia a outra pessoa do grupo. Prenderam Blake, Amy e a pessoa responsável. E só os soltaram depois que eles assinaram um formulário, que disseram ser um alvará de soltura — estava escrito em norueguês. Na verdade, era uma confissão, de modo que, isso está sendo tratado entre as autoridades norueguesas e o consulado britânico, porque as ramificações disso são que agora ela não pode entrar nos Estados Unidos, e era para ela ir na próxima semana.

Amy estava longe de ser a primeira *pop star* a ficar do lado errado da lei escandinava nos últimos tempos. O rapper Snoop Dogg foi preso em março por suspeita de uso de drogas, e Pete Doherty foi preso e multado na Suécia no ano anterior. No caso de Doherty, ele foi multado em mil libras quando a polícia encontrou traços de cocaína em seu sangue, depois de uma apresentação de sua banda de rock no festival de música de Hultsfred.

O sonho americano

Este é o sonho de todo artista musical britânico: vencer nos Estados Unidos. A terra de Hollywood, do glamour, dos arranha-céus e da enorme riqueza é uma perspectiva irresistível. Não importa que a maior parte dos artistas britânicos tenha fracassado nesse projeto de vencer nos Estados Unidos, o sonho permanece tão forte como nunca. Amy tinha a vantagem de sua campanha nos Estados Unidos ter chamado a atenção da mídia norte-americana. Em maio de 2007, o *Wall Street Journal* publicou uma grande matéria para coincidir com a chegada dela naquelas paragens. A matéria resumia de forma brilhante os desafios que ela enfrentara e punha em contexto sua chegada na terra da liberdade.

Entretanto, o artigo de Christopher John Farley não deixava de fazer suas reservas a respeito de Amy: “Embora se possa discutir que, dadas as suas influências, a ascensão de Ms. Amy Winehouse não chega a ser prova do surgimento de um novo império musical britânico, ela é mais uma prova da influência generalizada da música e da cultura norte-americanas pelo mundo todo”.

O crítico chamava a atenção para o fato de que, quando a entrevistara, tudo que ela citou era norte-americano: Frank Sinatra, Thelonious Monk, Charlie Parker e Michael Jackson. Ele argumentava que, com a chegada de Amy e as colegas britânicas Lily Allen e Joss Stone, os Estados Unidos não assistiam a uma invasão britânica, mas presenciavam um eco britânico no qual os britânicos traziam a própria interpretação da música norte-americana para um platéia norte-americana. Ele elogiava a “personalidade rude e sincera” de Amy antes de concluir: “Os britânicos não estão chegando. Eles já estão aqui — e pode ser que fiquem durante algum tempo”. Observações suficientes para que Amy se sentisse bem em relação aos Estados Unidos, embora ele insistisse em reivindicar a música de Amy como norte-americana, para só então aprová-la.

Farley não estava sozinho na identificação de uma tendência mais ampla em ação. Ao escrever no *Chicago Sun-Times*, Mary Houlihan também colocou Amy dentro de um grupo: “Uma onda de cantoras-compositoras das ilhas britânicas está causando impressão nos fãs de casa e do exterior. O que elas têm em comum é uma atitude petulante baseada em um gosto irreverente por atualizar e misturar gêneros musicais populares”.

Antes da apresentação de Amy no espaço Schubas, em Chicago, Mary Houlihan a destacou para um elogio particular: “Essa artista turbulenta e impetuosa é a última a chegar às nossas praias. Ela em casa é um acessório dos tablóides, e definitivamente significa uma presença mais corajosa que suas compatriotas”.

O *Fort Wayne Journal Gazette* logo retirou Amy do pacote britânico: “Ao contrário de sua inovadora companheira Lily Allen, que introduz letras contundentes em cadenciadas e sorridentes melodias caribenhas, Amy Winehouse usa o espírito do soul de época e do R&B (...) agri-doce, genuíno ou simplesmente risonho. Vale a pena passar uma hora com Amy Winehouse”.

Heather Adler, no *Calgary Herald*, escreveu:

Parece impossível que uma voz tão profunda, forte, possa ser emitida por essa garota judia, branca, só pele e osso. Às vezes ela pode parecer entediada ao cantar, mas seu talento de alguma forma consegue ultrapassar todos os tropeços. É um sustentáculo para Lily Allen e Peter Bjorn & John, também. Vocês, meninos, são bons, mas não são “lendariamente” bons como Wino.

O jornalista de um diário de San Francisco escreveu: “Enquanto Lily Allen parece uma estrela de *papier mâché*, Amy Winehouse parece de verdade”.

Em pouco tempo, o *Wall Street Journal* estava de volta ao caso:

Ao cantar com uma voz esfumada, Amy Winehouse atualiza uma canção clássica do soul, complementada pelo vibrato de trompas e tímpanos com um toque de hip-hop; o selo dela, a Universal, espera um sucesso estrondoso. O segundo disco de Amy Winehouse tem sido um grande sucesso de vendas no Reino Unido, onde saiu em outubro (seu primeiro disco não foi lançado nos Estados Unidos).

O artigo citava o vice-presidente de marketing internacional da Universal, Hassan Choudhury. Ele teria dito que o sucesso de Amy não era surpresa. “Os Estados Unidos estão mais receptivos à música do Reino Unido do que nunca, e eu atribuo isso aos fantásticos e maravilhosos discos A&R da companhia britânica, que tem uma visão universal quando contrata os artistas”, disse ele.

Mais uma vez, então, Amy era destacada do pacote britânico. Entretanto, o mesmo jornal não chegou a ser elogioso ao criticar *Back to Black*. Observando a dedicatória do disco, “a Ray Charles e Donny Hathaway, sem falar dos empréstimos musicais de Nina Simone”, desdenhou o crítico:

Amy Winehouse adoraria ser vista como uma integrante dessa estimada e comovente companhia, mas ela nem chega perto: no final, ela é besta demais para ser ardente, óbvia demais para ser misteriosa e derivativa demais para ser de grande interesse. Por trás do vagamente afetuoso *single* “Rehab”, uma triste justificativa de por que ela não quer ficar sóbria. Lamento, mas o primeiro passo é admitir que se tem um problema.

Ui!

Todavia, Amy poderia dar um sorriso, pela sua bem pontuada entrada como uma nova artista britânica na história da parada de sucessos dos Estados Unidos quando *Back to Black* chegou em sétimo lugar. *Back to Black* foi acolhido com entusiasmo pelos fãs de música nesse lado do Atlântico, entrando para a parada de sucessos *Billboard* Hot 200 no impressionante número 7 e tornando Amy a mais alta estrela debutante britânica na história da cobiçada parada de sucessos musicais dos Estados Unidos.

Esse sucesso foi seguido por triunfos semelhantes por parte de Joss Stone, Lily Allen, Corinne Bailey Rae e KT Tunstall. Talentos britânicos femininos não conheciam nada semelhante desde Kim Wilde e Kate Bush, vinte anos antes.

Os homens britânicos também estavam em alvoroço nos Estados Unidos, inclusive James Morrison. Ele disse: “Há muitas bandas de guitarras, seja na Inglaterra ou nos Estados Unidos. Tem havido grande onda delas. Antes era só pop hip-hop/R&B, todas meio que influenciadas pela música soul. Então, acho que isso é simplesmente gente que volta às suas origens e revê o que era boa música antes de ela ter tornado boa a música atual”.

Embora já seja uma tradição considerar impossível para os astros britânicos fazer sucesso nos Estados Unidos — um integrante da banda pop Busted alegou que estatisticamente há maior chance de ganhar na loteria que ter sucesso nos Estados Unidos —, às vezes os britânicos têm alguma vantagem do outro lado do Atlântico. Em especial se seu som for nitidamente influenciado pela música norte-americana. Os comentaristas das gravadoras argumentam que os norte-americanos sentem necessidade de ter a sua música “cantada de novo para eles” por artistas estrangeiros. Isso os tranqüiliza quanto ao valor do ambiente musical norte-americano e é sempre uma ocorrência bem-vinda.

Discute-se, por exemplo, se o amor de Eric Clapton pelo som dos blues norte-americanos era tão forte que ultrapassou qualquer devoção norte-americana ao gênero, refrescando, desse modo, o interesse pelo blues nos Estados Unidos. Ainda mais nítido foi o caso de Terence Trent D’Arby, apresentado ao mercado dos Estados Unidos como um incrível novo ator britânico. A verdade é que D’Arby era nova-iorquino de nascimento, mas sua gravadora deliberadamente escolheu comercializá-lo como britânico porque achou que ele teria maior chance.

A natureza politicamente incorreta de Amy era uma lufada de ar fresco nos Estados Unidos, onde os artistas bonzinhos, desinfetados, têm mandado cada vez mais no terreiro. Um jornalista do *San Francisco Chronicle*, Mark Morford, diz: “Deveriam permitir que ela adentrasse o palco do *American Idol* e estapeasse a cabeça dos artistas com seu cabelo enorme,

suas sensuais tatuagens ferinas e esse monte de talento britânico bruto. Como parte da nossa desintoxicação nacional, na verdade”. Ele concluiu: “Acho que isso poderia ser nosso modelo norte-americano perfeito. Acho que, temos esse potencial”.

Amy é impenitente quanto à natureza sincera de suas canções, sem por um minuto lamentar esse aspecto de suas composições. “De jeito algum”, disse ela. “Fico contente de poder ser essa pessoa. A música é a única coisa na minha vida em que eu nunca minto nem escondo alguma coisa. Se eu fizesse uma sessão de terapia com um profissional não seria tão sincera como quando tenho uma página em branco na minha frente. Por algum motivo, quando escrevo essas coisas, sempre acabo dizendo a verdade, muito mais do que na minha vida [cotidiana].”

Os amigos dela afirmam, no entanto, que Amy é honesta e franca nas letras de música tanto quanto no cotidiano. “Ela é uma pessoa ardente, mas nós nunca discutimos”, diz John The White Rapper. “Em parte, porque não sou assim tão bobo e sei que ela me cortaria o saco — se você disser alguma coisa que a emputeça, ela o comerá vivo —, mas também porque nunca houve nenhuma tensão entre nós. Nós nos encontramos e curtimos. É ótimo, de verdade.”

A franqueza dela também era ótima para os Estados Unidos, o que lhe dava uma vantagem. Porém, antes de nos entusiasmos, seria bom enumerar alguns dos artistas que *não* tiveram sucesso nos Estados Unidos. No topo da lista deve ficar Robbie Williams, que, nas palavras de um executivo de uma das principais gravadoras norte-americanas, chegou nos Estados Unidos num avião particular, jurou conquistar o país e foi mandado para casa de ônibus. De fato, Robbie Williams tinha de chegar em casa e ainda estava na Costa Oeste dos Estados Unidos, lastimando seu fracasso espetacular. E o Oasis, que parecia implodir como banda no momento em que chegou nos Estados Unidos? Embora desde então eles tenham conseguido uma seqüência respeitável, quando estavam no aterrorizante pico da fama, em meados dos anos 1990, não conseguiram repetir o sucesso nos Estados Unidos em nenhum grau significativo.

Leitores interessados não apenas em um exemplo típico do fracasso de uma banda nos Estados Unidos, mas também em um elemento cômico da televisão, devem se lembrar da série *America or Busted* da MTV, que seguiu a banda pop Busted — completa com o amigo de Amy e antigo colega de turma no Sylvia Young, Matt Willis — quando tentava o sucesso nos Estados Unidos. Nesse estágio da carreira, a banda era o maior acontecimento britânico e tinha então sido eleita como tal. Entretanto, nos Estados Unidos, eles enfrentaram viagens pelo país de arrasar qualquer cristão, comparecendo a pequenas estações de rádio regionais que, em geral, esnobaram a banda. Quando a Busted foi se exhibir no Times Square, em Manhattan, foi solenemente desprezada.

Os cds de Amy estavam longe de serem desprezados nos Estados Unidos, no entanto. Os dois receberam inúmeras críticas na imprensa norte-americana, muitas delas eram entusiásticas. *Frank* tendia a ser o mais criticado porque, como já foi mencionado, os dois cds

foram lançados numa seqüência diferente nos Estados Unidos. O website *Maneater* disse: “*Frank*, apresentando uma Amy Winehouse muito mais refinada, é uma sofisticada iniciativa do tipo martini-e-jantar do que a trilha sonora para uma farra regada a uísque”.

No *Northwest Herald*, Bryan Wawzenek escreveu: “Onde *Back to Black* é R&B nítido, curto e doce, *Frank* é jazz-pop suave e sinuoso”. O *Philadelphia Inquirer* acrescentou: “Sem a cola conceitual das jogadas espertamente retrô de R&B de Mark Ronson, esse disco inicial — mais variado em termos de estilo e menos coeso — mostra Amy Winehouse inclinando-se mais na direção do jazz”.

Disse o *USA Today*: “Amy Winehouse funde suas influências com uma autoridade tão jovial que as canções nunca parecem flagrantemente derivativas nem velhas”. O website msnbc declarou: “Agora, bem na hora de capitalizar o sucesso da conquista do Brits com *Back to Black*, seu álbum de estréia está aparecendo pelo país inteiro pela primeira vez. Enquanto no último disco Amy tagarelava ao ritmo do soul, *Frank* usa instrumentação esparsa para conseguir um efeito de jazz mais sutil”.

O *U-Wire Arizona* tentou colocar o disco em seu contexto histórico e contemporâneo: “*Back to Black* toca como se estivesse fora da época do *doo-wop*, até que uma faixa com Ghostface Killah traz o ouvinte de volta à necessidade atual de retratar os rappers na música”.

O *Allentown Morning Call* concluiu: “Gingando uma mistura de soul, *ska* e maneirismos de grupo feminino, a britânica de 23 anos parece ter vivido cada uma de suas letras”.

Ao escrever no *Minnesota Daily*, Becky Land declarou: “*Frank* não é apenas musicalmente bom, tem algo de uma relíquia antropológica para um estudo de caso da tríade mais próxima à nossa cultura: copulação, substâncias que alteram a mente e música que ofende os pais. Ou seja, sexo, drogas e rock’n’roll”. O *Boston Now* deu quatro estrelas ao disco, acrescentando: “Em termos musicais, o cd é tranqüilo, e a banda propicia um acompanhamento esparsos mas atraente dos gêneros vocais de Amy Winehouse. Não deixa de ter suas falhas. (...) *Frank*, ainda assim, é uma estréia excelente”.

O influente jornal *New York Daily* fez uma aprovação longa e ponderada. Jim Farber escreveu:

É compreensível que a Universal Records quisesse introduzir a cantora neste país, não com este som, mas com o mais instantaneamente acessível *Black*. Agora que já estamos condicionados à *persona* de Amy Winehouse e à sua história, como se estivesse pairando em algum lugar entre o difícil e o tumultuado, temos o clima certo para ouvir uma faceta mais excêntrica de seu estonteante talento.

O *Tennessean* elogiou Amy por pegar “o jazz e o soul e [impregná-los] de um pop ardente,

classudo, que faz a adrenalina subir, como quebrar um copo de cristal de conhaque”. Não que houvesse muito perigo de Amy ficar seduzida demais por esses elogios. Afinal, uma reportagem errou o nome dela, escrevendo Weinhaus.

Quanto às suas apresentações ao vivo nos Estados Unidos, em grande medida elas também foram bem. Sua apresentação de estréia no país foi no Joe’s Pub, no centro de Nova York. Amy sempre fora uma entusiasta da cidade e da série de televisão que se passa lá, *Sex and the City*. “Eu gostava do jeito como Samantha dizia qualquer coisa, revelando-se. Sou assim mesmo”, explica ela. “Mas sou mesmo assim. Não sou um produto da cultura. Sempre fiz as coisas do meu jeito.”

O *Village Voice* elegeu o cada vez mais lendário Joe’s Pub como “Best Excuse to Let a Single Venue Dictate Your Taste” (A melhor desculpa para deixar um único espaço ditar seu gosto). O *Newsweek* chama o clube de “um dos melhores palcos pequenos do país”, e a *New York Magazine* acrescentou: “A gente nunca sabe o que vai encontrar no Joe’s Pub, mas pode contar que será bom, muito bom”. Charlie Gillett, da rádio bbc, classificou-o como “um dos melhores pequenos espaços de música em que já estive”. Alicia Keys, que já se apresentou lá, diz que o artista “recebe todo o suor e o calor das apresentações”.

Houve ondas de calor durante a apresentação de Amy no espaço, no mínimo porque estava inteiramente lotado — um grande começo para sua campanha norte-americana. “Testemunhar Amy Winehouse é imaginar por que arte e autodestruição dançam tantas vezes juntas”, disse um espectador, acrescentando que ela começou nervosa: “Ela bate um papo sem jeito naquele sotaque *cockney*. Cutuca distraidamente seu ninho de ratos, que é sua marca registrada. De um jeito nervoso, puxa a blusa sem alças que perigosamente desliza para baixo”. Ela então pediu um *amaretto sour*, recebeu um riso cordial e um aplauso da multidão por ter feito isso, e depois a apresentação logo engrenou. “Eles ficam tentando me impedir de beber, mas se esquecem que o show é meu”, brincou ela, e depois lançou-se — apropriadamente — em “Rehab”.

O *Village Voice* saudou-a como uma “estonteante encantadora de almas”, e a revista *Spin* referiu-se ao seu “sussurro sedutor e impressionante acrobacia vocal” que “transformaram o local em um clube de jazz de meados do século xx”. O diretor de marketing internacional da Universal UK, Chris Dwyer, disse que, os shows “realmente fizeram a bola rolar. Os dois tiveram lotação esgotada, críticas fantásticas online e na imprensa, e todo mundo falava de Amy Winehouse em Nova York quando ela foi embora”.

A *Dork Magazine* registrou: “Por sorte as canções soaram tão bem, se não melhores que suas contrapartes de estúdio. Sua presença no palco inicialmente revelou que ela estava um pouco nervosa. Os gritos encorajadores da platéia, e talvez aqueles *amarettos sour* que ela bebeu, expulsaram qualquer friozinho que houvesse em sua barriga”. Bill Bragin, diretor do

Joe's Pub, ficou entusiasmado: “Ela tem uma ótima voz; canta músicas maravilhosas; já chega com uma imagem impressionante. Tem todos os elementos de uma estrela”. Na platéia estavam membros da realeza musical do tipo Hendryx, Citizen Cope e Dr. John. Mos Def também compareceu e escreveu seu número de telefone no jeans de Amy, nos bastidores, e mandou ela ligar para ele. Jay-Z também veio aos bastidores e delirou com *Back to Black*. No final, Amy resumiu a noite em uma palavra: “Surreal”.

Logo ela deveria se apresentar na Landsdowne Street, em Boston, com uma capacidade para mais de 2 mil pessoas, um espaço multiuso que sempre abriga os principais djs de talento do mundo e também os artistas mais populares em turnê. Foi um dos primeiros grandes concertos que Amy apresentou nos Estados Unidos. Usando jeans e um top branco, deu um show de cerca de cinquenta minutos. O crítico do *Patriot Ledger's* comentou:

Ela trouxe pouca ou nenhuma presença de palco; parecia estar muito embriagada e mal se mexia, apresentando a maior parte de suas peças sem o entusiasmo necessário, e muitas vezes com fraseado preguiçoso. Das peças do disco, só “Me and Mr Jones” levantou a platéia; outras baladas, peças de R&B e esperados grandes sucessos não tiveram graça, apesar da apresentação enfumaçada.

Entretanto, tientes que estavam presentes fizeram críticas muito mais positivas da apresentação. O *Boston Globe*, também:

Amy Winehouse estava muito à vontade, muito despretentiosa: nada de charmes, nada de ansiedade, nada de insinuações lisonjeiras aos seus heróis. O copo de plástico de onde Amy sorvia golinhos, e depois começou a esvaziar, operou uma certa magia, à medida que a bebedeira parecia ir direto até suas cordas vocais. (...) Os tons de Amy ficaram maiores, mais redondos, suas cadências, mais espantosas.

Mas a platéia às vezes parecia inquieta e não prestou muita atenção a faixas mais lentas, maiores, como “Love is a Losing Game”. (No entanto, essa mesma canção recebia na época elogios nada menos que de Prince, que se declarou um enorme entusiasta de Amy, esperando que ela um dia se unisse a ele no palco. O produtor musical David Gest foi também citado na imprensa elogiando Amy, embora em termos um tanto mais bizarros: “Eu beijaria a verruga no rosto de Amy Winehouse e cada tatuagem em seu corpo, eu enfiaria a língua no intervalo onde lhe falta um dente”, babou ele. “Eu a amo.”)

Logo depois houve um concerto no Roxy Theatre, em Sunset Strip, no West Hollywood. Entre os memoráveis artistas que se apresentaram ali estão Bruce Springsteen, Nirvana, Tori Amos, Foo Fighters, Guns N'Roses, Al Stewart, Jane's Addiction e David Bowie, e até Jay-Z & Linkin Park tocaram nesse espaço de alto prestígio. A apresentação de Amy no Roxy atraiu

uma platéia cheia de celebridades — incluindo gente como Courtney Love, Fabrizio Moretti do Strokes, Bruce Willis e as estrelas Kate Walsh e Sara Ramirez, da série de tv *Grey's Anatomy* —, e ela combinou um vestido sem alça turquesa com sapatos de salto alto com estampa de oncinha.

Ao cantar “You Know I’m No Good”, ela falou de uma época em que tinha traído um amante, e disse a ele: “Eu amo você”, e depois acrescentou: “Mas, tipo assim, eu fico entediada. Eu disse que não presto!”. O gracejo atraiu uma cordial risada da platéia. O *LA Weekly* registrou:

Ao vivo, Amy Winehouse estava visivelmente nervosa, mas muitíssimo encantadora, cantando para uma platéia que sabia todas as letras das músicas. Ela apresentou uma voz espetacular o tempo inteiro, apoiada por uma banda excelente (cara, aquela seção das trompas...), e dois *back vocals* vestidos com elegância que faziam uma enérgica coreografia sincronizada.

A própria dança espasmódica e fora de compasso de Amy, e a imitação irregular de gestos de grupo feminino, de algum modo ressaltou uma aura de sinceridade (uma desgrenhada colméia com uma cauda descuidada; um vestido mal ajustado que deslizava pelo corpo assustadoramente magro; os surrados sapatos de oncinha catados do fundo do armário de algum traveco). Sua apresentação, sem feminilidade, cai bem em uma mulher que não consegue direito descobrir como parar de foder com seus relacionamentos e com sua vida.

O blogger de celebridades Perez Hilton estava na platéia e disse: “Ela leva jeito de lenda, e na noite de segunda-feira um *who’s who* de músicos modernos e de Hollywood foram presenteados com a proeza de uma apresentação da cantora de ‘Rehab’. A gente nunca sabe se Winehouse vai aparecer para um show nem se ela chegará até o final, mas ela segurou sua posição no Roxy”.

E depois, volta a Nova York. Ela foi entrevistada pelo prestigioso *New York Post*, de grande circulação, antes dos dois concertos no Highline Ballroom. A entrevista foi feita no ambiente bastante apropriado da Sammy’s Roumanian Steakhouse, um santuário de turistas do “verdadeiro” *kitsch* judaico asquenaze. Amy pediu o prato tradicional judaico de fígado picado.

“Não sou ambiciosa nem voltada para a carreira. Fiz um disco do qual estou verdadeiramente prosa, e isso mais ou menos basta para mim”, disse ela. “O resto é tudo bobagem. Adoro tocar ao vivo. É mais ou menos só isso. Gostaria de poder dizer alguma coisa mais interessante.”

Com sede na rua 16 Oeste, entre os distritos Meatpacking e Chelsea, o Highline Ballroom foi inaugurado em abril de 2007 e tem apresentado nomes como Mos Def, Jonathan Brooke, Spank Rock, Meshell Ndegeocello, Talib Kweli, moe., Disco Biscuits e — é claro — Amy,

durante seu mês de abertura.

Amy estava nervosa naquela noite, de acordo com os relatos. Diante de uma platéia de ingressos esgotados, incluindo figuras como Talib Kweli, Samantha Ronson e Jane Krakowski, o show, disse o *New York Post*, foi “uma coisa sonolenta, porque a supermagra britânica não só tem pouca presença de palco, como seu limitado estilo soul é feito um rolo compressor, fazendo do repertório dela uma mesmice chata. Uma canção se combinava à seguinte, e sua apresentação, que perdia as forças, ficava em contraste direto com a música que estava cantando”. Apelidou-a também de “Cantora conformista”, e o melhor que conseguiu dizer foi: “O show foi curto demais para ser de fato horrível”, acrescentando que em “F** Me Pumps” e “Rehab” ela parecia em forma.

O *New York Times* também fez algumas críticas em relação a Amy, mas acrescentou muitos elogios à composição. “As notas gemidas, deslizantes, adquiriam uma dor ou uma resplandecência, e as pausas se tornavam astuciosas e faceiras, ou dolorosas. A espontaneidade dela passou a ser desafiadora e ao mesmo tempo brincalhona.” O artigo concluía com uma nota positiva, dizendo que, apesar do desempenho um tanto decepcionante, “sua consciência de si mesma e a franqueza que aprendeu com o hip-hop poderiam ajudar a levar o soul para o território do século XXI”.

Sua fama crescente nos Estados Unidos estava levando o soul para territórios bem estranhos. Na festa de aniversário da designer Patricia Field no Cielo de Manhattan, dizem que JoJo America do The Ones apresentou “Rehab” em versão *drag*. Depois contou-se que Amy discutiu com a socialite e atriz norte-americana Lindsay Lohan.

“Quero afagar aquela garota. Gostaria de abraçá-la”, disse Amy enquanto declarava, em voz alta, sua preocupação com a moça de Hollywood para uma revista norte-americana. Ela acrescentou a piada final: “Vi imagens dela saindo do médico, e ela está chorando. Ela segura papéis, como: ‘Ó, é um bilhete do meu fígado dizendo: Cara Lindsey, fui para Vegas’”.

Logo a mídia norte-americana estaria zunindo. O jornal de Indiana, *Star Press*, recomendou a seus leitores: “Amy Winehouse irá seduzi-lo com sua voz e acabar com você com suas palavras ferinas. Não lutem contra elas”. Melissa Westphal, do *Rockford Register Star*, acrescentou:

Vou precisar de um programa de doze passos se a minha obsessão pelo novo CD de Amy Winehouse continuar. Sério, gente. Estou falando de um formato “não perca uma faixa”. Amy Winehouse enfrenta amor, rupturas e vários ex com humor e uma voz profunda, comovente, que é parte cantora de blues, parte cantora principal de um grupo feminino dos anos 1960. Digamos apenas que é mais excepcional que qualquer outra coisa que vocês tenham escutado ultimamente.

O principal crítico de música do Reino Unido, Garry Mulholland, disse ao autor que Amy — para todos os efeitos — já conquistou o sucesso nos Estados Unidos.

Pelo que posso ver, ela ganhou os Estados Unidos — talvez não cada pedacinho do Meio-Oeste, mas as grandes cidades. Ela ganhou — e os grandes shows de tv também. Há uma antiga tradição de artistas britânicos vendendo música norte-americana para norte-americanos. Foi isso exatamente o que ela fez, claro, de modo que eles a adoram.

É cíclico. Nova York, Los Angeles e as cidades universitárias ficam obcecadas com o britanismo — daí a “invasão britânica”. Então as pessoas seguem em frente, se cansam e passam para alguma outra coisa. Nesse momento temos um bom período nos Estados Unidos, seja com coisas meio-termo, como James Blunt, seja com coisas inovadoras, como Lily Allen e Lady Sovereign. O que ela tem, e que muitos desses astros não têm — mas que Radiohead tem, daí o sucesso deles nos Estados Unidos —, é uma qualidade absolutamente indiscutível.

Entretanto, Mulholland não chega a dizer que Amy pode dominar inteiramente nos Estados Unidos. Argumenta que o nível de ralação e puxa-saquismo exigido para se tornar uma mega-artista nos Estados Unidos não é algo para o qual Amy seja adequada. Ao contrário, argumenta ele:

Ganhar os Estados Unidos, o enorme país inteiro, envolve um bocado de perambulação por toda parte, bajulando qualquer um que apareça na sua frente. É isso o que impede um montão de artistas britânicos de ganhar os Estados Unidos, porque eles não estão preparados para passar meses de seu tempo sem tocar ou escrever, apenas vagando pelo país, lambendo o saco de executivos de rádio sem grande importância. Mas é isso que se espera que as pessoas façam para se tornarem gigantes nos Estados Unidos. Amy não foi projetada para fazer isso de jeito nenhum, não consigo pensar em uma artista menos talhada para tal. Ela provavelmente não venderá tantos discos quanto Garth Brookes, mas e quem precisa disso?

A própria Amy concordaria com a avaliação de Mulholland. “Os Estados Unidos são um lugar enorme. Há um monte de gente ali que não é digna de insultos. Isso parece até pior que dizer um insulto direto. (...) Mas há música ruim em toda parte. Não falo disso. Tenho paixão por música, mas em geral consigo ser diplomata, e é isso que farei enquanto estiver aqui — espero.”

Entretanto, o momento mais maravilhoso de Amy ainda estava por vir. Os prêmios de maior prestígio nos Estados Unidos — e indiscutivelmente de maior prestígio no mundo — são os Grammys. Os Grammys surgiram em 1957, quando os principais executivos das gravadoras de Los Angeles resolveram criar uma associação em que os profissionais da música pudessem ser recompensados por sua criatividade artística. A cerimônia dos Grammys é a ocasião em que todo mundo da indústria musical se reúne para comemorar as melhores realizações musicais do ano.

Ao longo dos anos, tem havido inúmeros momentos memoráveis nos Grammys. Em 1971, as categorias Música do Ano, Gravação do Ano e Álbum do Ano foram ganhas por Simon e Garfunkel, com *Bridge Over Troubled Water*. No ano seguinte, pela primeira vez o Grammy foi televisionado, sendo também o primeiro a ser organizado em Nova York. Desde então, a apresentação da cerimônia passou a ser um dos principais eventos do calendário da televisão. Outros anos que podem ter chamado a atenção de Amy incluem 1996, quando o herói dela, Frank Sinatra, ganhou o Melhor Cantor Pop Tradicional com *Duets II*; e 2004, quando Beyoncé Knowles ganhou cinco Grammys. Outros ganhadores nos últimos anos incluem Red Hot Chili Peppers, U2 e Mary J. Blige. A cerimônia é apresentada no Staples Center, em Los Angeles, com uma renda de 375 milhões de dólares.

Dado esse reluzente cenário e o prestígio do prêmio, Amy ficou encantada em saber que em 2007 fora indicada não apenas para um, mas para seis categorias no 50º prêmio anual, que aconteceria em fevereiro de 2008. Ela foi indicada para as categorias Gravação do Ano, Álbum do Ano, Música do Ano, Artista Revelação, Melhor Cantora Pop e Melhor Álbum Vocal Pop Feminino. Amy foi a única artista a aparecer nas quatro categorias de maior prestígio, mas não foi a pessoa que mais indicações recebeu. Essa distinção foi para o astro rap Kanye West, que liderou com oito indicações, incluindo a terceira para Álbum do Ano com o último dos cds da sua trilogia de temas universitários, *Graduation*. Os rivais dela para Gravação do Ano foram “Irreplaceable”, de Beyoncé, “The Pretender”, dos Foo Fighters, “Umbrella” de Rihanna, e “What Goes Around Comes Around”, de Justin Timberlake.

O apresentador George Lopez fez algumas piadas às custas dela na cerimônia de indicação em Los Angeles, em dezembro. “Será que alguém pode acordá-la esta tarde por volta das seis [horas] e contar-lhe?”, disse Lopez. “Em geral, quando estou alto e bêbado, não me sinto muito bem, mas Amy chegou ao ponto em que ficar ligada significa ser muito criativa. Ela faz Lindsay Lohan parecer calma.”

Naturalmente, as notícias do sexteto de indicações de Amy produziu enormes manchetes nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. West é o melhor, com Amy logo atrás, gritou o *New York Post*. O *New York Times* ponderou que seus “alardeados problemas iriam levantar dúvidas a respeito de como os eleitores dos Grammys iriam vê-la”. O *Los Angeles Times* saiu com Amy Winehouse é digna de zunzum para os Grammys. O *Canadá National Post* publicou Winehouse versus Feist: um confronto nos Grammys. Na Inglaterra, o *The Times* foi mais sóbrio: Amy Winehouse tem motivos para comemorar com seis indicações ao Grammy. O mais memorável de todos, no entanto, foi o *Village Voice*, que publicou sua reação no cabeçalho Indicações para o Grammy este ano: doideira pura. De um modo menos direto, algumas pessoas em casa também se queixaram das indicações de Amy. Amanda Platell escreveu no *Daily Mail* que, apesar dos problemas de Amy,

Nossa amoral indústria da música a trata como uma celebridade. Que tipo de mensagem isso envia para a cantora, e, o que é mais pertinente, para seus muitos jovens e impressionáveis fãs? Para a indústria da música, canonizar de modo tão público uma viciada autodestrutiva é endossar e encorajar seu comportamento niilista.

Grammys podem estar vivendo perigosamente este ano, exclamou o *San Diego Union Tribune*. “Os espectadores podem esperar fogos de artifício em potencial no Oeste e um possível ataque de fúria por parte de Amy Winehouse, cujos problemas bastante públicos com drogas e álcool lhe fizeram a rainha dos tablóides na Europa e em outros lugares.” Também discutiu-se que outro dos indicados, Chad Pimp C. Butler, tinha morrido pouco depois de receber sua indicação. Havia bastante matéria com que a imprensa de tablóides se divertir.

O pessoal da indústria musical norte-americana, estava alegre. “Amy Winehouse é incrível. Acho que ela deveria ter recebido um reconhecimento um pouco mais positivo”, disse o cantor-compositor Ne-Yo. O produtor e ganhador do Grammy, John Shanks, chamou o disco de Amy, *Back to Black*, que incluía o revelador “Rehab”, de “um disco importante”. E acrescentou: “Não acho que os problemas dela irão prejudicá-la. Acho que o som daquele disco causou muito impacto”.

A primeira palavra da própria Amy em resposta veio por intermédio de Mark Ronson. “Eu liguei para ela hoje, porque o disco foi uma coisa que fizemos juntos. (...) Temos esperanças de que ela entre nos Estados Unidos para comemorarmos. Amy não fica animada à toa”, explicou ele. “Ela nem uma vez ficou entusiasmada no estúdio. E hoje ela está tipo: ‘É, Ronnie Chops, recebemos indicações para o Grammy.’ Ela é assim. Mas está feliz e otimista.”

Em seguida, a declaração oficial da própria Amy: “Obrigada por todas as cartas e e-mails amáveis de vocês, fico grata por todo esse apoio. Estou honrada por ter minha música reconhecida com essas indicações — isso é uma verdadeira validação da parte de gente que eu respeito e admiro”.

Acima de tudo, Amy e as pessoas próximas a ela esperavam que essas indicações lembrassem que, apesar de toda a controvérsia e discussão que cercava seu estilo de vida, ela era uma artista musical; além disso, uma artista musical muito talentosa. “Depois de um ano tempestuoso, de incríveis altos e incríveis baixos, algumas pessoas esquecem que ela não é apenas uma rainha dos tablóides”, disse o agitado presidente da Island Records Group UK, Nick Gatfield.

Ela é na verdade uma artista imensamente talentosa. Estamos todos muito felizes com as indicações do Grammy, claro. E esperamos que as coisas melhorem daqui por diante. Ela tem de se manter ocupada.

É um reflexo do status dela [nos Estados Unidos]; quando você zapeia pela cobertura da tv [das indicações], é a imagem dela que eles usam acima de tudo. Ela causou um impacto ainda maior que o determinado pela venda de seus discos.

Não que Amy devesse ou fosse ficar muito entusiasmada. “Receber tantas aprovações não significa que sua carreira vá decolar”, avisou o co-fundador e ceo do Giant Step, Maurice Bernstein, cuja companhia de marketing de música e estilo de vida cuidou das principais campanhas de divulgação de *Back to Black*. “Mas esse foi de barbada o melhor disco de 2007. No que se refere a discos, nada saiu que chegue perto dele do início ao fim; a qualidade do som, a alma.”

Aí veio a inevitável discussão a respeito de se Amy chegaria à cerimônia da entrega do prêmio. O *Charlotte Observer* deu início ao debate perguntando: “Agora que as indicações para o Grammy foram anunciadas, a grande questão é se a cantora britânica Amy Winehouse virá de fato à cerimônia de entrega. Parece pouco provável, a não ser que ela busque ajuda logo.” O escritor pediu diretamente a Amy: “Não banque a Britney do vma e comporte-se no Grammy. Seu talento está acima disso”.

A equipe por trás do Grammy estava, é claro, muito a fim de ver Amy na cerimônia. “Eu detestaria que detalhes impedissem que a criatividade pinte no palco”, declarou Neil Portnow, presidente do National Academy of Recordings Arts and Sciences. “Acho que isso mostra a força e a excelência da música dela, e como é recebida pelo nosso quadro de associados.”

Logo Amy disse que iria comparecer, claro. A notícia do Grammy era música para os ouvidos dela porque recentemente tivera de abreviar uma turnê pelo Reino Unido sob condições perturbadoras.

Na noite da cerimônia, Amy não pôde comparecer por causa de complicações com o visto. Contudo, isso não foi suficiente para impedi-la de ganhar cinco prêmios: Gravação do Ano, Artista Revelação, Música do Ano, Álbum de Cantora Pop e Cantora Pop. Foi uma noite de sucesso colossal para ela, já que se tornou a primeira artista mulher britânica de todos os tempos a ganhar cinco Grammys em uma única noite.

Amy saiu da reabilitação para essa noite e apresentou duas canções — “Rehab” e “You Know I’m No Good” — via satélite, dos Riverside Studios, em Londres. Suas execuções provocaram uma ovação em Los Angeles. Ela disse: “Muito obrigada, é uma honra estar aqui. Muito obrigada, muito obrigada”. Além disso, fez seu discurso de aceitação via satélite, dedicando o sucesso a “minha mãe e meu pai. A Blake, meu Blake encarcerado”.

“Estou tão prosa com esse disco”, declarou em referência a *Back to Black*. “Pus meu coração e minha alma nele e é muito bom ser reconhecida por isso. Sinto-me realmente

honrada por ser mencionada no mesmo nível que muitos dos artistas presentes nesta noite, e ganhar é ainda mais fantástico.” Ela foi cercada no palco por membros da banda, amigos e pessoas da família em êxtase.

Apesar de estar a 9 mil quilômetros de distância, Amy foi o assunto geral em Los Angeles. Com esse último triunfo, seu sonho de vencer em grande estilo nos Estados Unidos se realizou, já que o país inteiro sentou-se, prestou atenção e exigiu saber mais sobre essa notável cantora que, embora não pudesse ir à cerimônia de entrega do Grammy, ainda assim, ganhou cinco prêmios. Os Estados Unidos são de Amy.

Sem dormir até Brighton

Em novembro de 2007, Blake Fielder-Civil, de 26 anos, e Michael Brown, de 39, deveriam submeter-se a julgamento na London's Snaresbrook Crown Court por acusações de agressão com sérios danos corporais relativas a um incidente ocorrido em junho daquele ano. Entretanto, dias antes da data do julgamento, Blake também foi preso e acusado de obstrução da justiça em relação ao caso de agressão. Ficou sob custódia para esperar o julgamento e, ao ser preso e algemado, Amy gritou: “*Baby*, eu amo você, vou ficar bem”. Blake teve tempo de gritar: “Eu também te amo”, antes de ser empurrado para dentro do carro da polícia. Tanto Blake como Michael Brown negaram as acusações. Recusaram fiança a Blake. “Amy está muito confusa. Ela não parava de me dizer ‘Eu amo ele. Ele não fez nada de errado’”, disse a sogra dela, Georgette Civil. “Ela estava muito chateada porque não podia ir visitá-lo. Amy me disse que ela vai ficar ao lado de Blake, não importa o que aconteça.” Logo, havia seis homens enfrentando acusações de conspiração.

Diante desse panorama de sofrimento, incerteza e controvérsia, Amy esperava que, na parte britânica de sua turnê pela Europa, alguma calma voltaria a seu mundo. Em território doméstico, esperava cercar-se de um ambiente de bem-estar criado pelos fãs. Vale lembrar — antes de nos voltarmos para esse malfadado *tour* — como Amy pode ser brilhante no palco quando está em forma.

Somerset House é descrita, pelo *Times*, como “o primeiro bloco de escritórios da Grã-Bretanha, construído quando a Grã-Bretanha repentinamente percebeu que tinha um Império, mas o centro da capital parecia Scunthorpe”. O periódico acrescenta que, como espaço para concertos, era “luxuoso demais para *mosh pit*”. Amy se apresentara lá no verão de 2007 e encantara todos os presentes. Descrita como “dócil feito um gatinho” pela *Gigwise*, ela certamente estava num humor tranquilo. Confessou para a platéia que “não era a pessoa mais organizada do mundo — mas estava ansiosa por este show, nem posso dizer há quanto tempo”.

Começando com uma interpretação furiosa de “Hey Little Rich Girl”, do The Specials, Amy fez uma menção atrevida às suas recentes ausências em shows dizendo: “Esta é uma canção que ando cantando quando estou fora. Isso é, evidentemente, quando apareço para um show”. Deixou o palco algumas vezes para beijar Blake, que estava esperando nas coxias. Ao anunciar a canção final, “Valerie”, alguém da multidão vaiou sua iminente saída do palco. “Uuu pra você”, brincou ela. “Estou aqui há pelo menos uma hora e não desabei nem uma vez.”

Caspar Llewellyn-Smith, escrevendo no *Observer*, reconheceu a chegada relativamente

pontual de Amy ao palco e acrescentou:

O show que se seguiu mostrou ao máximo as habilidades de Amy. Ela estava super bem vestida e incrivelmente magra, em seu micro vestido xadrez, e a imensa colméia penteada para trás — teme-se com frequência que ela ainda vá derrubá-la. E, sim, ela estava ligeiramente enlouquecida e cansada, às vezes, e comovida, talvez. Mas a questão verdadeira era: alguém ia querer outra coisa?

O *Sun* disse: “Ela merece uma recepção com champanha”. Durante “Rehab”, Amy foi acompanhada no palco pela amiga Kelly Osbourne. Amy realmente ansiara por esses shows ao ar livre. “Espero por eles com ansiedade, porque nunca fui a nenhum festival quando era mais jovem”, observou com relação à maciça programação na turnê de verão. “Eu costumava acampar, mas quando tive idade suficiente para ir aos festivais, já não estava mais interessada.”

Então, estava tudo bem em Somerset House. Entretanto, a noite de abertura da turnê de inverno de 2007, no dia de Birmingham, fora um evento nada calmo, e a cobertura da imprensa nos dias que se seguiram só aumentou o senso de controvérsia e perigo que a rodeava. “Foi uma das noites mais tristes da minha vida”, escreveu o crítico de música do *Birmingham Mail*, Andy Coleman, em sua crítica sobre o show. “Vi uma artista extremamente talentosa em lágrimas, tropeçando pelo palco e xingando a platéia de modo imperdoável”, escreveu ele. Ele chegou mesmo a se recusar a dar a costumeira classificação em estrelas do jornal para a apresentação, já que, “esse foi um show com uma pessoa perturbada, que não deveria prosseguir”. Palavras duras, e, no entanto, estavam entre as conclusões mais brandas suscitadas pelo show até agora mais controverso de Amy.

A tragédia teria começado quando Amy se trancou em um banheiro nos bastidores antes de surgir no palco. “Não consigo ir adiante sem o Blake”, gritou ela de dentro do cubículo. “Como posso viver sem ele? Preciso dele. Preciso do meu *baby*.” De acordo com uma testemunha: “Seus ajudantes e nossa equipe entraram em pânico com o modo como Amy se recusava a sair do banheiro. Dava para ouvi-la soluçar. Ela dizia que não conseguia continuar sem Blake. Fez todo mundo ficar preocupado, achando que pudesse fazer alguma besteira contra si mesma. No final, auxiliares convenceram-na a sair, dizendo que ficaria tudo bem, mas durante algum tempo a situação era incerta”.

Por fim Amy entrou no palco, usando um top transparente preto e uma minissaia. Ela estava mais de uma hora atrasada, e algumas pessoas na platéia já estavam ficando irrequietas e frustradas. Um lento bater de palmas começara pouco antes de Amy entrar no palco. Alguns começaram a vaiá-la. Ao apresentar “Wake Up Alone”, ela disse à platéia: “Esta é para o meu

marido”. Quando a canção terminou, ela falou: “Nada trará meu marido de volta”. À medida que a apresentação ficava cada vez mais caótica, outras pessoas na platéia se voltaram contra ela, com apupos e vaias. Chocada, ela disse: “Deixem-me dizer uma coisa. Primeiro, se vocês estão vaiando, vocês são uns otários por comprarem o ingresso. Em segundo lugar, para todas essas vaias, esperem só até meu marido sair da cadeia. Verdade”. Depois, ela acrescentou que era uma platéia de “bo**ta de macaco”.

Também durante o espetáculo deixou cair o microfone e tropeçou no suporte da guitarra. Finalmente, pareceu derramar lágrimas antes de cantar “Valerie” e saiu antes de terminar a canção. A essa altura, consta que centenas de fãs já tinham deixado o lugar, indignados. Alguns exigiam o dinheiro de volta. A imprensa sensacionalista caiu feito urubu no local, muitos deles abertamente desejando que acontecesse alguma tragédia na noite. Havia muito desse clima no palco e um pouco fora dele. Um provocador tatuado e travestido apareceu, prometendo seguir Amy pela turnê inteira, para “tomar conta dela”. Ele foi expulso enquanto gritava: “Eu posso cuidar dela agora que Blake não está por perto. Eu a amo”.

Muitos dos fãs mais convencionais foram citados na imprensa durante os dias que se seguiram. Um deles disse: “Ela chegou no palco com meia hora de atraso. Conseguiu executar quatro canções, mas estava enrolando as palavras e cambaleando muito. Foi detestável. A canção dedicada ao marido soou tão ruim que parecia que tinha um gato girando em torno da cabeça da gente.”

Outro reclamou: “O canto dela foi horrível, desafinado e ininteligível. Ela cantou durante uns cinquenta minutos — bebendo o tempo todo. Eu nunca vi tanta gente sair de um show. ‘Valerie’ era minha canção favorita — foi massacrada por ela!”.

Sentimentos mais simpáticos estavam por vir, no entanto. Um fã, Zoe Giorgio, declarou: “Quando ela realmente cantou, foi fenomenal, mas não estava pronta para aquele palco. Estava muito fraca, muito vulnerável”. Outra fã disse: “Se meu marido estivesse na prisão eu não teria a coragem de subir no palco e fazer aquilo, de modo que devemos ser justos com ela. Os fãs deveriam apoiá-la”.

Deveriam mesmo. Cabe perguntar o que esses fãs irritados esperavam quando compraram a entrada para o show. Como Helen Brown escreveu no *Daily Telegraph*:

Os problemas da moça de 24 anos têm sido assunto há meses. Ela tem sido fotografada bêbada e ensangüentada. Cancelou shows por “problemas de saúde” e confessou vício em drogas, bulimia e desordem bipolar. Então, esta semana, Blake Fielder-Civil foi preso.

Se os fãs “estarecidos” compraram suas entradas de vinte libras para ver um show pop refinado, saudável, eles têm motivos de queixas. Mas eles não podem fingir que fosse esse o caso. Seja lá do que Amy Winehouse possa ser acusada, a autoproclamada “bêbada horrorosa” não pode ser incriminada por propaganda enganosa. A vida dela é uma enorme

tragédia. E tem usado essa experiência perturbadora para criar um disco excelente, digno de canções altamente dramáticas a respeito de amor desesperado, vício em álcool e consumo de drogas. Seus “fãs estarecidos” devem ter ouvido falar disso, ou não teriam pago os ingressos.

Esse autor também deu apoio a Amy, escrevendo no website do *Guardian*:

Há algum tempo ela é conhecida por faltar aos shows, chegar atrasada ou embriagada. Então, quando os fãs vão às apresentações, na esperança de ter alguma experiência ao vivo de seu estilo de vida embriagado e caótico, parece extremamente hipócrita da parte deles se queixarem quando — oh, meu Deus! — o show se mostra embriagado e caótico. Alguns pediram devolução do dinheiro do ingresso. Fico imaginando, o que argumentaram? Não poderiam citar o Trade Descriptions Act (Lei de Defesa dos Consumidores), certamente, porque, ao oscilar entre o gênio e o desastre, Amy Winehouse cumpriu impecavelmente, todas as noites, a parte dela na transação.

Essa contradição nas expectativas dos espectadores lhe parece estranha. Pete Doherty há muito deixou de ser uma perspectiva confiável ao vivo, mas consegue sair-se com maior facilidade. E quando Shane MacGowan estava rotineiramente atrasado ou bêbado no palco, ele parecia até mesmo receber mais elogios de seus fãs. Afinal, ao mesmo tempo que foram cantar junto “Dirty Old Town”, também foram lá na esperança de ver algum desastre.

De qualquer modo, desde quando queremos que nossos artistas sejam tão previsíveis, dóceis e austeros? Estou muito mais preocupado com os astros que não cambaleiam pela rua às cinco da manhã só de sutiã. Amy Winehouse estará de volta no ano que vem. Para aqueles que a vaiaram, sugiro que, se querem uma Leona Lewis, que vão ver Leona Lewis.

O empresário musical Andrew Lloyd Webber, de modo um tanto surpreendente, estava na platéia e ficou impressionado com a apresentação de Amy. Ele declarou que ela “mostrava lampejos de gênio, com uma qualidade de Ella Fitzgerald”. Para ele, as reportagens sobre uma apresentação desastrosa eram estranhas. “Achei que houve momentos em que ela estava absolutamente magnífica”, explicou. “Não notei que tenha feito nada peculiar. Achei que a voz dela estava afinada, e Amy lidava com um material inusitado para uma menina da idade dela.”

Ele notou, no entanto, uma reação negativa por parte de alguns indivíduos da platéia. “Foi estranho o que aconteceu. De repente, já com o show em andamento, a platéia se voltou contra ela, e Amy não estava preparada para lidar com isso. Eu estava com sir David Frost e ele viu tudo. Nenhum de nós conseguiu entender por que a multidão se voltou contra ela — apenas aconteceu em um momento.”

Concluindo sua convocação de apoio a Amy, ele falou: “Ela é uma grande estrela, e o terrível quanto a isso é que vai ser esmagada como uma borboleta, e isso não está certo. Essa menina precisa ser cuidada e ajudada enquanto passa por todos esses problemas, porque ela tem um enorme talento. Eu diria que há uma parcela da qualidade de Edith Piaf nela, o que é muito raro. Ela vivencia aquelas letras”.

Houve também palavras de apoio vindas da banda Girls Aloud. Nadine Coyle disse: “Amy

Winehouse tem muito talento. A voz dela trouxe de volta alguma coisa que a gente não via há décadas”. Sarah Harding também contribuiu: “Não é estranho que as pessoas realmente talentosas sempre pareçam desmoronar sob esse tipo de pressão artística?”. Cheryl Col acrescentou: “Ela é absolutamente fantástica, mas é uma pena que sua vida pessoal faça sombra a seu talento”.

A velha professora de Amy, Sylvia Young, escreveu uma carta aberta a respeito de Amy. Dizia:

Tenho seguido de perto a carreira de Amy, desde a época em que ela deixou a escola, e continuo a fazê-lo. Estou encantada que ela tenha se tornado uma sensação como cantora, e que, mesmo nessa tenra idade, tenha conseguido tanta coisa.

Adoro seu disco de estréia de 2003, *Frank*, feito quando ela tinha apenas 20 anos, e seu *single* de estréia: “Stronger Than Me”, ganhou um prêmio Ivor Novello por composição.

Curti igualmente seu disco *Back to Black*, lançado em 2006. No início eu estava otimista em relação ao comportamento instável de Amy. Achava que ela era apenas uma menina rebelde curtindo plenamente a vida. Eu não tinha idéia que ia chegar a esse ponto.

Parece que Amy quer ser livre para fazer o que quiser. Eu só me senti tão preocupada antes a respeito de uma outra ex-aluna, Danniella Westbrook, no auge de seus problemas.

Ela estreou em *East Enders*, mas se tornou viciada em cocaína, com resultados terríveis. Mesmo assim lutou para chegar a uma recuperação completa, e eu estou muito orgulhosa dela. É a menina mais corajosa que já vi.

Espero que a superinteligência de Amy também lhe dê a confiança para retroceder. O caminho a seguir é uma escolha dela, mas quero que ela escolha o caminho certo e avance logo. Quero que ela seja uma lenda — mas em vida, não depois.

Se eu me encontrasse com ela hoje, lhe daria um grande abraço e diria: “Querida Amy, você nunca foi expulsa. Ao contrário, você era admirada e amada, assim como hoje. Por favor, tente controlar esses sentimentos para poder retomar seu rumo. Sei como você consegue ser dura consigo mesma. Lembro também que você não gosta que lhe digam o que fazer. Mas lembre-se da época em que você escreveu que aquilo com que você realmente se importa é que as pessoas ouçam sua voz. Todos nós que gostamos de você queremos que você realize seu destino excepcional”.

Além disso, em defesa da Amy, deve-se lembrar do estresse a que ela estava submetida àquela altura. Ela passara a tarde visitando Blake na prisão — na entrada revistaram a colméia em seu cabelo! — e ficou extremamente perturbada com a experiência. Um amigo dela insiste que Amy “não estava bebendo antes ou depois do show e se manteve no Lucozade a noite inteira”. Francamente, mesmo que ela tivesse bebido antes do show, só um coração gelado poderia culpá-la por isso, depois de ela ter passado pela terrível experiência de visitar o marido na prisão, ter de deixá-lo lá e apresentar-se diante de milhares de fãs na maior expectativa.

As palavras de Lloyd Webber foram equilibradas, ponderadas e justas, o que é mais do que

se pode dizer da tempestade da mídia que se abateu sobre Amy depois do concerto de Birmingham. Sentindo o cheiro de sangue, a imprensa relatou que o empresário da turnê tinha se demitido. Thom Stone encontrou traços de heroína no seu sangue, vindos, segundo ele, de inalar passivamente a fumaça quando Amy e Blake se drogavam. Ele mostrou a Amy a observação de um médico advertindo-lhe de que a pressão de ser empresário da turnê arruinava a saúde dele. “Ele estava sempre tirando-a de encrencas”, disse uma fonte. “Ele os observava pirar com as drogas, imaginando se Amy chegaria até o palco. Era um pesadelo de emprego.”

Na precipitada atmosfera da semana, isso foi relatado como um grande contratempo para Amy. Entretanto, como uma pessoa próxima a Amy revelou, ela não estava assim tão decepcionada com a demissão do empresário. “Quando ele apresentou essa nota, Blake e Amy acharam que era uma piada. Eles não se davam bem com Thom e estavam rindo dele quando tentou dar essa desculpa para ir embora. Eles queriam se livrar dele.”

Nesse estágio, no entanto, a mídia estava implacável em sua sugestão de que Amy estava à beira do suicídio. A manchete da primeira página do *The London Paper* era típica: AMY À BEIRA DO COLAPSO. A matéria do jornal relatava que “uma desgrenhada Amy Winehouse saiu de casa ao norte de Londres, nesta manhã, entre temores de que esteja à beira de um colapso”. Não que os jornalistas fossem os únicos a se preocupar com Amy. Fãs reunidos no fórum do website oficial dela discutiram o boato de que ela morreria de overdose.

Além disso, houve temores profundos por Amy mais perto da casa dela naquela mesma semana. Nas primeiras horas da manhã os pais de Amy chamaram uma ambulância, com medo de que ela pudesse estar à beira do suicídio. Uma fonte declarou: “A família de Amy está apavorada com a idéia de que ela possa fazer alguma besteira. Eles sabem que no momento ela está muito deprimida e sente uma falta terrível de Blake. Tentaram falar com ela pelo telefone na noite passada e estão tentando também o apartamento em Hackney, onde ela ficava, mas não conseguiram entrar em contato com ela. Imediatamente temeram o pior, chamaram uma ambulância e a polícia para verificar. Mas, felizmente, Amy apareceu, e estava bem”.

Ela estava realmente bem, como confirmou seu irmão Alex, durante uma entrevista com a gmtv, na qual ele tentou levar alguma sanidade para a crescente loucura da cobertura da imprensa sobre Amy. “Falei com ela ontem à noite. Ela me disse para dar um beijo nos gatos dela. Ela parecia bem, sem dúvida”, disse ele. Falou ainda que tentara fazer com que ela corrigisse seu comportamento mas que não conseguira que ela o escutasse. “Quando tento dizer ‘o que você está fazendo?’, isso acaba em discussão. Entretanto, sei que ela tem uma voz dentro dela dizendo ‘acalme-se’”. Alex conclui: “Ela queria que eu dissesse que ela ama o Blake, porque ele está assistindo”.

Enquanto isso, Janis falou também: “Tenho enorme carinho por ela. Está sob uma pressão imensa com a prisão de Blake. Eu não hesitaria em lhe dizer para sair dessa se eu achasse que

está em perigo. Não quero que Amy se destrua. Mas acho que ela vai se sair bem dessa época terrivelmente solitária para ela.” Além disso, Janis culpou Blake pelas angústias de Amy, dizendo:

Qualquer um pode ver isso, mas Amy prefere não ver. Acho que ele a apresentou a elas [às drogas], e agora ela pensa: “Oh, isso é bom, não tem problema”. Acho que ela ainda é uma criança. Pessoalmente acho que ela foi um pouco pega de surpresa.

Dou um passo atrás, olho para a vida e penso: “Bem, eles os afastaram”. Posso ver a vida dando um jeito na situação. Eu estava mais preocupada quando eles estavam juntos. Acho que, enquanto estão separados, ela vai acordar e pensar: “O que fiz?”. Mais uma vez, é um sentido de destino. Graças a Deus ele está preso, porque também agora ele vai aprender.

Depois disso veio a Escócia, o segundo compromisso na turnê pelo Reino Unido. No momento em que um porta-voz do espaço Glasgow Barrowlands expressava preocupação, sem saber se Amy apareceria para o show — “Existe a preocupação de saber se ela vai aparecer, com todas as coisas que estão acontecendo”, disse ele; “Seria uma grande pena se ela não tocasse” —, Amy embarcava num vôo para Glasgow. Consta que deu uma passadinha num banheiro para uma ardilosa fumada, provocando um maldoso anúncio pelo sistema de som por parte de alguém da equipe de vôo. “Nossa famosa amiguinha está fumando no toalete”, disse a aeromoça. “É que o alarme de fumaça ainda não tocou.” Um passageiro contou que Amy parecia estar sob a influência de alguma droga. “Ela se balançava na cadeira e parecia totalmente ausente. Continuava a se trancar no toalete. Outros passageiros tinham de ir até o outro lado do avião e começaram a ficar chateados.” Depois de desembarcar no Aeroporto de Glasgow, Amy ficou irritada com o segurança dela. “Que porra de aeroporto é esse?”, gritou para ele.

Houve gritos, também, quando ela subiu ao palco no Glasgow Barrowlands mais tarde. A platéia deu-lhe uma acolhida ensurdecadora de tão calorosa, e estava claro o alívio não apenas no rosto dela como também nos da banda. Usando um maravilhoso vestido de seda, ela disse à multidão: “Essa é a segunda noite da minha turnê, mas parece a primeira. Adoro você, Glasgow”. Mais uma vez, ela dedicou “Wake Up Alone” a Blake e disse: “Esta canção é para aquelas pessoas que têm a sorte de acordar todas as manhãs ao lado da pessoa por quem estão apaixonadas. Esta é para o meu marido. Eu amo ele. Eu amo você também, Glasgow”.

Ao apresentar o número de fechamento, “Valerie”, ela disse: “Talvez eu não possa estar com o meu Blake em um minuto. Mas deixem-me dizer uma coisa: meu marido é o melhor homem do mundo”. Ao receber as muito merecidas saudações, ela homenageou o público, falando: “Muito obrigada por nos receber. De verdade, e desculpem-me por me atrasar”.

A apresentação da noite seguinte em Barrowlands também foi bem recebida, e uma fã a descreveu como “impecável e fantástica”.

Será que esse desempenho anunciava que a mídia tinha serenado na cobertura sobre Amy? Nem pensar, especialmente quando se exibiu um vídeo no YouTube que pretensamente a mostrava cheirando drogas durante um concerto. As imagens exibem-na pegando alguma coisa no coque-colméia e depois segurando junto do nariz. Foram gravadas durante a apresentação dela em Zurique, em outubro. A conclusão de que ela teria consumido drogas no palco foi apressada demais. Talvez ela tivesse apenas limpado o nariz com um lenço de papel; as imagens são pouco claras. Pelo menos o *Sun* conseguiu fazer uma piada inteligente com o episódio, com o trocadilho em inglês: Is Amy Mis-beehiving? (Amy anda se comportando mal? — *beehive* significa “colméia”). O mesmo jornal também afirmou que, quando o ônibus da turnê saiu de Glasgow, haviam atirado um pedaço de filme plástico enrolado em papel laminado queimado para fora da janela.

Aí surgiram as notícias de que um sexto homem, Michael Brown, tinha sido acusado de conspiração para obstruir o curso da justiça em conexão com o caso de Blake. Entretanto, com Blake preso, algumas das pessoas próximas a Amy estavam a fim de tentar afastá-la dele.

“Os amigos dela estão tentando puxá-la para o outro lado, agora que ela já não está sob a influência dele”, disse alguém. “Diversas pessoas estão felicíssimas por ele estar atrás das grades, já que, isso abre uma chance para fazer a cabeça dela — mas ela parece determinada a manter-se fiel a Blake. O pai dela, Mitch, está de olho nela, já que, no momento ela está muito vulnerável e é conhecida por prejudicar a si mesma, de modo que, há preocupação quanto ao bem-estar dela. Os amigos e a família estão preocupados, achando que possa se machucar.”

O tio de Amy, Brian Linton, chegou a enviar um e-mail ao *Sunday Mirror* dizendo: “Ainda estamos doentes de preocupação a respeito de Amy, mas agora pode haver uma chance de romper o tirânico domínio que Blake exerce sobre ela”.

Enquanto isso, Blake também tentava ficar de olho nela, mesmo que dos confins da prisão. Durante uma conversa telefônica com Amy, ele disse: “Pela primeira vez em três meses estou comendo três refeições completas por dia. Sinto-me muito melhor. Mas você está tomando drogas e não está comendo, e agora você está desmaiando. Você tem de comer direito e parar de enfiar o dedo na garganta. A bulimia está cobrando um preço muito alto”. Havia sinais de que Amy queria cuidar mais de si mesma e começar um curso de seis meses com um guru de ioga. “Ela adora ioga, que é praticado com música”, disse um amigo. “A idéia é que ele dá um barato natural e retira o desejo de drogas”.

Foi uma semana para que as críticas comesçassem a emergir, usando os problemas de Amy para suas próprias finalidades e jogar os próprios problemas em cima dela. Até Antonio Maria

Costa, chefe da divisão das Nações Unidas para Drogas e Crime, deu um jeito de se intrometer, culpando-a pela pobreza da África. “Estrelas de rock como Amy Winehouse se tornam populares cantando ‘Não vou para a reabilitação’ mesmo que tenha precisado muito e por fim tenha procurado tratamento. (...) Uma fungada aqui e uma fungada ali na Europa estão provocando outro desastre na África, aumentam a pobreza, o desemprego maciço e as pandemias”, declarou ele.

Ao mesmo tempo que era considerada responsável pela pobreza da África, Amy foi simultaneamente a inspiração para uma seção de fotos organizada com a controversa participante do *Big Brother* inglês Jade Goody. Jade é tão entusiasta de Amy que ela e o namorado, Jack Tweed, se vestiram de Amy e Blake para as fotos. Jade exibiu um penteado de colméia e tinha tatuagens falsas no braço, enquanto Tweed envergava um chapéu de feltro ao estilo de Blake.

Entretanto, ridícula foi a mentira de um tablóide que considerou Amy responsável pela morte de um hamster, permitindo que o *Daily Mirror* parafraseasse uma das manchetes mais famosas da imprensa marrom, gritando: Amy Winehouse matou meu hamster! (Trata-se de uma referência a uma famosa manchete de primeira página do *Sun*, em março de 1986, que dizia Freddie Starr comeu meu hamster, afirmação mais tarde negada tanto por Starr quanto por Max Clifford, o publicitário que estava por trás da história.) A matéria dizia respeito a Peter Pepper, ex-músico contratado por Amy.

Num aniversário, ele ganhou um hamster como animal de estimação. Deu ao bicho o nome de Georgie Porgie. Enquanto Pepper e Amy entornavam um drinque atrás de outro, uma noite, ele pegou Georgie para mostrar a ela. Por fim Pepper foi para a cama e deixou Amy ainda bebendo. Depois de algum tempo ele voltou e descobriu que Amy tinha secado o armário de bebidas. Pepper, agora membro da banda Palladium, que fez a abertura para ela no concerto de Somerset House, continua: “O que noto em seguida é que Georgie me morde, foge, e Amy diz que vai pegá-lo. Eu fiquei um tanto desconfiado quando ela disse que era boa com hamsters. Poucas horas depois o hamster estava duro e frio feito pedra. Não sei o que fez com ele!”.

Ele descreve a experiência toda como “especialmente traumática”, explicando: “Não só tive de lidar com um hamster morto, mas por algum motivo Amy tinha também dado um jeito de desligar o freezer da tomada e inundou toda a cozinha e a lavanderia”.

Parece mesmo ter sido uma noite e tanto!

Outra grande noite foi a próxima parada na turnê. Em Newcastle, Amy apareceu no palco quarenta minutos atrasada, pediu desculpas, “do fundo do meu coração”, e fez uma apresentação triunfal, recebida com arrebatamento pela platéia. “Ela parece estar se conectando outra vez com os baratos simples de se apresentar ante uma platéia que a adora”,

escreveu o crítico David Simpson no *Guardian*. Viu uma menina na platéia penteada com uma colméia e deu-lhe um presente. Além disso, implorou à platéia que enviasse um presente deles a Blake. “Vou mandar a ele um buquê de flores. E quero que todo mundo aqui envie a Blake uma rosa vermelha.” Então deu o endereço dele na Pentonville Prison, em Londres, onde ele estava sob prisão preventiva. Depois de alguns drinques com a banda, Amy foi ficar com a tia e o tio. Eles assistiram *Chumbo Grosso* e *Todo Mundo Quase Morto*.

Não era só a família que estava melhorando o humor dela. O cantor Pete Doherty, do Babyshambles, também esteve em contato regular com Amy durante esse período difícil. “Falo com Amy quase todos os dias”, disse ele. “Ela só quer o homem dela de volta para o Natal. Eles estão desesperadamente apaixonados. Uma coisa boa é que Blake está limpo de drogas desde que entrou na prisão. Tem sido um despertar e tanto. Amy parou com tudo desde que ele foi preso. Ela percebe quanto eles têm a perder. Vão perder um ao outro, se continuarem. Amor, música, melodia é o caminho adiante.”

Entretanto, Amy não tinha palavras muito reluzentes a dizer de Doherty durante a continuada prisão de Blake em 2007. “Por que deram a Pete tantas chances? Não é justo que o meu Blake esteja preso”, disse ela. “Achei que iriam liberá-lo sob fiança, como fazem com o Pete.”

Depois, ela foi vista dando um cigarro para um bêbado qualquer chamado “Des”, que alegou ter esperado cinco horas para falar com a cantora depois de lhe terem negado a entrada em um clube. Amy deu-lhe um cigarro, que assinou “Amy Civil”, antes de embarcar no ônibus da turnê. Como os jornais do dia seguinte se deliciaram em relatar, Amy parecia ter uma substância branca em torno da narina, incitando a conclusão de que andara cheirando cocaína. Winehouse de volta ao pó, disse o *Sun*. Enquanto isso o *Daily Mail* gracejou: É falta de educação perguntar se você andou empoando o nariz, Amy Winehouse? Depois veio Blackpool, onde ela contou sobre Blake: “Ele teria adorado estar aqui. Falei com ele ontem à noite, mas só posso ligar para ele antes ou depois de *EastEnders*”. Belo detalhe.

Seguiram-se dois shows fantásticos na Brixton Academy. No início do primeiro, Amy subiu ao palco parecendo cheia de vida. Quando os compassos de abertura da peça inicial, “Addicted”, começou, ela tentou agarrar a guitarra, mas a tira estava enroscada no suporte e seguiu-se uma luta desesperada para que ela chegasse ao microfone a tempo de cantar o primeiro verso. Isso foi o mais próximo que a noite chegou de um desastre.

Entretanto, antes do terceiro show em Londres, dessa vez no Hammersmith Apollo, consta que Amy se trancou no quarto do hotel e se recusou a sair. Sua equipe empresarial passou algum tempo tentando desesperadamente persuadi-la, e ouviu-se alguém desabafar: “Não agüento mais. Ela é um pesadelo!”. Amy acabou aparecendo no palco com uma hora de atraso, às 22h15min, sendo que a essa altura as vaias ecoavam pelo espaço, e alguns fãs já pediam

reembolso.

Citaram-se alguns fãs que teriam descrito a apresentação como um pandemônio. “Paguei para ver Amy, não uma garota enlouquecida perambulando pelo palco”, disse um. Outro acrescentou: “Nunca vi tanta gente sair cedo de um show. Vá procurar ajuda, Amy”. Para ser justo, os sentimentos expressos pelos fãs no fórum do website oficial de Amy eram ainda mais duros. Um jurou que jamais compraria outra vez um ingresso para qualquer coisa relacionada ao selo da gravadora dela. O *Daily Mail* criticou a aparência de Amy, dizendo: “A maquiagem borrada, as tatuagens e o cigarro preso nos dentes chocaram os fãs. Podemos afirmar que a maior parte dos fãs já sabia que Amy fumava e tinha uma ou duas tatuagens no corpo, de modo que o choque teria sido, na pior das hipóteses, mínimo”.

Pelo menos Amy podia se consolar com as notícias de que uma das principais revistas norte-americanas, *Entertainment Weekly*, a elegera a “estrela mais falada”. Enquanto isso, “Valerie” passava sua décima nona semana na lista dos Top Forty (quarenta principais), mantendo sua posição de número 5. Além disso, ela encontrou um aliado improvável no principal cantor dos roqueiros do Queens of the Stone Age. Durante os últimos estágios do concerto da banda na Brixton Academy, o cantor principal, Josh Homme, interrompeu a canção “Feelgood Hit of the Summer” da seguinte maneira: “Eles tentaram me obrigar a ir para a reabilitação, e eu disse ‘não, não, não’, (...) porque é esse o tipo de cara que sou, baby. ‘Rehab’? Poderíamos nos encontrar na quinta-feira, mas estou muito ocupado. Estou muito ocupado com (...) nicotina, Valium, vicodin, maconha, ecstasy e álcool. Poderíamos nos encontrar na sexta-feira, mas aí há a...” E aí ele explodiu no refrão da música, gritando alto: “C-c-c-c-c-cocaína!”.

A essa altura, a imprensa se dirigia em massa para os shows de Amy com a esperança de alguma outra tragédia ou desastre. O melhor que conseguiram na parte seguinte da turnê fez com que a expressão “raspando o fundo do tacho” tivesse uma ressonância inteiramente nova. Eles revelaram que Amy — choque, horror e segura aquela primeira página — pegou um táxi para ir para casa depois do concerto em Brighton.

“Foi realmente muito estranho”, disse uma testemunha incrédula do caso. “Ela parecia dar uma suave caminhada ao longo da praia com um amigo. Aí um táxi parou e os dois entraram.” Mas, então, até o evento mais banal na vida de Amy tinha potencial para se transformar em manchete. Uma matéria no *Sun* teve como assunto ela ir a uma loja e comprar comida. “Ela estava comprando pão, cereal, carne moída, manteiga, batata frita — exatamente as coisas normais com que você poderia suprir sua cozinha”, revelou uma testemunha! Voltando ao episódio do táxi em Brighton, como estava programado para ela se apresentar em Bournemouth, ali perto, na noite seguinte, a mídia falou do “mistério” de voltar a Londres só por uma noite. A casa dela é em Londres e o marido dela estava preso em Londres. Não é

exatamente o maior mistério do milênio.

O mistério foi solucionado no dia seguinte quando surgiram as notícias de que Amy tinha cancelado todos os shows e as aparições públicas pelo resto de 2007, depois que seu médico a aconselhara a ficar em completo repouso. “Não consigo dar tudo no palco sem o meu Blake. Sinto muitíssimo, mas não quero fazer os shows sem muito entusiasmo. Adoro cantar. Meu marido é tudo para mim, e sem ele eu simplesmente não sou a mesma.”

Os promotores do concerto Live Nation divulgaram a nota:

Amy Winehouse cancelou todas as apresentações ao vivo e promocionais pelo resto do ano sob instruções de seu médico. Os rigores envolvidos numa turnê e a profunda tensão emocional a que Amy vem sendo submetida nas últimas semanas cobraram seu preço. No interesse de sua saúde e bem-estar, recomendaram que Amy fizesse repouso absoluto para tratar de seus problemas de saúde. O reembolso dos ingressos será feito nos pontos de compra.

Algumas pessoas alegaram que tinham dito a Amy para largar a turnê depois que ela farreou durante três dias e três noites sem dormir. Entretanto, as pessoas próximas a ela dizem que Amy não passara aquelas noites farreando, mas trabalhando — gravando o terceiro disco.

Notícias do cancelamento aumentaram o rumor mais que suspeito de que ela planejava uma apresentação na Pentonville Prison para Blake. Disse um amigo: “Amy está um caco desde que Blake foi preso. Ela não consegue suportar a idéia de ele estar sozinho na cadeia e quer dar um show lá. Acha que seria uma homenagem adequada a ele, iria alegrá-lo e, além disso, ajudaria Amy a lidar com o fato de estar separada dele”.

Amy saíra repentinamente da turnê para uma reunião em Londres. Consta que ficou encantada com o cancelamento da turnê. Uma fonte esclarece: “Ela estava num estado terrível, (...) com uma aparência horrível, e andara inundada em lágrimas. Estava frágil e fraca como uma velhinha. Era deprimente de se ver. Quando a turnê foi cancelada, foi como se tivessem tirado um peso de seus ombros”.

A mãe dela, Janis, foi rápida em selar a aprovação pela corajosa decisão de Amy. “Amy tem de aproveitar a oportunidade para ficar em melhores condições físicas e se fortalecer. Ela acha que é forte, mas não é. Espero que use essa chance para se recuperar inteiramente. Espero que vá devagar durante algum tempo e depois volte a escrever novo material. Ela tem de se manter longe das drogas. É uma questão de sobrevivência.”

Os fãs foram rápidos em enviar mensagens de apoio. Um escreveu: “Vamos sentir sua falta durante o pouco tempo que você estiver fora dos refletores, mas sabemos que estará de volta, maravilhosa e melhor que nunca”. Outro escreveu: “Faça a coisa certa pela sua saúde. Você voltará mais forte que nunca! Estaremos todos aqui esperando você!”. Ao escrever no perfil

MySpace de Amy, um terceiro incentivou:

Fico muito contente porque eles finalmente cancelaram tudo. É de cortar o coração vê-la daquele jeito. Tive bastante sorte em vê-la ao vivo duas vezes nessa turnê (uma vez na Bélgica, outra na Inglaterra), mas honestamente posso dizer que se a turnê tivesse sido cancelada logo antes desses concertos eu teria concordado com isso. O cancelamento foi uma coisa boa. Espero que ela melhore logo. Amo Amy do fundo do meu coração.

Entretanto, em um debate online no website da bbc, um usuário foi menos simpático:

Acho que desta vez ela acabou com a sua carreira. É bastante justo que os médicos digam que precisa descansar ou fazer desintoxicação, ou seja lá o que for. Mas dizer que você não consegue cantar porque seu marido está na cadeia, isso é pura loucura. O público não tem grandes simpatias por [Blake], de modo que não consegue entender por que ela ficaria tão perturbada. Pelo que nos diz respeito, ela provavelmente tem mais chance de ser organizada sem ele por perto.

A prisão de Blake interrompera um repouso muito necessário no decorrer de uma pausa prazenteira. Antes de ser preso — segundo dizem —, Blake tinha a intenção de levar Amy à Índia no Natal. “Então a cantora da colméia tinha concordado em voar para Miami com amigos imediatamente depois das celebrações de Hanukkah com seus pais, judeus, Mitch e Janis”, diziam as reportagens. O cabeleireiro dela, Alex Foden, confirmou: “Amy me contou que Blake quer que ela viaje durante o Natal para sair disso tudo. Ela não está na maior felicidade do mundo. Mas falar com Blake pelo telefone ajuda. Ela irá a Miami se Blake continuar com isso, porque ela o ama e quer fazê-lo feliz”.

Nesse meio-tempo, Amy ficou em Londres e foi fotografada nas ruas da capital de madrugada, em dezembro. Usando apenas jeans e sutiã numa gelada noite de Londres, Amy parecia estar confusa e exausta ao ser clicada às cinco e meia da manhã perambulando pelas ruas de Bow. “Ela saiu de casa, caminhou pela estrada e perambulou pela calçada durante um tempo”, disse uma pessoa do local que testemunhou o episódio. “Ela parecia perturbada e agitada, mas não havia nenhum motivo óbvio para ela sair. Foi estranho.”

O pessoal de Amy apresentou uma declaração tentando deter a onda de histeria que rodeava cada vez mais essa jovem frágil:

Amy estava dormindo e ouviu um barulho. Ela saiu para investigar. Não se dera conta da hora. Ela não estivera em um bar a noite inteira. Ouviu barulhos, saiu para olhar e havia todos aqueles fotógrafos. (...) É claro que ela parecia assustada. Sob a luz de reportagens recentes, é fácil fazer suposições falsas, mas ela está melhorando e precisa de espaço para continuar a melhorar.

Paolo Hewitt tem alguma simpatia por Amy, que ele acredita ser capaz de estabelecer um relacionamento muito mais agradável com a imprensa se tivesse nascido várias décadas antes. “Bob Dylan provavelmente tomava tantas drogas quanto Amy, mas a imprensa não sabia”, diz ele. “Os Beatles e todo mundo ficavam doidões, mas havia um acordo de cavalheiros para que não se contasse esse lado das coisas. Quando Hunter Davies escreveu sobre os Beatles nos anos 1960, embora rolassem orgias e devassidão, nada disso emergia na biografia, simplesmente, porque ninguém contava esse tipo de coisa. Amy não tem sorte por viver em uma era obcecada pela mídia. Se ela tivesse aparecido nos anos 1960, estaríamos apenas falando da música dela. Foi isso o que se perdeu por causa de toda essa atenção da mídia. Ao contrário, é ‘Amy Winehouse, a viciada em drogas’, e ‘Amy Winehouse a mulher arrasada de Blake Fielder-Civil’. Não é ‘Amy Winehouse, que puta artista ela é!’. Acho uma pena.”

Entretanto, a solidariedade de Hewitts não deixa de ter reservas. Ele questiona se ela não teve um papel mais ativo em toda essa tragédia. “Ela contribuiu para isso. Não acho que ela seja inteiramente inocente em tudo isso. Por acaso aconteceu de um fotógrafo estar às cinco e meia da manhã quando ela sai de casa só de sutiã? Não entendo isso; como aconteceu? Ela parece ser bastante cúmplice nisso. É como a briga que ela e Blake tiveram no Sanderson Hotel. Se alguém vai brigar, brigue em casa, de portas fechadas. Esse negócio de apresentar os dramas em público não é uma coisa saudável. Deprecia o que é importante, que é a música dela.” Mark Simpson, indagado pelo autor se acredita que Amy Winehouse arquiteta seus problemas para a publicidade, respondeu: “Se eles são arquitetados, então ela merece muito mais compaixão — e respeito — do que se não forem planejados”.

Ela pode ter parecido perturbada quando tropeçava pela Bow, mas resolvera se mudar para aquele bairro depois de concluir que sua casa anterior, em Camden, tinha um excesso de lembranças ruins, incluindo uma overdose e inúmeras lembranças de Blake. Durante a mudança, uma “sacola um tanto suspeita com alguma coisa branca” foi fotografada, na mala do carro, pelo jornal *London Lite*. “Em resposta a fotos publicadas no *London Lite* de ‘coisa branca’ na mala do carro dirigido por Amy Winehouse, [o conteúdo da sacola] era, na verdade, toalhas de mão”, dizia uma declaração do pessoal da Amy. “Qualquer implicação ou sugestão em contrário seria injusta.”

Assim como com o vídeo no YouTube, era evidente para qualquer pessoa com visão decente que a foto não era de drogas. Uma vez protegida em sua nova casa em Bow, Amy foi visitada por amigos, inclusive Sadie Frost. “Sadie chegou parecendo muito séria, como se estivesse visitando um paciente”, contou um espectador ao *London Paper*. “Não parecia muito uma visita social.”

Os tablóides a essas alturas já publicavam reportagens loucamente conflitantes a respeito da saúde de Amy. Uns a diziam em desintoxicação e livre de drogas, outras, em orgias de drogas,

perdendo todos os dentes. “Amy ainda está usando drogas enquanto Blake está na prisão”, disse uma fonte. “Ela agora usa mais cocaína e heroína que nunca. Não consegue parar de chorar e continua dizendo que tudo o que ela quer é paz. Não está comendo nem dormindo direito e está um caco.”

“Amy está muito chateada com seus dentes porque eles andaram literalmente caindo”, disse uma fonte. “Está faltando um dente na frente da boca e outro na parte de trás, que é menos visível. A boca dela está cheia de buracos, e ela está morrendo de medo de perder outros. Na verdade arrancou um dente, ela mesma, o que é absolutamente repugnante.”

Poucas horas antes de Amy ter perambulado pelas ruas de Londres de sutiã, o amigo dela, Pete Doherty, lhe dedicara uma canção durante um show do Babyshambles em Glasgow. Antes da banda se lançar no quase hino “Down in Albion”, Doherty disse: “Ela é uma moça maravilhosa e esta canção é para ela”. Enquanto isso, Liam Gallagher do Oasis também falava em defesa dela. Ele disse: “Ela toca com fogo, você se queima. É assim que acontece. Se ela sabe que o que está fazendo não presta, então ela precisa voltar atrás um pouco. Ela é jovem. Eu provavelmente estaria fazendo a mesma coisa — só que duas vezes mais drogas. Tenho certeza de que ela vai crescer e sair dessa”. Perguntado a respeito da música de Amy, o normalmente selvagem e crítico Gallagher falou: “É boa. Gosto daquele ‘Rehab’. Acabo de ouvir na tv. Ela é boa”.

O herói de Liam, o Beatle Ringo Starr, também veio em defesa de Amy. “Deus abençoe Amy. Ela é um grande talento e está passando por uma situação difícil. As boas notícias são que atualmente há mais oportunidades de ajuda do que antes.” Depois veio o apoio de Mary J. Blige, que disse de Amy e Britney Spears: “Elas são seres humanos, e são jovens, num negócio que não faz o menor caso de ninguém. É triste. Detesto ver qualquer uma dessas mulheres passarem por isso. Eu fui jovem e fiz besteira — estava fazendo pior que isso”.

Mais preocupados estavam os pais de Amy. Mitchell disse: “Estou muito preocupado com o bem-estar de Amy. Ela está muito, muito cansada. Lamenta ter decepcionado os fãs. Ela precisa de ajuda profissional”. Referindo-se ao irmão de Amy, ele acrescentou: “Somos uma forte unidade familiar, e a ligação entre Amy e Alex é inabalável. Ele está sempre presente para ela. Não gosta de vê-la machucada ou perturbada. Ele está chateado com as críticas que estão fazendo de Amy, assim como todos nós, e pedimos aos críticos para serem um pouco mais compreensivos em vista da juventude dela”.

Com a prisão de Blake e as apresentações instáveis na turnê de Amy transformando o casal numa obsessão da imprensa marrom, era inevitável que a mãe de Blake falasse. Contou-se que Georgette Civil dissera ter ficado “encantada” por seu filho estar na prisão, e também alegou que ele concordava que era melhor. “Blake agora está mais concentrado do que nunca”, disse ela. “Ele está finalmente se responsabilizando pelo próprio comportamento, e aceita que ele e

Amy são totalmente responsáveis pela confusão em que se meteram. Agora ele está usando o tempo na prisão para superar seu vício em drogas.” Revelou que o filho passava o tempo na prisão se exercitando e lendo.

Georgette Civil tentou, além disso, trazer a atenção do público para o “verdadeiro” Blake. “Ao vê-lo assim todo descabelado, magro e descuidado, é difícil lembrar do adolescente inteligente, que conseguiu lugar em uma ótima escola local, que prometia muito.”

“Foi extremamente perturbador ver meu filho retratado como um tipo de monstro, acusado de fornecer heroína e cocaína para sua mulher, e me preocupei terrivelmente que alguém, em consequência disso, pudesse prejudicar Blake. E ainda há meus outros dois filhos, com catorze e quinze anos, de coração partido ao ver o irmão mais velho sendo retratado dessa maneira.”

Georgette Civil concluiu sobre Blake: “Ele quer que ela sinta como se ainda estivessem compartilhando a vida deles e que ele está com ela todos os dias. Blake acha que, se Amy tiver alguma coisinha a fazer por ele todos os dias, isso a impulsionará, dará a ela alguma coisa em cuja direção trabalhar e para fazê-la sair da cama de manhã”.

Enquanto isso, os relatos sobre o estado emocional de Amy variavam loucamente. Um deles dizia que ela andara admirando os peitos da participante do *Big Brother* inglês, Chantelle Houghton, em um bate-papo numa banca de jornais. “Olha os peitos da Chantelle — eu quero um par igual!”, disseram que Amy teria declarado a outros clientes.

“A plástica de seio da Chantelle obviamente causou uma grande impressão nela”, disse uma fonte ao *Daily Star*. “Amy está desesperada em fazer Blake feliz e, em sua mente conturbada, uma cirurgia de seios poderia ajudar.” Mitchell enquanto isso relatava: “Amy recebeu a visita de um médico ontem à noite. Queremos que ela seja monitorada com muito cuidado, todos os dias. Até agora estamos contentes com o modo como as coisas estão caminhando. Estamos de olho nela o tempo todo”.

Ainda bem, se for para se acreditar nas palavras de um amigo anônimo de Amy. O amigo disse a um jornal: “Amy teve seus problemas, mas ela está realmente aterrorizada desta vez. Está à beira do abismo. Já combinou um pacto suicida com Blake. Se os dois receberem sentenças de prisão longas, ela está determinada a que terminem tudo juntos antes de encarar anos separados. Ela não consegue viver sem Blake. A família dela está doente de preocupação”.

A questão de Amy receber uma sentença de prisão longa surgiu quando ela foi presa e interrogada a respeito da suposta acusação de suborno pela qual o marido já estava em custódia. A essa altura, como vimos, Blake e mais outros cinco homens foram acusados de conspiração para obstruir o curso da justiça, embora negando todas as acusações. A polícia então voltou sua atenção para Amy, confiscando suas gravações no celular, extratos

bancários e software do computador. Os policiais além disso visitaram os contadores da cantora, a firma Smallfield Cody, com sede em Londres, numa tentativa de rastrear suas transações financeiras.

“Uma mulher de 24 anos foi convocada a voltar a uma delegacia policial no leste de Londres em uma data no início de março, aguardando maiores investigações”, disse um porta-voz a respeito da prisão de Amy. “Ela compareceu voluntariamente à delegacia e em uma hora pré-combinada.” Um porta-voz da parte de Amy declarou: “Ela foi presa, mas isso é prática comum para uma pessoa que está sendo entrevistada pela polícia. Não houve acusações, e ela foi solta”.

Quanto a Blake, disseram que ele foi ameaçado por companheiros de prisão como parte de uma ameaça de seqüestro contra a própria Amy. Uma fonte disse: “Blake está apavorado. Ele vive com medo pela vida de Amy e pela dele próprio. De início, ele achou que os caras estavam apenas blefando, mas as ameaças ficaram realmente muito pesadas. Ele agora não tem ilusões e está convencido de que eles levarão a efeito o que dizem”.

A fonte acrescentou: “Eles mandaram que Blake depositasse 100 mil em uma conta bancária secreta nos próximos dias ou então (...) Amy seria seqüestrada e machucada. Ela está em sua fase mais frágil agora, e isso de ela ficar perambulando pelas ruas de madrugada é um risco imenso. Blake sabe que será fácil enfiá-la num carro num piscar de olhos”.

A vida de Amy não ficou nem um pouco mais fácil quando se revelou que ela fora intimada a comparecer a um tribunal na Noruega por ter entrado com recurso numa multa por posse de maconha. Liv Karlsen, porta-voz da polícia da cidade norueguesa de Bergen, explicou que isso era prática normal. “Se alguém apela de uma condenação, a regra é que ela tenha de aparecer pessoalmente. Então, não é de surpreender.” Mitchell já traçara a base da defesa de Amy contra essa acusação durante sua entrevista no programa de televisão *The Morning*, sustentando que Amy tinha involuntariamente assinado um documento de confissão escrito em norueguês, achando que era um alvará de soltura. O promotor da polícia, Rudolf Christoffersen, insistiu que a polícia tinha “muita certeza de que os três sabiam o que estavam assinando quando pagaram a multa na hora”.

Entretanto, quando em seguida embarcou num avião, não foi para a Noruega que Amy viajou, mas para Barbados, onde fez uma pausa necessária. “Amy tem estado desesperada para fugir da Inglaterra e esquecer seus problemas dos últimos dois meses”, disse uma amiga. “Mas ela não quis que Blake se sentisse mais sozinho ou abandonado do que já se sente, e então esperou o máximo possível antes de fazer qualquer reserva. Blake deu-lhe sua bênção, já que ele sabe como Amy está estressada e desorientada ultimamente. O plano é que Amy faça uma pausa no sol, curta alguns coquetéis — e fique longe das drogas.”

“Ela já tomou algumas resoluções para o Ano-Novo e espera que a viagem se torne um ponto de inflexão em sua vida. Amy quer que 2008 seja um ano de consolidação e, mais que qualquer outra coisa, livre de traumas. Ela está convencida de que Blake será inocentado de todas as acusações e quer desesperadamente que o casal curta um pouco de estabilidade conjugal.”

Outras pessoas famosas que passaram férias ali na época incluem Simon Cowell, Gary Lineker, Michael Winner e sir Philip Green. Um nome famoso que não estava no Caribe, mas que era favorável a Amy naquela época, foi Kylie Minogue. Perguntaram à pequena lenda pop o que tocava em seu iPod, e ela respondeu: “Um monte de costumeiros ingleses do momento, como Arctic Monkeys e os Klaxons. Oh, e Amy Winehouse, nem preciso dizer.”

Também em apoio a Amy nessa época estava Julie Burchill. Ela escreveu no *Sun*:

Adoro Amy Winehouse, e não estou nem um pouco chocada com o comportamento dela. Há tanto tempo nos acostumamos com cantoras levadas pela ambição (Madonna e sua horda de imitadoras baratas) que nos esquecemos como as cantoras que são levadas pelo talento se comportam.

Edith Piaf, Judy Garland, Billie Holiday — por algum motivo, e seria necessário um geneticista para explicar, mulheres que têm um grande talento para cantar têm também uma grande capacidade para adotar um comportamento temerário. Se seu talento for uma doentia coisinha minúscula — ver Madonna e companheiras —, então, você tem de se comportar exatamente do modo oposto ao temerário para preservá-lo.

Enquanto relaxava no Caribe, consta que Amy resolveu renovar seus votos matrimoniais com Blake assim que voltasse ao Reino Unido. “Eles estão morrendo de saudades um do outro”, disse um amigo. “Amy quer que eles repitam os mesmos votos que fizeram quando se casaram originalmente, em uma cerimônia de 60 libras, em Miami, em maio passado.”

Epílogo

Uma vez, durante uma entrevista, pediram a Amy que se descrevesse em cinco palavras. Ela replicou: “Compulsiva, motivada, calma, maternal, alcoólatra”. Acrescentou: “Sou muito maternal. Em meu círculo de quinze amigos íntimos, pelo menos dez deles me chamam de mamãe. Mandam uma mensagem no celular e dizem: ‘Mamãe, você vai sair esta noite?’”.

Entretanto, como muitas mulheres, a maternal Amy não quer ser mãe só de seus amigos, e está a fim de ter filhos. Ela diz:

Ao mesmo tempo que adoro minha música, eu realmente adoraria ter uma família, e essa é a coisa mais importante para mim. Isso não significa que eu esteja pronta para começar uma imediatamente, uma vez que acho que tenho outro disco dentro de mim.

A longo prazo, tenho mais planos de família. Cheguei a um ponto em que já fiz um disco do qual me orgulho. Agora preciso dar seguimento a ele, mas também ter filhos. Depois, ir para Las Vegas, abrir o meu cassino e me apresentar lá todas as noites!

Além disso, ela declarou várias vezes que ficaria feliz em abrir mão da música para ser dona-de-casa. Amy diz que dentro de dez anos ela terá produzido mais discos e filhos. “Bem, terei no mínimo três filhos lindos”, disse ela, quando lhe perguntaram o que ela seria dez anos depois. “Quero fazer pelo menos quatro ou cinco discos e quero ficar livre deles agora. E depois quero ter uma folga de dez anos e ter filhos, definitivamente. Eu nunca fui contemplativa, mas aí me dei conta de que estou me transformando numa piegas idiota. A boa qualidade na vida vem de um sentimento de realização, e você tem isso quando tem um filho e o coloca adiante de você mesma.”

Para conseguir seus “quatro ou cinco” discos da meta, Amy primeiro terá de gravar o terceiro. Como será que ele vai ser? Ela deu uma dica de que poderá ser alguma coisa mais alto-astral do que *Back to Black*. “Eu não quero necessariamente escrever outro disco de fossa, mas gosto de escrever a respeito do lado engraçado das coisas tristes e do lado triste de coisas engraçadas”, diz ela.

O homem no comando será, mais uma vez, Mark Ronson, e o confiável produtor dela ofereceu seus próprios *insights* quanto às práticas operacionais de Amy. “Quase sempre ela escreve tudo só na guitarra acústica”, diz ele. “Então ela vem com uma canção que fica parecendo um padrão de jazz. Eu entro com o arranjo, talvez bagunce os acordes e ritmos, e vejo o que as guitarras e o baixo farão. Há montes de canções que sobraram do *Back to Black*, e imagino que haverá o suficiente para um novo disco. Ninguém vai ter de esperar mais três

anos para isso, de jeito algum. Quando eu tiver algum tempo, vou fazê-lo.”

Então, talvez o som do novo disco não seja tão radicalmente diferente do *Back to Black*. “Acho que o som desse disco futuro será parecido com *Back to Black*”, admite Amy. “Acho que encontrei o meu nicho. Quero dizer, venho do jazz, e talvez eu volte para o jazz, mas no momento gosto dessa fórmula, e acho que ainda tenho muito a demonstrar dentro dela. E isso é importante — porque é isso que me dá incentivo.”

Os fãs de Amy esperam o terceiro disco com um entusiasmo hipnotizante. Garry Mulholland, também, será uma parte especificamente interessada quando o disco finalmente aparecer. Esqueça as manchetes da imprensa, diz ele. Acredita que o som do terceiro disco será uma indicação reveladora do *verdadeiro* estado mental de Amy.

“Se o terceiro disco for muito exatamente igual ao segundo, aí eu vou me preocupar com ela”, disse ele. “Isso me diria que ela está tão pirada que só estará fingindo. Mas espero que não seja o caso.” Resta saber qual das previsões, a de Ronson ou de Mulholland, chega mais perto da realidade.

Mark Simpson disse ao autor: “Em cinco anos Amy estará, nas condições ideais, administrando um clube com bebidas só para sócios no Soho, do tipo de um bar de 1952. Vejo-a como uma figura essencialmente boêmia em um mundo onde não há mais boêmios. A coisa mais próxima que temos da boemia atualmente é a primeira página dos tablóides. O que é muito triste”.

Paolo Hewitt conclui as previsões com uma nota alto-astral: “Estou interessado em ver para onde ela vai, como ela amplia o brilho de *Back to Black*. Ela poderá ter desafios futuros em sua vida pessoal, mas a música dela é uma coisa a respeito da qual nunca terá de se preocupar porque ela sabe escrever canções brilhantes. Então ela estará sempre bem”.

Amy sonha com a maternidade e com outros discos, porém, mais importante que qualquer uma dessas aspirações deverá ser readquirir algum controle sobre sua vida. Com as questões de bebidas e drogas, junto com a prisão preventiva de Blake, 2007 a desafiou em muitas frentes. Deve ter parecido uma batalha horivelmente solitária para ela. Entretanto, deve-se esperar que ela se lembre de que não está sozinha. Ela pode ter problemas, mas o que também tem em abundância é uma estrutura de apoio. Mais perto de casa estão os pais dela, que se conduziram com uma dignidade comovente durante tempos imensamente difíceis. Para qualquer genitor, ver o filho lutando como Amy tem lutado deve ser extraordinariamente doloroso.

Quando o drama inteiro é apresentado ao olhar público, o desafio fica multiplicado. Sempre solidário a Amy, também, é o irmão Alex, e amigos como Juliette Ashby. Mal ou bem, ela tem também o marido Blake, que, independentemente das controvérsias em torno dele, pode ser amoroso e dar apoio. Durante suas aparições no tribunal, foi notável que o marido preso

normalmente perguntasse a Amy “Você está bem?”, antes de ela perguntar a respeito do bem-estar dele.

Amy tem também apoio longe de casa. Teria sido fácil para ela esquecer, enquanto a mídia a perseguia durante 2007 e até em 2008, quando ela chegou às manchetes por temporariamente tingir o cabelo de louro e pelo papel de estrela em “crack pipe video storm”, que o país está cheio de amor e respeito por ela. Não importa quanto a mídia queira derrubá-la, o homem e a mulher comum, na rua, ficariam felicíssimos em vê-la longe dessas atribulações e voltar com um excelente disco novo e uma turnê triunfante para promovê-lo. Ela tem um lugar especial nos nossos corações, coisa que falta a outros astros “perturbados”, como Pete Doherty. Todo mundo, com exceção de um pequeno bando de seguidores, gostaria que ele simplesmente desaparecesse. Entretanto, o público britânico reconhece um tesouro nacional quando o vê, e assim é Winehouse.

Ganhadora do Grammy, sensação comovente, moça corajosa, figura materna para todos os amigos e beleza pura: sabemos que ela é maravilhosa.

